

organizadores

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Flávio Menezes Santana

Jennifer Paola Pisso Concha

Metodologias e Subjetividades

Relatos
de pesquisas
em Cultura
Contemporânea



organizadores

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Flávio Menezes Santana

Jennifer Paola Pisso Concha

Metodologias e Subjetividades

Relatos
de pesquisas
em Cultura
Contemporânea



 pimenta
cultural
2024
São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M593

Metodologias e subjetividades: relatos de pesquisas em Cultura Contemporânea / Organização Aline Wendpap Nunes de Siqueira, Flávio Menezes Santana, Jennifer Paola Pisso Concha. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-884-3

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.98843

1. Cultura contemporânea. 2. Comunicação e mediações culturais. 3. Metodologias. 4. Subjetividades. 5. Folkcomunicação. 6. Netnografia. I. Siqueira, Aline Wendpap Nunes de (Org.). II. Santana, Flávio Menezes (Org.). III. Concha, Jennifer Paola Pisso (Org.). IV. Metodologias e subjetividades: relatos de pesquisas em Cultura Contemporânea.

CDD: 306.4

Índice para catálogo sistemático:

I. Cultura contemporânea

Simone Sales – Bibliotecária – CRB: ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Vuang, rawpixel.com - Freepik.com
Tipografias	Abril Display, Acumin Pro
Revisão	Bianca Biegging
Organizadores	Aline Wendpap Nunes de Siqueira Flávio Menezes Santana Jennifer Paola Pisso Concha

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa de Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willering
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginiski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidade Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Prefácio	11
Apresentação	13
Uma outra apresentação sobre a disciplina, a professora, as fortes emoções e os muitos aprendizados	15

PARTE I

CONEXÕES E AFETOS	18
-------------------------	----

CAPÍTULO 1

Antonio Cleber Zequetto

Desvendando a cultura contemporânea: reflexões sobre subjetividade e experiências compartilhadas	19
---	----

CAPÍTULO 2

Jennifer Paola Pisso Concha

Websites como mundos possíveis de trajetórias netnográficas entre história, memória e identidade das sociedades contemporâneas	27
--	----

CAPÍTULO 3

Flávio Menezes Santana

Possibilidades metodológicas da pesquisa em Folkcomunicação.....	37
--	----

PARTE II

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS
METODOLÓGICAS51**

CAPÍTULO 4

Flávia Caroline Taques Ferreira

Lilian Bazzi

Michelle Leite de Barros

**Afinando os métodos etnográfico,
netnográfico e auto-etnográfico..... 52**

CAPÍTULO 5

Marcia Cristina Verdego Gonçalves

**Adolescentes sob fogo cruzado:
um estudo sobre suicídio,
educação e redes sociais 61**

CAPÍTULO 6

Laura Ferreira da Silva

Lemarcia Ferreira da Silva

**Cartografias sociais da comunidade
Mutuca do quilombo do Mata-Cavalo (MT) 70**

CAPÍTULO 7

Fernanda Lima Zanata

Evelyne Podolan

Valéria Ferreira

**Redes sociotécnicas e a conexão entre
pesquisas, agentes e agenciamentos..... 77**

CAPÍTULO 8

Gabriel Aparecido Anízio Caldas

**O avanço tecnológico e o futuro
do trabalho em Mato Grosso83**

CAPÍTULO 9

Ivoneides Batista do Amaral

**O modernismo na cultura
popular mato-grossense:
reflexos na Dança dos Mascarados.....91**

CAPÍTULO 10

Luiz Guilherme Santos Vieira

Estudo de caso do festival 'Grito Rock':

caminhos para se entrar no eixo 95

CAPÍTULO 11

Vinícius da Cruz

**Etnografia das rezas cantadas
de Poconé/MT:**

estratégias dos líderes de cultura popular preta 108

CAPÍTULO 12

Alex Paulo Teixeira de Souza

Aline Celestina dos Santos Silva

Renan Costa de Negri

**Emoções, identidades, ideologias
e projetos de vida:**

a música como conexão 114

CAPÍTULO 13

Maria de Lourdes Fanaia Castrillon

Solange Fátima de Oliveira Cruz

Maria Teresinha Dias Curvo

Vânia Auxiliadora Siqueira Ojeda

**Aspectos culturais das ações
humanas em grupos sociais**

..... 123

CAPÍTULO 14

Gisela de Oliveira Gusmão

**Pesquisa narrativa e sua contribuição
metodológica ao estudo sobre os impactos
da música (pós) minimalista na prática
do "Qi Gong - Liu Zi Jue"**

..... 135

CAPÍTULO 15

Lairce Aleluia de Campos

**Fotoetnografia sobre culinária popular
de Nossa Senhora do Livramento (MT)**

..... 150

Índice Remissivo..... 168



PREFÁCIO

Nada escapa ao escopo da cultura. Das pequenas práticas de nossos cotidianos aos grandes eventos festivos, interações esportivas e espetáculos artísticos, tudo é cercado e entremeadado pelas complexas redes de significados que constituem as culturas. A alimentação, a religião, o vestuário, os espaços de trabalho, de tratamento e de entretenimento, nada disso escapa aos ditames da cultura – nem dos olhares curiosos daqueles que a estudam.

Estudar os desdobramentos das ideias de cultura, sujeito e sociedade é um desafio, mesmo em vista das amplas contribuições oferecidas por inúmeros pesquisadores ao longo das últimas décadas. Compreendemos, em linhas gerais, os “blocos” de normatização que nos constroem enquanto agentes individuais e integrantes de uma edificação social; compreendemos que todos, simplesmente por existirmos em dado contexto, rejeitamos e reforçamos e dialogamos com várias culturas. Entretanto, as maneiras pelas quais pessoas e culturas captam influências e compõe suas próprias definições de si são tão variadas, que é seguro sugerir que nossos tópicos de interesse não cessam de crescer e se diversificar, exigindo de nós cada vez mais miradas atentas e abordagens questionadoras.

Atuando na coordenação do PPGECO/UFMT, tenho a oportunidade de testemunhar a emergência dos frutos deste trabalho intenso de discentes e docentes: a ampliação, a multiplicação e a diversificação de vozes emitidas nos espaços da academia. Enquanto é inegável que a universidade brasileira surgiu como um núcleo segregado para os grupos privilegiados, mantendo ainda muitos contornos elitizantes na atualidade, também é visível que esforços robustos têm sido realizados para fazer com que a população de nossos corredores, laboratórios e salas de aula reflita a complexidade de diferentes culturas.



S U M Á R I O

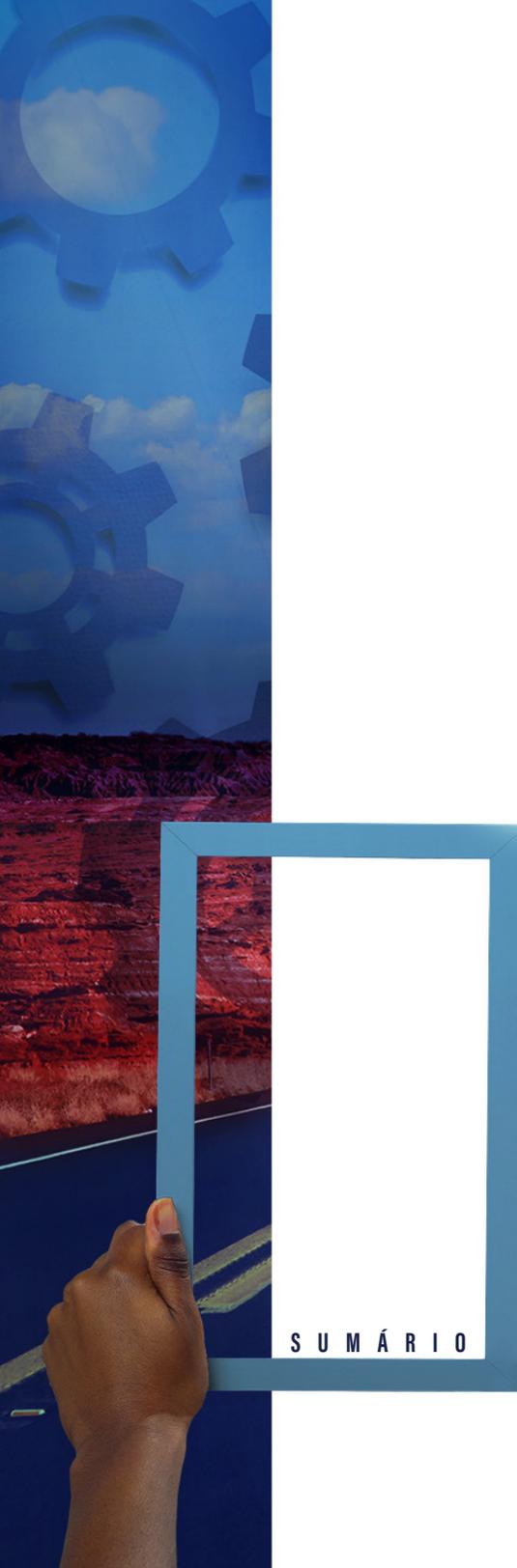
Não é mais possível ou desejável nos apegarmos aos aspectos mais excludentes de nossa cultura institucional, visto que se desejamos atingir os objetivos maiores da instituição de ensino superior: produzir bibliografia vasta e crítica, formar e capacitar, sim, mas também olhar atentamente para o mundo ao redor do campus, dialogando com ele e o acolhendo, em uma interação na qual ambos são revalorizados e ressignificados.

Os textos aqui reunidos são produto da disciplina “Laboratório de métodos para compreensão da Cultura e Subjetividade”, ministrada pela professora Aline Wendpap Nunes de Siqueira. Estes trabalhos discutem uma ampla gama de temas, e seus fios condutores incluem a música, a dança, os esportes, tradições, territorialidades e redes sociais, introduzindo as abordagens metodológicas escolhidas para contemplar as especificidades dos problemas apresentados. Espero que esse belo mosaico de pesquisas possa ser lido ainda muitas vezes no futuro, idealmente oferecendo perspectivas e encorajando novas pesquisas.

Profa. Dra. Maristela Carneiro

Coordenação PPGECCO-UFMT

Estudos de Cultura Contemporânea



S U M Á R I O

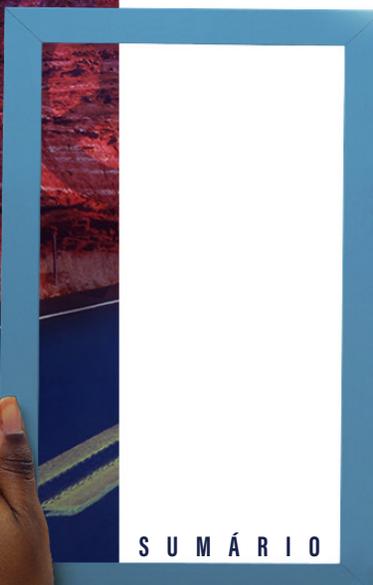
APRESENTAÇÃO

As motivações inspiradoras desta publicação foram as discussões levantadas durante, juntamente com os textos finais da disciplina "Laboratório de métodos para compreensão da Cultura e Subjetividade", ocorrida entre agosto e outubro de 2021, em período pandêmico e conduzida por mim. Não fosse pelos recursos do PROAP, de auxílio a publicações, esse sonho nunca teria se realizado, portanto, agradeço ao PPGECCO a oportunidade e a PROPG - Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso pela disponibilização dos recursos.

Vejo esta como uma experiência ímpar, talvez pelo tema abordado e/ou pela especificidade da congregação entre estudos metodológicos e subjetividades, tal como aponta a fala de algumas das cursistas, que exprimem o seguinte "essa disciplina nos impactou sobremaneira e nos conduziu a profundas reflexões a respeito do papel do pesquisador nas ciências sociais". Posto que, de certa forma, esse movimento ainda é raro na academia, e, por isso mesmo, o encaro como relevante.

Outro fator que entendo como diferenciador foi a efetiva e vívida participação de dois jovens pesquisadores, Jennifer Paola Pisso Concha (doutoranda) e Flávio Menezes Santana (mestre), no decorrer das aulas, demonstrando que não é preciso ter título de doutor para realizar estudos aprofundados, mas que o principal é ter paixão, curiosidade, interesse e foco. Assim, e por conta de suas leituras de mundo cuidadosas, delicadas e afetuosas, convidei ambos a compor comigo, a equipe de organização deste *e-book*.

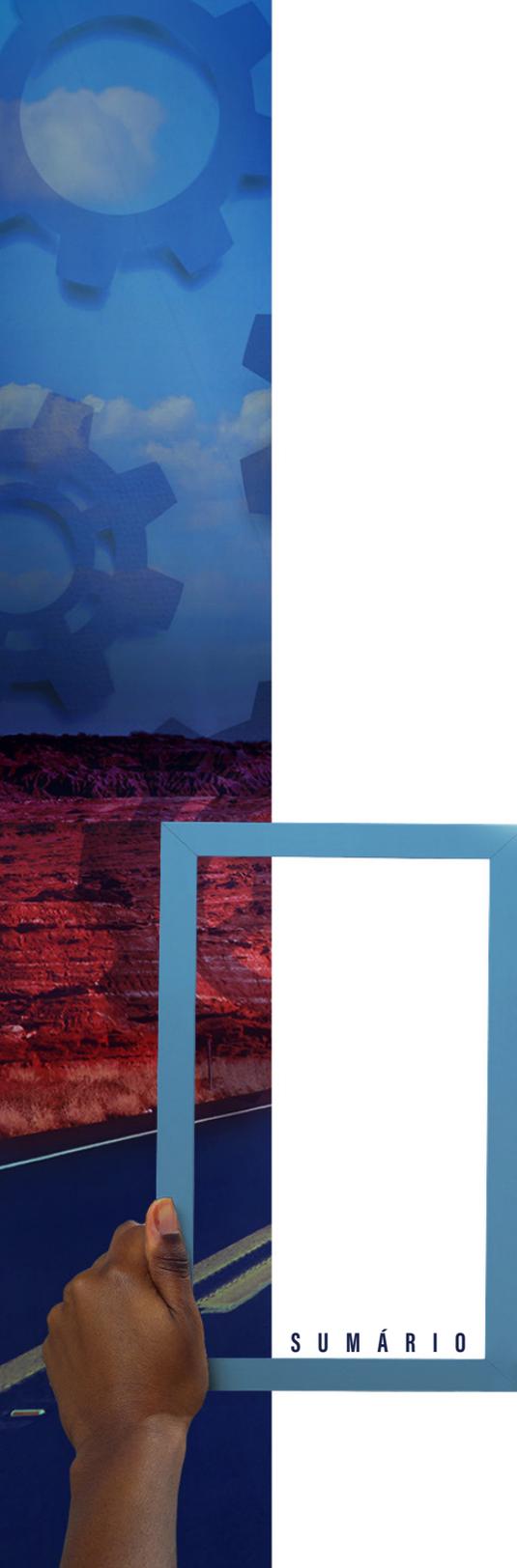
Esta obra está dividida em duas partes, a primeira trata das conexões e afetos estabelecidos antes, durante e depois do percurso



S U M Á R I O

da disciplina, enquanto a parte II traz os relatos de experiências metodológicas e presta-se, sobretudo, a apresentar as pesquisas dos discentes que participaram da referida disciplina. Ressalto os textos de Jennifer Pisso e Flávio Menezes Santana, que enquanto colaboradores, evidenciam a netnografia e a folkcomunicação como metodologias inclusivas, interdisciplinares e propulsoras de melhores investigações científicas. Enfim, o leitor terá ao longo desta publicação: exposições sobre pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso; reflexões sobre a importância dos processos metodológicos e compartilhamento de experiências que podem inspirar pós-graduandos, pesquisadores e outros interessados na elaboração de seus próprios percursos metodológicos.

Profa. Dra. Aline Wendpap Nunes de Siqueira

A hand holding a blue frame over a landscape with gears in the background. The frame is empty, and the word 'SUMÁRIO' is written at the bottom.

S U M Á R I O

UMA OUTRA APRESENTAÇÃO SOBRE A DISCIPLINA, A PROFESSORA, AS FORTES EMOÇÕES E OS MUITOS APRENDIZADOS

Escrever esse texto sobre a disciplina “Compreensão da cultura e subjetividade” ministrada pela Professora Aline Wendpap Nunes de Siqueira, no segundo semestre de 2021, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso, fez-me reviver memórias profundamente afetivas, impactantes e ancestrais. Sem deixar de lado o rigor metodológico que a Academia exige, que a Ciência necessita e que a Pesquisa determina, os conteúdos das aulas foram desenvolvidos com muitas trocas, partilhas e produções de conhecimento.

Todas essas brilhantes marcas deixadas pelas aulas foram sentidas desde o primeiro encontro, ocorrido pelas telas do computador ou do celular dos alunos. Sim, o contexto era pandêmico, continuávamos em isolamento social e realizando os afazeres da vida por meio dos ambientes virtuais. Mas, mesmo assim, conseguimos aprender, conhecer, interagir, sentir e nos conectar profundamente com o propósito da disciplina: ser um Laboratório de Metodologias.

Uma das metodologias trabalhadas conosco foi a Folkcomunicação que nos ensinou sobre descolonizar nossas opções das



S U M Á R I O

metodologias tradicionalmente conhecidas e nos encorajou a visualizarmos outras possibilidades de caminhos de pesquisa.

Uma observação importante, sempre destacada pela Professora Aline para nossa turma, foi da consideração pelas metodologias, métodos e referenciais conhecidos e já usados por nós ou nas nossas áreas de pesquisa. Ou seja, conhecer outras possibilidades não anula a importância do que já foi posto ou está posto. Até porque é preciso entender o quadro teórico que a pesquisa está inserida, o qual depende do objeto de pesquisa e das experiências pessoais.

Olhar para nossas subjetividades é tão importante quanto conhecer o objeto de nossas pesquisas. Os caminhos de uma pesquisa cartográfica em Ciências Humanas apresentados na disciplina também nos orientaram sobre metodologias de transmissão mais horizontais, em que é possível produzir juntos com os pesquisados. É música que esparrama.

Se “escrever é uma passagem de vida, que atravessa o visível e o vivido” (Deleuze, 1997, p. 11), é importante entendermos que pesquisar é intervir na realidade e não apenas representá-la. Ainda que, entendemos que nem sempre nossos trabalhos apresentem soluções, mas podem mostrar caminhos para os atores sociais.

Essa foi uma das inúmeras provocações feitas pela professora Aline em suas aulas. Com muito afeto ela foi nos presenteando com ensinamentos que nos cutucaram, mas também nos abraçaram ao dialogarmos sobre as limitações de cada um, os desafios, os contextos que nos compõem e nos atravessam. Por várias vezes, me senti “vazando por todos os lados”, parafraseando Donna Haraway. Sendo assim, como pesquisadora, é preciso que eu esteja atenta para os vazamentos que podem ocorrer no processo de minha produção de conhecimento.

A disciplina contribui muito para meus aprendizados enquanto pesquisadora de educomunicação, de estudos



S U M Á R I O

afro-referenciados, de comunicação, educação e cultura contemporânea. Apreendi o quão importante conseguirmos afetar e nos deixar sermos afetados com as vivências das relações humanas. Internalizei o quanto é bom produzirmos conhecimento considerando as nossas humanidades, as nossas dores, mas também as nossas alegrias. Fico na torcida que esse jeito de ensinar na pós-graduação tenha vez, espaço e tempo. Que a voz da Professora Aline continue sendo ecoada por todos os cantos da academia.

*Por Julianne Caju, Cuiabana de Tchapa e Cruz,
criada no CPA, Mulher Preta, Jornalista, Professora,
Praticante de Corrida de Rua, Aprendiz de Mãe, Mestra
em Educação e Doutoranda do PPGECO/UFMT.*



S U M Á R I O

The image features a hand holding a vertical green bar on the left side. The background is a composite of a road winding through a green-tinted landscape, several large gear icons, and a dark green sky. The text 'parte' is positioned to the left of a large white number '1', and the title 'CONEXÕES E AFETOS' is located in the lower right quadrant.

parte

1

CONEXÕES E AFETOS

1

Antonio Cleber Zequetto

DESVENDANDO A CULTURA CONTEMPORÂNEA:

**REFLEXÕES SOBRE SUBJETIVIDADE
E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS**

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vêm-me do mundo exterior, da boca dos outros, e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formatação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 1997, p. 378).

Em minha jornada como aprendiz, mergulhei profundamente no estudo da subjetividade no contexto acadêmico durante o meu doutorado. Foi uma busca intensa e apaixonada, em que me envolvi para compreender como o mundo exterior molda nossa identidade como pesquisadores e como a interação social desempenha um papel fundamental nesse processo. Cada página lida, cada conversa com colegas e mentores, cada reflexão solitária à luz da madrugada, tudo isso foi permeado por uma paixão ardente por desvendar os segredos da subjetividade humana. E afinal, viver a subjetividade é exatamente essa expressão de si mesmo com e para o outro.

Foi nessa imersão profunda que me deparei com a citação inspiradora de Mikhail Bakhtin, um teórico russo cujas palavras ecoaram dentro de mim, ressaltando a importância da comunicação e da interação com o outro na formação de nossa consciência e representação de nós mesmos. Suas palavras ecoaram como um sussurro reconfortante, lembrando-me de que somos seres essencialmente sociais, e que a nossa compreensão de nós mesmos é sempre entrelaçada com as vozes que nos rodeiam.

Bakhtin nos convida a refletir sobre como tudo o que nos diz respeito, desde nosso nome até as nuances emocionais que nos são transmitidas, vem do mundo exterior e é transmitido pela palavra falada pelos outros. Essa influência da linguagem e das interações sociais na construção da subjetividade é um aspecto essencial a ser explorado e compreendido. Essa perspectiva desperta em mim uma sensação de gratidão e conexão profunda com a complexidade e a beleza da condição humana.



S U M Á R I O

Ao participar da disciplina “Tópicos Especiais em Comunicação e Mediações Culturais: Laboratório de Métodos para Compreensão da Cultura e Subjetividade” fortaleci ainda mais minha compreensão sobre a importância da metodologia nas pesquisas em Estudos de Cultura Contemporânea. O objetivo geral da disciplina foi refletir sobre essa importância e auxiliar os discentes na elaboração de seus próprios percursos metodológicos, a partir das experiências compartilhadas ao longo do curso. Foi uma oportunidade valiosa de trocar conhecimentos, explorar diferentes abordagens e aprimorar minha prática como pesquisador e docente.

Durante o curso, o método cartográfico despertou particular interesse em mim. Como mencionado por Passos, Kastrup e Tedesco (2016), a atenção é uma das pistas desse método, revelando os contornos do funcionamento do olhar durante o trabalho de campo. Essa atenção vai além da seleção do objeto de estudo, abrangendo também os fragmentos, signos e forças circulantes no fluxo cognitivo que se abre durante a pesquisa. As leituras unilaterais e variantes que surgem nesse contexto são fundamentais para compreendermos a subjetividade e suas nuances.

Participar das abordagens temáticas na disciplina potencializou minha prática de pesquisa e me permitiu obter novos alcanços, como o desenvolvimento da minha própria tese, o enriquecimento das experiências acadêmicas e docentes, e a ampliação do meu repertório metodológico. A partir dessas vivências, pude refletir sobre a importância da metodologia na construção do conhecimento em Estudos de Cultura Contemporânea, além de auxiliar meus colegas na elaboração de seus próprios caminhos metodológicos. Com base nos ensinamentos compartilhados, percebo cada vez mais a relevância de abordagens como o método cartográfico para compreendermos a subjetividade e seus desdobramentos no contexto cultural contemporâneo.



S U M Á R I O

Essa compreensão da importância da metodologia para as pesquisas em Estudos de Cultura Contemporânea vai além da mera escolha de técnicas e procedimentos. Envolve uma reflexão profunda sobre como abordar a complexidade da subjetividade humana e como capturar as múltiplas vozes e significados presentes nas práticas culturais.

Neste laboratório de métodos, exploramos diferentes abordagens, discutimos suas potencialidades e limitações e compartilhamos nossas experiências de pesquisa. Foi um espaço de troca e aprendizado, em que cada participante pôde enriquecer seu repertório metodológico e encontrar caminhos adequados às suas investigações.

Ao refletir sobre a importância da metodologia, compreendi que ela não é um fim em si mesma, mas um instrumento que nos auxilia a acessar e compreender a cultura contemporânea de maneira mais profunda e significativa. É através de uma metodologia bem fundamentada que podemos capturar as nuances, as contradições e as transformações presentes nas práticas culturais e nas subjetividades que as permeiam.

Além disso, a reflexão sobre metodologia nos convida a considerar questões éticas e políticas em nossas pesquisas. A escolha de métodos e técnicas não deve ser feita de forma arbitrária, mas sim embasada em uma reflexão cuidadosa sobre os impactos de nossas práticas de pesquisa. Devemos estar atentos ao poder que exercemos ao representar e interpretar a cultura e as subjetividades, buscando uma postura ética e responsável em nosso trabalho.

Nesse sentido, tanto a disciplina em si como meu próprio movimento em torno dos aprendizados desempenharam um papel fundamental em minha formação como pesquisador. Ela me proporcionou ferramentas teóricas e práticas para aprimorar minha abordagem metodológica e me ajudou a refletir sobre o impacto de minhas



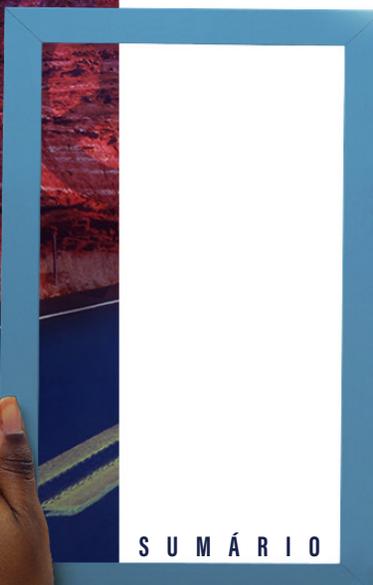
S U M Á R I O

escolhas em minhas pesquisas. Além disso, as experiências compartilhadas pelos colegas contribuíram para ampliar meu horizonte de possibilidades e enriquecer minha visão sobre a relação entre metodologia, cultura e subjetividade.

Neste contexto quero evidenciar o que para mim se tornou mais potente como um reflexo de toda essa trajetória. Ao longo de meu percurso acadêmico, e na minha evolução como profissional de educação e como docente na graduação e pós-graduação do curso de Gestão de Cooperativismo na faculdade Icoop, pude aplicar os ensinamentos da subjetividade em minha prática. Cada aula ministrada, cada palestra proferida e cursos desenvolvidos têm sido uma oportunidade de estabelecer conexões empáticas e autênticas com meus alunos e públicos que alcanço, compartilhando com eles as lições que aprendi durante minha jornada. Assim, sempre busco transmitir a importância de compreender o conceito de subjetividade e sua relação intrínseca com o cooperativismo e as nuances do cotidiano.

Foi com gratidão e alegria que vi meus alunos se envolverem nas discussões e atividades propostas em sala de aula. Juntos, exploramos como as identidades individuais e coletivas influenciam no cooperativismo, reconhecendo que cada cooperativista traz consigo uma história única, perspectivas diversas e uma bagagem de experiências pessoais enriquecedoras. A cada relato compartilhado, a cada momento de vulnerabilidade e abertura, senti-me honrado por fazer parte de suas jornadas de descoberta e crescimento.

Ao discutir a subjetividade no contexto do cooperativismo, mergulhamos ainda mais fundo nas nuances da comunicação. Exploramos como a linguagem molda nossas interações, nossas tomadas de decisão e nossa maneira de construir relacionamentos significativos nas cooperativas. Por meio de estudos de caso e análises críticas, aprofundamos nossa compreensão sobre como as identidades individuais podem influenciar processos de negociação, resolução de conflitos e construção de confiança.



S U M Á R I O

Incentivei meus alunos a refletirem sobre seu próprio papel como agentes de mudança no contexto do cooperativismo, com um coração transbordando de esperança e admiração por suas capacidades transformadoras. Expressei a importância de uma liderança inclusiva e colaborativa, em que cada voz é valorizada e cada perspectiva é reconhecida como uma contribuição valiosa para o fortalecimento das cooperativas. Cada olhar atento, cada expressão de empatia e cada gesto de apoio mútuo foram testemunhos vivos de como a subjetividade e a comunicação são instrumentos poderosos na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Testemunhar o crescimento e o engajamento de meus alunos ao longo do curso foi uma experiência verdadeiramente transformadora. Cada brilho nos olhos, cada palavra de reflexão e cada abraço apertado representaram um momento de conexão humana profunda. A diversidade de identidades e vivências compartilhadas em sala de aula foi celebrada e valorizada como um tesouro precioso, um convite para abraçarmos a riqueza das diferenças e aprendermos uns com os outros.

A partir dessa jornada de estudo sobre a subjetividade e a comunicação no contexto acadêmico, compreendi que não há barreiras para a capacidade humana de aprender, ensinar e crescer juntos. Sinto uma profunda gratidão por cada aluno que cruzou meu caminho, por cada experiência compartilhada e por cada momento de aprendizado mútuo. Essa jornada despertou em mim mais vontade pela busca do conhecimento e pelo poder transformador da educação.

Em síntese, minha jornada de estudo sobre a subjetividade e a comunicação no contexto acadêmico se fundiu com minha atuação como docente e como profissional da educação. Cada passo, cada descoberta e cada troca de saberes foram guiados pelo afeto, pela empatia e pela compreensão da importância de abraçar a subjetividade como um componente essencial da experiência humana.



S U M Á R I O

Sou grato por ter tido a oportunidade de despertar consciências, nutrir corações e plantar sementes de transformação por meio desse conhecimento compartilhado. Que nossa jornada continue a se entrelaçar, iluminada pelo brilho da subjetividade e fortalecida pelos laços profundos da comunicação afetiva.

Finalmente, ao refletir sobre essa experiência, algumas questões permeiam meus pensamentos. Como podemos promover uma cultura de comunicação empática e autêntica em nossas instituições de ensino? Qual é o papel da subjetividade no desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva? Essas perguntas nos desafiam a explorar novas abordagens, a repensar nossas práticas e a buscar constantemente maneiras de fortalecer os laços entre as pessoas por meio da comunicação afetiva.

Nesse sentido, te convido a se envolver nessa reflexão e a se questionar sobre suas próprias experiências e contribuições para a construção de um ambiente mais humano e acolhedor. Que possamos abrir espaço para a diversidade de vozes, para a escuta atenta e para a valorização das experiências individuais. Que possamos reconhecer o poder transformador da comunicação e da subjetividade em nossas vidas e nos comprometemos a cultivar relações autênticas e significativas.

Que essa jornada de reflexão e transformação seja um convite para nos tornarmos agentes de mudança em nossos contextos, promovendo uma cultura de comunicação que valorize e respeite a subjetividade de cada indivíduo. Juntos, podemos construir um mundo mais empático, inclusivo e conectado, onde as vozes de todos sejam ouvidas e celebradas.

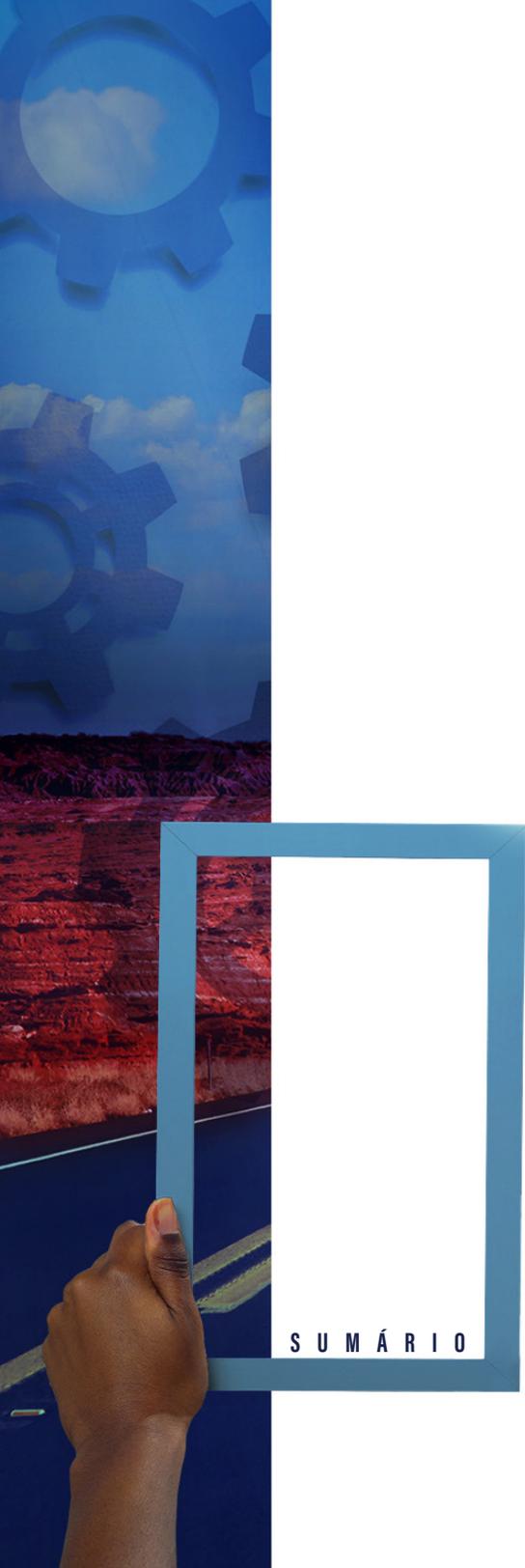


S U M Á R I O

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1997.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento do olhar e os processos de subjetivação. In: PASSOS, E. *et al.* (orgs.). **Pistas do método cartográfico**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2016.

A hand holding a blue frame over a landscape with gears in the background. The frame is empty, and the text 'SUMÁRIO' is visible at the bottom of the frame.

S U M Á R I O

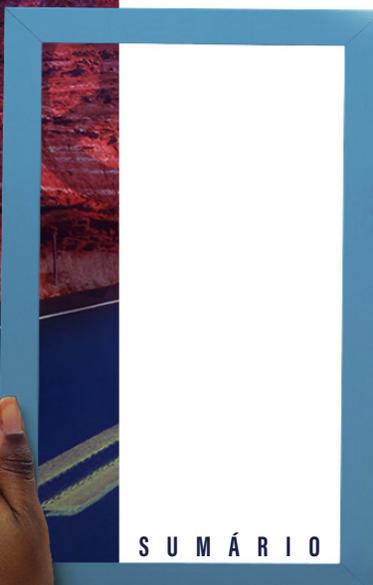
2

Jennifer Paola Pisso Concha

**WEBSITES COMO MUNDOS
POSSÍVEIS DE TRAJETÓRIAS
NETNOGRÁFICAS ENTRE HISTÓRIA,
MEMÓRIA E IDENTIDADE DAS
SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Pensar o ciberespaço como lugar dinâmico e de comunicação (LEÃO, 2004), como mundo possível de ser historicizado, [re] pensado enquanto às questões humanas em meio a um emaranhado digital repleto de informações e mudanças constantes, pode constituir também uma *vitrine* de conhecimento que se envereda naquela tríade: história, memória e identidade (daqui por diante HMI), contribuindo na compreensão de nossas sociedades contemporâneas. Desse modo, a Netnografia¹ se torna ferramenta metodológica que possibilita ficar atentos às mudanças na história para ser [re]colocada desde determinados *websites* que podem auxiliar em nossos estudos de pesquisa que percorrem o trabalho de história[s] e o dever de memória (RICOEUR, 2007). Aliás, o avanço tecnológico e desenvolvimento das Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (NTIC) têm possibilitado novas maneiras de nos aproximarmos ao passado, ou seja, nos depararmos à complexidade de práticas netnográficas conscientes para encontrar, no uso dos entornos digitais, outros “textos” que admitem criar e compartilhar conhecimento[s].

Repare-se, destravar o ‘emaranhado digital’ não é uma perspectiva romancista, porque para mergulhar pela internet também é preciso compreender os quadros sociais (HALBWACHS, 2004), regimes memoriais, disputas históricas que se enveredam em processos de remediação² (GRUSIN; BOLTER, 2000), porém, suportados em uma proposta netnográfica (KOZINETS, 1998; FRAGOSO *et al.*, 2011; PISSO CONCHA, 2019), conseguimos testemunhar a aparição de diversos projetos digi-



S U M Á R I O

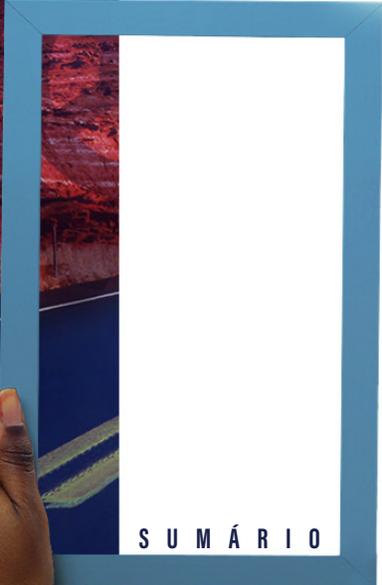
- 1 Neologismo (net + etnografia), cunhado na metade dos anos 90 e popularizado por Robert Kozinets (FRAGOSO *et al.*, 2011, p. 173). Segundo Kozinets, o termo Netnografia demarca e pontua as diferenças do método etnográfico adaptado ao ciberespaço, seja na coleta de dados, de ética e análise de pesquisa. Nesse sentido, o netnógrafo[a] tenta compreender muito além de descrições, observando as dimensões simbólicas e históricas envolvidas no ciberespaço.
- 2 Compreendido como processo em que um meio passa a ser transformado por outro meio. Desse modo, os *websites* na fase de pesquisa (mediação A), logo a arquitetura visual e *design* (mediação B) e a perspectiva do “eu”, netnografa que articula os *sites* sob perspectiva HMI (mediação C).

tais que favorecem a história digital, talvez uma virada de como fazer história[s] sob critérios éticos de pesquisa e como seres humanos.

Em consequência, sob exercício netnográfico apresentam-se três exemplos de projetos digitais que seguindo o fio da História também tecem naquele emaranhado digital a Comunicação, os Estudos de Cultura e a Memória Social, com o intuito de [re]pensar a HMI desde a influência do digital nas nossas sociedades contemporâneas. Assim, as *web-história[s]*³ dão conta da complexidade da vida humana, não obstante, permitem estabelecer relações entre o representativo e o tempo social (PROST, 2014) "aparentemente" imbricado em outro tempo e espaço sem fronteiras. Aparece a disposição um novo espaço rizomático, imagético e *hipermedia*⁴ que concede aos pesquisadores abrir seu leque de fontes, e escavar no tempo e sobre outros tempos.

TRAJETÓRIA NETNOGRÁFICA HMI

Com efeito, a partir do percurso netnográfico, discutiremos a tríade HMI sob perspectiva dos *websites*: "As filhas da água", "Dita-mapa" e "A mulher através do tempo", segundo processo de remediação e critérios de validação⁵ para escolha das *web-história[s]*.



S U M Á R I O

- 3 Compreenda-se como o material 'fixado' na *web* em diversos formatos para contar, narrar um evento determinado.
- 4 Na *hipermedia* "não existe um centro único, mas sim um conjunto dinâmico composto pelos *links*, *sites*, páginas, máquinas, homens, instituições etc." (LEÃO, 1999, p. 73).
- 5 Validados a partir dos critérios: a) ser projeto digital; b) dialogar em termos de HMI; c) ser projetos construídos recentemente; d) ter uma *interface* intuitiva; e) projetos que contribuem ao debate latino-americano.

Tabela 1 - Ficha técnica dos *websites*

<i>Website</i>	<i>Descrição</i>	<i>Autores</i>	<i>País</i>
"As filhas da água" (2021). Disponível em: http://especiales.sostenibilidad.semana.com/las-hijas-del-agua/index.html	Trata-se de uma exposição artística sobre as histórias das mulheres retratadas de quatro comunidades indígenas colombianas, a partir de um diálogo dentre as artes e o jornalismo (Tradução minha).	Ana González (artista) y Ruven Afanador (Fotógrafo).	Colômbia
"Ditamapa" (2021). Disponível em: https://ditamapa.desvirtual.com/pt/	Contém graficamente os lugares da memória da ditadura do Brasil, tais como, ruas, avenidas, pontes e viadutos com nomes dos presidentes militares do país.	Giselle Beiguelman (arquiteta, curadora, artista) e Andrey Koens (artista, mestrando em Artes Visuais no Instituto de Artes da Unesp).	Brasil
"A mulher através do tempo" (2016). Disponível em: https://interactive.unwomen.org/multimedia/timeline/womensfootprintinhistory/es/index.html#section01	Apresentam-se sucintamente as pegadas históricas da mulher temporalmente. (Tradução minha).	ONU Mujeres (organização que promove a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres).	Escritório dos Estados Unidos

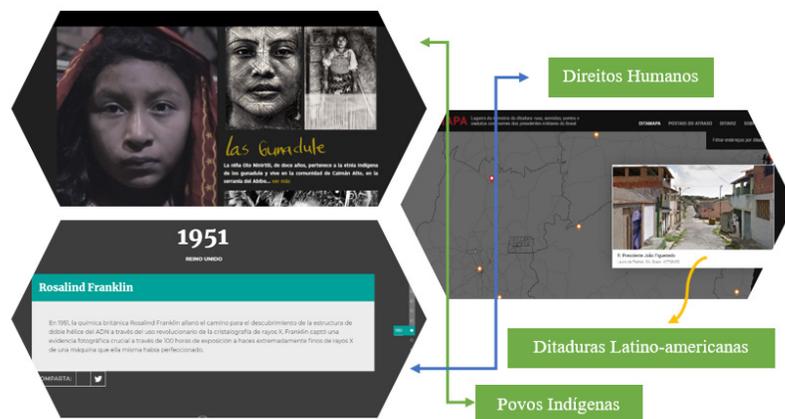
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2021.

Destarte, a tabela 1 permite metodologicamente, sob olhar da Netnografia, uma primeira aproximação às temáticas desenvolvidas nas *web-história[s]*, indagar pelo ano de publicação do projeto digital, conhecer os produtores culturais e seu local de fala, além do país da produção, pois contribui em localizar geograficamente e contextualizar os tópicos segundo o tempo e espaço.

Ora, os *websites*, desde a sua *interface* (mensagem) visual, contribuem para um diálogo HMI que permite trazer à tona pesquisas históricas sobre os povos indígenas, as ditaduras latino-americanas

e a luta pelos Direitos Humanos. O olhar sensível de cada uma das vozes *hipermedia* (fotografia, texto, vídeo, mapa, som) (PISSO CONCHA; PRZYBYLSKI PAVÃO, 2021), reflete sobre as experiências vividas e [re]transmitidas; os rastros/marcas que ficam ao longo do tempo; e arquivos memoriais como grandes fontes de análises sob diversas perspectivas que podem enriquecer o método histórico e daqueles que são o objeto da história que se escreve (PROST, 2014).

Imagem 1 - Interface dos websites



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2021.

Certamente, um aprofundamento maior nas *web-história[s]* poderia desvelar a necessidade de leitura consciente equacionada no nível de escuta atenta; segundo Aranguren (2008), é importante considerar “uma ética da escuta”, portanto, “uma ética da leitura”, já que esses lugares da memória (NORA, 1992) e locais de fala têm uma trajetória comum e diferenciada: os três exemplos olham para grupos subalternizados ao longo dos anos e as iniciativas digitais apresentam uma quebra nas memórias oficiais, articulando outros saberes que estimulam a compreensão da realidade intersubjetiva daquilo que é dito (CARR, 1986).

Por esta razão, os projetos digitais mencionados são conhecimentos tanto do passado quanto do presente (PROUST, 2014), no esforço de posicionar o problema da temporalidade a partir das diferentes expressões sociais de nosso mundo presentista interrelacionado com a aceleração da vida, suas *nuanças*, mudanças e o tempo social atualizado rapidamente (HARTOG, 2017).

Contudo, [re]pensar as *web-história[s]* desde o papel da mulher ao redor do mundo e no *continuum* do tempo; as particularidades das quatro comunidades indígenas registradas como “As filhas da água” na Colômbia e as ruas brasileiras como lugares de memória; chamam a nossa atenção para descortinar as memórias do poder e destravar outras rotas de pesquisa netnográfica, como é exemplificado na tabela 2.

Tabela 2 - Exemplo de possibilidades de estudo netnográfico dos *websites*

Website	O foco dos produtores culturais	Nova trajetória netnográfica, a partir das <i>web-história[s]</i>
“As Filhas da água”	A mulher na cultura indígena da Colômbia, através da fotografia.	Desvelar rasgos culturais (diferenças e particularidades), a partir de material produzido pelas quatro comunidades indígenas no ciberespaço.
“Ditamapa”	Ditadura no Brasil através de ruas e avenidas localizadas pelo <i>Mapbox</i> .	A partir dos lugares físicos sinalizados pelo <i>Mapbox</i> , fazer a historização dos rastros e [re]significações nesses lugares, através das mídias digitais.
“A mulher através do tempo”	Percurso histórico sobre o papel da mulher através da <i>interface</i> interativa (Percurso de rolagem e som).	Mapear <i>sites</i> locais sobre mulheres que, desde o entorno local (bairro), contribuem à sororidade e empreendimento de lideranças.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2021.

Note-se que, as temáticas expostas também se inserem em uma [re]construção de memória cultural baseada em vários meios e fins que também permitirmos pensar em nossas referências ao

eterno, amnésico, apático e afetivamente embotado presente no mundo globalizado, consumista e “bombardeado” de informações (HUYSEN, 2000); precisando espaços para entender/refletir, sobretudo aquilo que é enxergado através das “janelas da *internet*”.

Desse modo, naquela busca da história[s] como “chafariz de sentidos”, de disputas sociais e usos do passado (HARTOG; REVEL, 2001), as vozes *hipermedia* tornam-se em outras fontes de apoio netnográfico para nossos objetos de estudo, e o ciberespaço é outro lugar para analisar e compreender não apenas os jogos da memória e as identidades, mas também a história como valor coletivo e prática social (KNAUSS, 2008). Atualizar as temáticas/problemáticas imersas nos *websites* significa ir por trás dos sentidos do conhecimento historiográfico para o nosso tempo. Isto é, articular os usos públicos do passado, da memória e do trabalho do pesquisador na [re]construção do passado presente e as suas narrativas históricas.

Além do mais, isto implica na ampliação dos meios de representação do “passado prático” pelos efeitos da aceleração social e pela globalização das memórias sociais e nacionais (TURIN, 2018; WHITE, 2014), e também refletir que os *websites* mencionados dão conta das demandas de memória e dos contínuos “combates comunicativos” em novas linguagens (HABERMAS, 1993) que permitem legitimar a luta e resistência dos povos indígenas, a luta pela igualdade homens e mulheres, e a luta por manter a memória viva de nossos “mortos sem sepultura” (VIOLI, 2020).

Desse modo, HMI exemplificado desde os três *websites* permite constar que a história toma posse da memória (legitimação do discurso do passado) e as memórias coletivas tomam posse da história (objeto historiográfico) (RICOEUR, 2000; CANDAU, 2006) sob critérios éticos na produção/resultados das narrativas e a produção do saber netnográfico.



S U M Á R I O

NOVOS RUMOS

Cabe lembrar que, se as metodologias tradicionais de pesquisa transitam o território físico nas últimas décadas do século XX, o território digital impõe novos desafios na sua compreensão, abrindo novos rumos de estudo. Assim, olhar para o ciberespaço sob perspectiva netnográfica admite visualizar uma polifonia de vozes *hipermedia* que, através de processos de remediação, permitem a compreensão da produção de narrativas que coexistem tanto em um horizonte de relações humanas e políticas, quanto em espaços híbridos (físico-digital); parte de nosso cotidiano contemporâneo. Atente-se que as fontes veiculadas pelas *web-história[s]*, além de ser objeto de análise, podem ser confrontadas com outras fontes escritas e orais.

Portanto, HMI não são fixas, mas mundos possíveis de serem relacionados, reconstruídos, transformados, elaborados de várias formas e através dos traços de práticas sociais que estão inseridas em um contexto específico. Isto é, prestar atenção naquilo que sustentam os produtores nas imagens que enunciam e na construção de narrativas do “passado prático”, pois os lugares de memória digital também revelam objetos e sujeitos de interesse para nossos estudos de pesquisa.

Enfim, nesse ciberespaço, a História-Memória-Identidade é articulada a certas finalidades e estratégias de arquivamento netnográfico, que no caso das “Filhas da água”, “Ditamapa” e “A mulher através do tempo”, levamos para uma aldeia global que nos permite refletir e analisar uma dada época, definindo quais são os sujeitos que nela vivem, como é representada e através de que percursos técnicos-digitais é exibida a narrativa histórica que mapeia as nossas identidades, tomará, sem homogeneizar os eventos ocorridos, entendendo suas particularidades e sob exercício de alteridade das diversas cartografias humanas. Eis, a possibilidade de aproximarmos ao passado[s] e passearmos por três entornos digitais como



S U M Á R I O

testemunhas que também se pode criar e compartilhar conhecimento histórico-netnográfico desde o ciberespaço.

REFERÊNCIAS

ARANGUREN, Juan Pablo. El investigador ante lo indecible y lo inenarrable (una ética de la escucha). **Nómadas (Col)**, v. 1, n. 29, p. 20-33, oct. 2008.

CANAU, Joël. **Antropología de la Memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

CARR, David. **Time, Narrative, and History**. Bloomington: Indiana University Press, 1986.

FRAGOSO, Suely *et al.* **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GRUSIN, Richar.; BOLTER, Jay. **Remediation**. Understanding New Media. Cambridge, London: The MIT Press, 2000.

HABERMAS, Jürgen. A ideia da universidade: processos de aprendizagem, **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 74, n. 176, p. 111-130, jan./abr. 1993.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos, 2004.

HARTOG, François. Ainda cremos em História. *In*: HARTOG, François. **Crer em História**. Trad. Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 9-31.

HARTOG, François; REVEL, Jacques. (org.). **Les usages politiques du passe**. Paris: EHESS, 2001.

HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. *In*: HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KOZINETS, Robert. On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyber culture. **Advances in Consumer Research**, n. 25, p. 366-371, 1998.

KNAUSS, Paulo. Uma história para o nosso tempo: historiografia como fato moral. **História Unisinos**, v. 12, n. 2, p. 140-147, maio/ago. 2008.

LEÃO, Lucia. **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004.

S U M Á R I O

LEÃO, Lucia. **O Labirinto da hipermídia** - arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1992.

PISSO CONCHA, Jennifer Paola. O que foi deixado no ciberespaço: confissões de uma netnógrafa. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, v. 4, n. 2, p. 152-162, jul/dez, 2019.

PISSO CONCHA, Jennifer Paola; PRZYBYLSKI PAVÃO, Mauren. Da oralidade à voz hipermedia. **Revista Boitatá**, Londrina, v. 15, n. 29, p. 56-73, jan/jun, 2021.

PROST, Antoine. A história como compreensão. *In*: PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 133-152.

RICOEUR, Paul. L'écriture de l'histoire et la représentation du passé. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, Paris, v. 55, n. 4, p. 731-747, 2000.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 27-60.

TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. **Tempo**, Niterói, v. 24, n. 2, maio/ago. 2018.

VIOLI, Patrizia. Los engaños de la posmemoria. **Tópicos del Seminario**. v. 2, n. 44, p. 12-28, out. 2020.

WHITE, Hayden. **The practical past**. Evanston: Northwestern University Press, 2014.



S U M Á R I O

3

Flávio Menezes Santana

POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS DA PESQUISA EM FOLKCOMUNICAÇÃO

Dentro do âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, o estudo da comunicação produz valor social, cultural e político e tem por garantia lugar de destaque no espaço social por esta constituir-se como um dos direitos fundamentais da humanidade que afeta diretamente a participação e inclusão. Em outras palavras, é uma ferramenta que não se materializa sem o desenvolvimento social, já que sempre foi pensada a partir de conceitos, processos e ritmos próprios em vista à participação, o desenvolvimento e a libertação (RINCÓN, 2018; MARQUES DE MELO, 2015).

Por assim dizer, o estudo da Comunicação se baseia em princípios sociais e depende de métodos e técnicas que ajudam a formular e resolver os problemas das investigações científicas na garantia de que o fazer Ciência da Comunicação não se resume aos limites da universidade e que o seu laboratório é a sociedade. Neste ínterim, o conjunto de procedimentos necessários para a pesquisa, em grande parte de abordagem qualitativa, diz respeito às distinções do conhecimento científico de outras formas de conhecimento e às questões que giram em torno da objetividade e da subjetividade e dos princípios éticos envolvidos no trabalho de todo/toda pesquisador/pesquisadora.

Nesta perspectiva, a escolha de métodos e técnicas para a pesquisa em Comunicação requer, antes de mais nada, analisar a natureza do estudo. No âmbito da Folkcomunicação, única teoria da comunicação legitimamente brasileira, as possibilidades metodológicas estão relacionadas ao seu próprio conceito. No entanto, depois das constantes transformações sociais provocadas pela globalização, sobretudo no limiar do século XXI, faz-se necessário entender melhor quais têm sido os principais procedimentos utilizados nas pesquisas desta disciplina.



S U M Á R I O

O INTERESSE DE LUIZ BELTRÃO

O pernambucano Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) foi um jornalista, pesquisador e professor brasileiro que se dedicou ao estudo da comunicação brasileira. Foi responsável pela criação do curso de jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), em 1959, um dos primeiros instalados no nordeste do país. Após a formação da primeira turma, em 1963, Beltrão foi responsável por instalar o Instituto de Ciências da Informação (Inciform), primeiro espaço a incentivar o desenvolvimento de pesquisas científicas em Comunicação dentro de uma universidade, com influência do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (CIESPAL). Mais à frente, em 1965, idealizou a Revista *Comunicações e Problemas* (C&P)⁶, primeiro periódico científico na área da comunicação no Brasil. Em 1967, se tornou o primeiro doutor em Comunicação do Brasil pela Universidade de Brasília (UnB), com a tese *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de ideias*⁷, que “repercutiu intensamente na comunidade acadêmica nacional e internacional, sendo considerada a mais original das contribuições brasileiras à teoria da comunicação” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 339-340).

Os questionamentos que embasam o interesse do Luiz Beltrão surgem a partir de sua experiência como jornalista e seu engajamento com a qualificação profissional e acadêmica diante do “desapreço” com o qual o jornalismo era tratado, problemas que dificultavam a liberdade de difusão de informação e opinião. Na obra

6 A Folkcomunicação foi abordada pela primeira vez na inauguração da C&P, quando iniciava suas pesquisas a respeito do ex-voto sobre um olhar comunicacional.

7 Inicialmente, somente a segunda parte da tese foi publicada devido ao Decreto-Lei n.º 1077/70, que se direcionava à censura de livros na década de 1970. O livro foi intitulado de “Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”. A tese completa só foi publicada em 2001, pela Editora PUCRS, com o título original. Em 2014 foi lançada sua segunda edição.

Iniciação à Filosofia do Jornalismo, o autor investiga o jornalismo, enquanto “atividade essencial à vida das coletividades” (BELTRÃO, 1992, p. 65), para se pensar em metodologias próprias para a difusão de informações a todos os grupos da sociedade. Esse questionamento parte do reconhecimento da isenção do jornalismo que o autor chamou de ortodoxo na realidade dos grupos que não tinham acesso direto aos meios de comunicação.

Quando terminei o primeiro [livro de jornalismo], um fenômeno me apresentou curioso: se o indivíduo é analfabeto, como é que se se forma? Se ele não vai ao cinema e se ele não tem televisão, como é que ele intercambia opinião? (BELTRÃO, 2011, p. 303).

Tanto o trabalho citado (1992) quanto a tese de doutoramento de Beltrão (2001) demonstram que o incômodo do pensador se baseou no jornalismo e na comunicação: 1) a necessidade da qualificação profissional em vista “a eficácia da comunicação coletiva na difusão de conteúdo jornalístico” (FERNANDES *et al.*, 2021, p. 63); 2) a importância da transmissão de mensagens midiáticas para além dos círculos sociais já engajados aos meios.

Tais indagações demonstram o interesse do pesquisador por outras formas de comunicação não ortodoxas, até então negligenciadas pelos comunicólogos (MARQUES DE MELO, 2003), através do folclore e das manifestações populares. Neste aspecto, os estudos evidenciam dois brasis e dois sistemas em confronto, “o sistema da comunicação social, exercido de forma dominante pelos grupos detentores de poder e de capital, e o sistema da folkcomunicação, típico dos inviabilizados desses processos” (FERNANDES *et al.*, 2021, p. 63).

Assim, percebe-se que o objeto da Folkcomunicação está relacionado a noção do folclore enquanto processo dinâmico e feito do povo para o povo (CARNEIRO, 1965); a um público à margem de



S U M Á R I O

duas culturas, uma dominante e outra típica de seu próprio grupo, por isso, marginalizado (PARK, 2017); em um processo de comunicação artesanal e horizontal. Observa-se, portanto, possibilidades metodológicas para o desenvolvimento de um referencial teórico sobre a Folkcomunicação. Para além do jornalismo como fonte inicial de pesquisas de audiência e recepção, dentro do universo da cultura popular, observa-se o potencial dos estudos sobre o folclore desenvolvidos a partir de uma leitura antropológica ou sociológica (SCHMIDT, 2004).

A AUDIÊNCIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO

No que se refere à natureza e à estrutura do processo, a folkcomunicação é:

[...] um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 1980, p. 28, grifos no original).

O conceito acima baseia-se em uma estrutura de grupo e na noção dos líderes-comunicadores do processo da Folkcomunicação, baseado no conceito de líder de opinião proposto pelas pesquisas difusionistas norte-americanas de Lazarsfeld, Berelson, Gaudet (*The People's Choice*), Merton (*Patterns of Influence*) e Katz e Lazarsfeld (*Personal Influence*). Em suma, na perspectiva beltriana, a função dos meios de comunicação é fornecer subsídios para os líderes-comunicadores traduzirem as mensagens para o grupo ao qual pertencem.



S U M Á R I O

Cada agente-comunicador emprega um determinado canal, que, de acordo com suas especificidades, vai dar conta de transmitir suas mensagens. Assim, essa audiência é formada por grupos que, em situação de marginalização social, privados das mensagens disseminadas, não respondem aos apelos dos meios de comunicação, e, em seus espaços sociais, atuam com vocabulário e sintaxe próprios.

- 1) **os grupos rurais marginalizados**, sobretudo devido ao seu isolacionismo geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual.
- 2) **os grupos urbanos marginalizados**, compostos de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso.
- 3) **os grupos culturalmente marginalizados**, urbanos ou, que representam contingentes de contestação aos princípios, ou a estrutura social vigente (BELTRÃO, 1980, p. 40, negrito no original).

Este último grupo foi subdividido em: messiânico, político-ativista, erótico-pornográfico, grupos “[...] que podem ter acesso a esses meios [meios de comunicação], mas quando o fazem, mantêm as características de sua cultura e não a da sensibilidade típica dos veículos massivos” (FERNANDES *et al.*, 2021, p. 64), um tensionamento que, embora percebido, não foi explorado.

Portanto, Beltrão (1992, 2001, 1980) utilizou diferentes paradigmas e teorias, a partir de métodos e técnicas adequadas aos estudos comunicacionais que abrangem emissor, receptor, canal e efeitos (CASTELO BRANCO, 2013). Sobre isso, é importante considerar que a noção de marginalidade apresentada por Beltrão (1980) nos ajuda a entender, identificar e definir os grupos que fazem parte da audiência folk. No entanto, é necessário levar em consideração maiores questionamentos a respeito da prática midiática massiva e do quanto esses grupos são constantemente mal representados

nos espaços midiáticos a partir de uma lógica capitalista dominante (SANTANA, 2020).

Para isso, é necessário aprofundar o entendimento da estrutura social vigente e pensar em novas ferramentas metodológicas para que não se perpetue a invisibilização de tais grupos nas próprias pesquisas científicas. É a partir desta perspectiva que se observa o potencial da teoria como uma própria metodologia transdisciplinar (SCHMIDT, 2004), já que é primordial se ater à noção da perspectiva social em torno das atualizações e recentes contribuições da Sociologia, da Geografia, da História e das Ciências Políticas, que aportam na compreensão do processo de desenvolvimento social e marginalização.⁸

Para a coleta de dados empíricos, destaca-se a observação participante como técnica primordial para a pesquisa folkcomunicação. Conforme Ecléa Bosi (1979), a observação participante é a mais completa dos fenômenos. “Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida” (BOSI, 1979, p. 2).

Conforme o próprio Beltrão: “[...] eu convivia com eles [grupos marginalizados], sentia os seus problemas e isso me levou, aos poucos, a entender certas linguagens, certos modismos, certas expressões que, talvez, escapasse a outro desprevenido” (BELTRÃO, 2011, p. 301-302). Ou seja, a pesquisa exige que se tenha “[...] uma

8 Sobre isso, é importante considerar que a pesquisa de Luiz Beltrão apresenta algumas problemáticas epistemológicas, já que utiliza conceitos marxistas e tinha como linha investigativa o funcionalismo e o difusionismo norte-americano. Por considerar o ‘desvio ideológico’ e uma certa confusão de ordem epistemológica (AMPHILO, 2013), entende-se que as pesquisas posteriores não só se utilizam de ambas as vertentes ideológicas utilizadas por Beltrão como também se isentam de resolver esse problema epistêmico. Para um melhor esclarecimento, sugere-se a leitura da tese de lury Parente Aragão (2017).

compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes” (BOSI, 1979, p. 2).

Essa observação participante serviu de base para o mapeamento e a delimitação de técnicas de coleta de dados. Destacam-se, então: 1) pesquisa bibliográfica específica; 2) pesquisa bibliográfica histórica e contextual; 3) pesquisa documental; 4) entrevistas e coleta de depoimentos; 5) análise (ARAGÃO, 2015).

A NOVA ABRANGÊNCIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO

No limiar do século XXI, as questões que envolvem o cruzamento entre o popular e o moderno permitiu que a Folkcomunicação, ao contrário do que muitos acreditavam, expandisse seu arsenal teórico-metodológico e pudesse enxergar como se estabelecem e as interações simbólicas, a partir de uma apropriação cultural dos conteúdos de caráter popular nos meios de comunicação de massa. Esse avanço é fruto de pesquisadores que seguiram com os estudos na área, em consideração, principalmente, ao próprio criador da teoria que antecipadamente indicou que seu trabalho ainda possui algumas questões não acabadas e que essa responsabilidade caberia aos próximos estudiosos que se propusessem a levá-la adiante (BELTRÃO, 2011).

A ampliação, especificamente, se dá a partir da abrangência proposta por Roberto Benjamin (2000), que é recorrente na observação da coexistência e confronto dos dois sistemas de comunicação anteriormente apresentados: o sistema de comunicação e as redes informais de comunicação popular. Ou seja, “as manifestações da mídia (cultura de massa) que adotam, em sua difusão, os



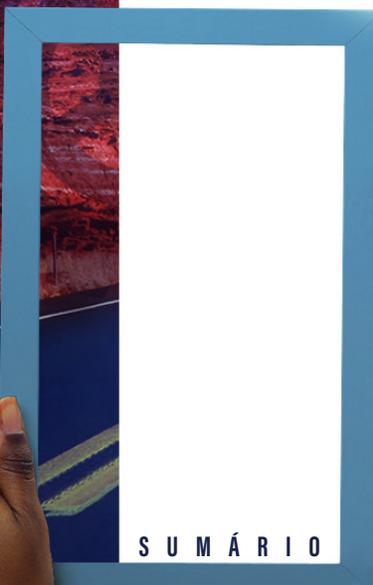
S U M Á R I O

elementos simbólicos e o universo linguístico da cultura popular” (CASTELO BRANCO, 2013, p. 1005).

A nova abrangência reconhece: 1) a comunicação interpessoal e grupal ocorrente na cultura folk; 2) a mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massa; 3) a apropriação das tecnologias da comunicação de massa (e outras) e o uso dos canais massivos por portadores da cultura folk; 4) a presença de traços da cultura de massa absorvidos pela cultura folk; 5) apropriação de elementos da cultura folk pela cultura de massa e pela cultura erudita; e 6) a recepção da cultura folk de elementos de sua própria cultura reprocessada pela cultura de massa (BENJAMIN, 2000).

Por esta perspectiva, Osvaldo Trigueiro (2006; 2018) observa novas possibilidades de pensar as diferentes mediações presentes na recepção a partir das constantes interações da comunicação midiática e os bens culturais e seus impactos à vida cotidiana. Percebe-se que na atualidade a recepção tem papel ativo no processo de comunicação e, portanto, é propícia a questionar as mensagens dos meios de comunicação através de estratégias de leitura dos bens simbólicos e do uso dos bens materiais que provocam conflitos nas negociações entre o local e o global. Tal processo resulta na hibridação que ora estimula, ora desestimula o seu consumo.

É neste campo de constante negociação que se encontra o ativista midiático, aquele agente que age em prol do interesse pessoal e/ou coletivo do grupo social ao qual pertence, na formatação e inserção dessas práticas simbólicas e materiais em seu cotidiano (TRIGUEIRO, 2006; 2008; 2018). Denominou-se, então, de ativista midiático folkcomunicacional o intermediário cognitivo entre os produtores de cultura e os consumidores que cumpre o papel no processo de mediação com o objetivo de suprir deficiências de suas realidades por meio da apropriação e do uso da cultura midiática. Este indivíduo



S U M Á R I O

[...] opera em esferas diferentes do campo de interesse, da mídia hegemônica, inventa novas interações socioculturais de convivências entre as tradições locais e a vida moderna como forma de estar sempre atualizado com o que acontece no mundo de fora, com visões dos muitos lugares (TRIGUEIRO, 2008, p. 143).

Além do ativismo, aspectos da resistência cultural na sociedade globalizada e os avanços teóricos e metodológicos passaram a ser sistematizados e ganharam terminologias que demarcam a configuração da disciplina: folkmídia, folkturismo, folkmarketing e folkpolítica. Metodologias específicas foram sistematizadas e aplicadas em estudo sobre imagens do Natal e do Carnaval na mídia impressa, os processos comunicacionais das festas populares, a comunicação dos pagadores de promessas, entre outras (MARQUES DE MELO, 2008; FERNANDES; SANTANA, 2020).

A noção de uma sociedade capitalista em constante mutação, como já dito, é primordial para toda pesquisa comprometida com as Ciências Sociais. Diante do processo de globalização e de uma economia mundializada (MORAES, 2010), os meios de comunicação disseminam novos formatos direcionados a públicos específicos. As problemáticas da comunicação dentro do âmbito cultural, segundo Martín-Barbero (2015), partem de analisar o modo como as transformações, causadas pelo avanço global, afetam a experiência popular.

Os efeitos da industrialização capitalista sobre o quadro de vida das classes populares são visíveis. E vão mais longe do que as burguesias talvez esperassem. É toda a trama social que se vê afetada, transbordada do seu leito por movimentos de massas que põem em perigo “os pilares da civilização” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 52-53).

Tais avanços demonstram a importância significativa da teoria beltraniana e suas possibilidades metodológicas de enxergar não só processo de marginalização social, mas também como os



S U M Á R I O

dois sistemas coexistem e se confrontam. Nas palavras de Hohlfeldt (2013, p. 877), a Folkcomunicação é definida como

O estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos.

Merece destaque também a tentativa de Marques de Melo (2008; 2013) de classificar os “gêneros e formatos,” ainda inacabada, segundo o próprio autor, à espera de novas contribuições. Entende-se, principalmente, que no processo de folkcomunicação “a informação, transmutada em opinião, processa se através da sátira, da crítica, da caricatura e dos símbolos, nos quais se incluem os folguedos, autos populares, a pintura, entre outras manifestações populares” (CASTELO BRANCO, 2013, p. 1007). Ou seja, à medida que a sociedade se modifica, os processos de comunicação se aperfeiçoam e novos objetos podem ser entendidos a partir da ótica folkcomunicacional.

Em um estudo anterior, Santana e Fernandes (2021) analisaram teses e dissertações disponíveis na plataforma Sucupira (Capes) que tratam sobre a teoria. A análise quanti-qualitativa se baseou nos resumos e investigou os objetos empíricos e sua articulação com a teoria beltraniana. Percebe-se que, gradativamente, as interfaces entre a cultura popular e a midiática têm ganhado mais intérpretes, embora os objetos tradicionais continuem a ser pesquisados. A mesma pesquisa demonstrou também que, no que se refere à abordagem, geralmente a pesquisa qualitativa é a mais utilizada. Em relação aos métodos, destacam-se a pesquisa etnográfica, o estudo de caso, o estudo de campo e a análise sistemática de literatura. As técnicas, a pesquisa bibliográfica e documental, a aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas e a observação participante.

REFLEXÃO FINAL

Por fim, frente ao pensamento científico colonial no âmbito da cultura e da comunicação, da clareza da invisibilização dos estudos voltados às manifestações tradicionais locais e regionais, impostos pela ciência moderna, a Folkcomunicação torna-se alternativa para se pensar em propostas de “reconhecer as singularidades dos pensadores regionais ou nacionais que os precederam, legando-lhes contribuições inovadoras ou problematizantes” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 43). Esta ideia, neste aspecto, propõe uma metodologia específica, em crítica às diferenças entre os marcos teóricos e a realidade estudada, já que recorrentemente as nações do sul têm utilizado de teorias e conceitos inadequados na busca de desafios e soluções.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. Fundamentos epistemológicos da folkcomunicação. *In*: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (org.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 982-993.

ARAGÃO, Iury Parente. **A construção de um santo popular**: caso Motorista Gregório. Teresina: Ed. UFPI, 2015.

ARAGÃO, Iury Parente. **Elos teórico-metodológicos da folkcomunicação**: retorno às origens (1959-1967). 2017. 251f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2017.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: ECA-USP, 1992.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2001.

S U M Á R I O

BELTRÃO, L. Folkcomunicação e classes sociais (Entrevista para a Revista Intercom). *In*: MARQUES DE MELO, José; MORAIS, Osvando. J. (org.). **Vozes da distensão e transição: o debate político na sociedade**. São Paulo: Intercom, 2011. p. 287-306.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1975.

CARNEIRO, Edson. **Dinâmica do folclore**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

CASTELO BRANCO, Samantha. Possibilidades metodológicas na Folkcomunicação. *In*: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (org.). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 1003-1021.

FERNANDES, Guilherme M.; SANTANA; Flávio M. A atualidade da pesquisa e do interesse sobre Folkcomunicação. *In*: BIANCO, Nélia. R. D.; LOPES, Rui. S. (org.). **O campo da comunicação: epistemologia e contribuições científicas**. São Paulo: Socicom Livros, 2020. p. 237-265.

FERNANDES, Guilherme M. *et al.* Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 20, n. 38, p. 60-71, set./dez. 2021.

LAZARSFELD, P. Os meios de comunicação de massa e a influência pessoal. *In*: SCHRAMM, W. *et al.* **Panorama da comunicação coletiva**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. p. 87-96.

MARQUES DE MELO, José. **História do pensamento comunicacional: cenários e personagens**. São Paulo: Paulus, 2003.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARQUES DE MELO, José. Taxinomia da Folkcomunicação. *In*: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (org.). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 1022-1026.

MARQUES DE MELO, José. Políticas públicas de comunicação: desafios brasileiros na era digital. *In*: SCHMIDT, Cristina *et al.* **Mídia e políticas culturais**. São Paulo: Ícone, p. 52-64, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MORAES, Dênis de. O capital da mídia na lógica da globalização. *In*: MORAES, Dênis de. (org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 187-216.

PARK, Robert E. A migração humana e o homem marginal. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia**, v. 1, n. 3, p. 114-123, nov. 2017.

RINCÓN, O. Mutações bastardas da comunicação. **MATRIZES**, n. 12, v. 1, p. 65-78. 2018.

SANTANA, Flávio Menezes. **O Caranguejo e a construção da identidade cultural de Aracaju**: uma análise folkcomunicação. 2020. 311f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

SANTANA, Flávio; FERNANDES, Guilherme. M. A pesquisa sobre folkcomunicação na pós-graduação (2000-2020). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Recife. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2021.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação uma metodologia participante e transdisciplinar. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 2 n. 3 p. 1-8, jan./jun. 2004.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O ativista midiático da rede folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 4, n. 7, p. 1-13, jan./jun. 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A folkcomunicação no contexto da sociedade globalizada: do líder de opinião ao ativista midiático. *In*: MARQUES DE MELO; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira (orgs). **Luiz Beltrão**: Pioneiro das Ciências da Comunicação. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB / INTERCOM, 2008. p. 139-148.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Os agentes intermediários culturais e os processos de atualização na folkcomunicação, **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 16, n. 37, p. 84-100, jul./dez. 2018.



S U M Á R I O

The image features a hand holding a vertical green bar on the left side. The background is a composite of a winding road, large gears, and a green landscape under a dark sky. The text is overlaid on the right side of the image.

parte

III

**RELATOS
DE EXPERIÊNCIAS
METODOLÓGICAS**

4

Flávia Caroline Taques Ferreira

Lilian Bazzi

Michelle Leite de Barros

AFINANDO OS MÉTODOS ETNOGRÁFICO, NETNOGRÁFICO E AUTO-ETNOGRÁFICO

O MÉTODO ETNOGRÁFICO

O método etnográfico será utilizado para o desenvolvimento da pesquisa intitulada “Sobre Museus e Suas Coisas: Estudo Antropológico de Cultura Material na Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá”. Sendo que o campo definido na pesquisa são os acervos dos museus nesta região.

Para definir o que é o método etnográfico, parece interessante começar pelo que ele não é, como fez Clifford Geertz, em seu clássico texto *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura* (2008). Desenvolver uma etnografia, segundo o autor, não é aplicar um conjunto de técnicas e processos determinados, aparentemente um trabalho mais simples de ser realizado, no entanto, tal prática, no que se refere à complexidade da vida social, prontamente se mostraria irreal e insuficiente.

Para Geertz (2008, p. 20), a etnografia é uma descrição densa da multiplicidade e complexidade da vida social que o etnógrafo precisa “primeiro apreender e depois apresentar” e fazer uma etnografia é construir uma leitura interpretativa dessa vida social, cujo produto é o texto etnográfico.

O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente (GEERTZ, 2008, p. 29).

Classificar a etnografia como uma descrição densa, conforme ensina Clifford Geertz, não é confundi-la com uma descrição exaustiva de detalhes. José Guilherme Cantor Magnani aponta que a “sacada” da pesquisa etnográfica, ou o *insight*, só ocorre “porque precedida e preparada por uma presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva. Não é a obsessão pelo acúmulo de

detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá" (MAGNANI, 2009, p. 136).

O ponto crucial na caracterização do método etnográfico pode ser definido pela relação dialética entre os conceitos de experiência-próxima e experiência-distante. Segundo Geertz (1998, p. 87), um conceito de experiência-próxima é aquele usado naturalmente por um sujeito em seu contexto social, é a forma como esse entende e explica sua realidade e a de seus semelhantes. Enquanto um conceito de experiência-distante é aquele elaborado por um teórico, que o utiliza no desenvolvimento de sua área de conhecimento.

Destarte, para o desenvolvimento de uma pesquisa a partir do método etnográfico, faz-se necessário possibilitar a relação dialógica desses conceitos de tal forma que não fique limitado a nenhum deles, pois,

Limitar-se a conceitos de experiência-próxima deixaria o etnógrafo afogado em miudezas e preso em um emaranhado vernacular. Limitar-se aos de experiência-distante, por outro lado, o deixaria perdido em abstrações e sufocado com jargões (GEERTZ, 1998, p. 87).

O método etnográfico também pode ser definido, como proposto por Jean e John Comaroff (2010, p. 12), como "um modo historicamente situado de compreensão de contextos historicamente situados, cada um com seus próprios [...] tipos de sujeitos e subjetividades, objetos e objetividades".

A definição proposta pelos autores é precisa, mas geral, e seu recorte pode ser até pouco esclarecedor. No entanto, a partir dela, é possível problematizar fundamentalmente a subjetividade referida pelos autores, o fato desta, na pesquisa etnográfica, não estar relacionada à psicologia individual. Como esclarece Cláudia Fonseca (1999, p. 63), a partir da etnografia, a subjetividade se relaciona a vida em sociedade, e não a questões meramente individuais, ou seja, os



S U M Á R I O

dados etnográficos são efetivos se contextualizados em um tempo histórico e social.

Fonseca (1999, p. 58) aponta que o método tem sido procurado por muitos pesquisadores como solução para as diferenças encontradas entre a teoria e a realidade, sendo que parte essencialmente da interação entre os sujeitos relacionados ao objeto de pesquisa e o pesquisador, assim, tem sido considerado, contemporaneamente, como método capaz de “combater os males da quantificação”.

Sendo necessário considerar, como o faz Magnani (2009, p. 17), que a etnografia é melhor classificada como um “modo de aproximação e compreensão de um conjunto de procedimentos”. Não pode, assim, ser confundida ou reduzida a uma técnica, pois serve-se de várias, conforme se apresentam diferentes realidades da pesquisa.

Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido” (MAGNANI, 2009, p. 17).

Assim, etnografia parte essencialmente da interação entre os sujeitos, mas esse fato não limita as possibilidades de utilização do método, pois, como ensina Emerson Giumbelli (2002, p. 93), o trabalho de campo possui muitas variações a ponto de, como afirma Michael Carrithers (1996, p. 229 *apud* GIUMBELLI, 2002, p. 93), “assumir tantas formas quanto forem os antropólogos, os projetos e as circunstâncias”, com a observação de que o método etnográfico na contemporaneidade não se restringe ao antropólogo, mas a uma



S U M Á R I O

gama de pesquisadores de diferentes áreas cujos objetivos de pesquisas se referem à vida social. Desse modo, o método etnográfico, a partir das especificidades do campo e dos objetivos da pesquisa, pode assumir outras formas, como a Netnografia e a Autoetnografia, cujas definições são apresentadas na sequência.

O MÉTODO NETNOGRÁFICO

É possível compreendermos o método netnográfico partindo do pressuposto de que os computadores ganharam maior importância nos últimos anos em relação às comunicações mediadas na vida dos membros de determinada cultura. Segundo Robert V. Kozinets:

O uso do termo e abordagem da netnografia no projeto geral sinalizaria não apenas a presença, mas o peso do componente online. Significaria que um tempo significativo foi gasto interagindo e tornando-se parte de uma comunidade ou cultura online (KOZINETS, 2014, p. 62).

Faz-se necessário entender as diferenças do ambiente social on-line com as interações culturais face a face, ou seja, como relacionam-se métodos netnográficos e etnográficos. Podemos estar estudando uma comunidade virtual, bem como conduzindo outra pesquisa com ênfase em fenômenos culturais on-line. Serão métodos distintos, porém poderão ser comunicados, os quais denominamos etnografias/netnografias mistas.

Uma etnografia “pura” seria conduzida utilizando-se dados gerados por meio de interações face a face e sua transcrição em notas de campo, sem dados de interações online. Uma etnografia/netnografia seria uma combinação de abordagens, incluindo dados coletados em interação face a face bem como online. Etnografias/netnografias mistas podem assumir muitas formas, utilizar muitos métodos específicos e favorecer diferentes proporções



S U M Á R I O

de interação, dados e análise online para face a face (KOZINETS, 2014, p. 66).

A atual pesquisa da mestrandia Michelle Leite de Barros possui como título “Resistência na Poesia Feminista”, baseada nos poemas escritos pelas autoras Rupi Kaur, Amanda Lovelace e Ryane Leão na rede social *Instagram*, posteriormente, passando para os livros físicos. Desse modo, será utilizado o método netnográfico a fim de observar como as poetas atingem as mulheres com seus escritos na internet ao falarem de amor-próprio, relacionamento afetivo, muitas vezes abusivo, e como esses poemas são compartilhados nas redes sociais.

Igualmente, pode corroborar às informações encontradas, verificando a fidelidade das imagens, a veracidade dos conteúdos circulando pela rede, como entrar em contato com personagens envolvidos no estudo, graças às vantagens que oferecem as novas tecnologias, ou seja, pode implementar o percurso da entrevista pelos aplicativos, tais como: *Facebook, Instagram, Skype, Hangout, Whatsapp*, etc, a fim de obter informações mais internas no processo de pesquisa (PISSO CONCHA, 2019, p. 5).

A internet como lugar de pesquisa proporciona a imersão em ambientes heterogêneos capazes de verificar como cada indivíduo em sua determinada cultura age, se expressa e se relaciona. Ao mesmo tempo, podemos perceber as semelhanças entre eles através da maneira que reproduzem cada informação que consomem, no caso da pesquisa ora retratada, quais os poemas mais compartilhados pelas mulheres e quem são elas.

AUTOETNOGRAFIA

A autoetnografia é o método proposto para a pesquisa, sobre a MT Escola de Teatro, implementada pela Organização da

Sociedade Civil (OSC) Associação Cultural Cena Onze, em que esta é uma das fundadoras.

Pela etimologia da palavra, conclui-se que é escrever sobre um grupo de pertencimento, a partir de si mesmo. Segundo Santos (2017, p. 221)

[...] a autoetnografia é um método de pesquisa que: a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os "outros" (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro.

Por esse método, a pesquisadora relata sua própria experiência em seu ambiente de trabalho na organização, que é o seu estudo de caso, recolhendo informações e relatos entre as diferentes esferas e atores sociais, dentre os quais a SECEL-MT - Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer, a UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, a Associação Cultural Cena Onze, docentes, discentes e egressos.

Como gênero da etnografia e método de pesquisa qualitativo, a auto-etnografia pode ser reconhecida como metodologia científica crítica e autorreflexiva, por meio de um estudo analítico do objeto, podendo ser complementado, associado a outros métodos de pesquisa.

Como um método, a autoetnografia torna-se tanto processo como produto da pesquisa (ADAMS *et al.*, 2011), visto que a experiência pessoal do pesquisador será parte tanto da sua relação com os outros sujeitos quanto na definição do que for estudado e desenvolvido na pesquisa.

A autoetnografia surgiu da etnografia urbana e organizacional, no fim dos anos 70, no campo da Sociologia e nos "últimos anos,

a autoetnografia tornou-se um método importante e legítimo em muitas disciplinas e contextos de pesquisa” (SANTOS, 2017, p. 222), apesar das críticas de alguns estudiosos acerca da proximidade do pesquisador e pesquisado.

Visa produzir uma pesquisa acessível, que sensibilize os leitores para experiências silenciadas da academia, visando criar empatia, a partir da experiência pessoal.

Em suma, o que se destaca nesse método é a experiência pessoal do pesquisador enquanto sujeito da pesquisa, na definição do que será pesquisado e no desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Tony E. *et al.* Autoethnography: an overview. **Historical Social Research**, v. 36, p. 273-290, 2011. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589/3095>. Acesso em: 28 set. 2021.

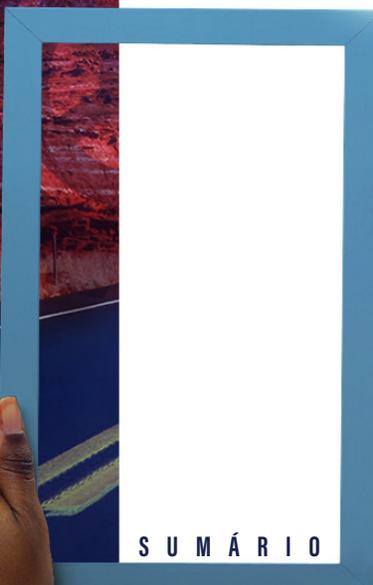
COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. L. Etnografia e imaginação histórica. **Revista Proa**, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/proa/article/download/2360/1762>.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, p. 58-78, 1999. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In*: **Interpretação das Culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos. *In*: GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 48, p. 1-107, fev. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n48/13951.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2020.



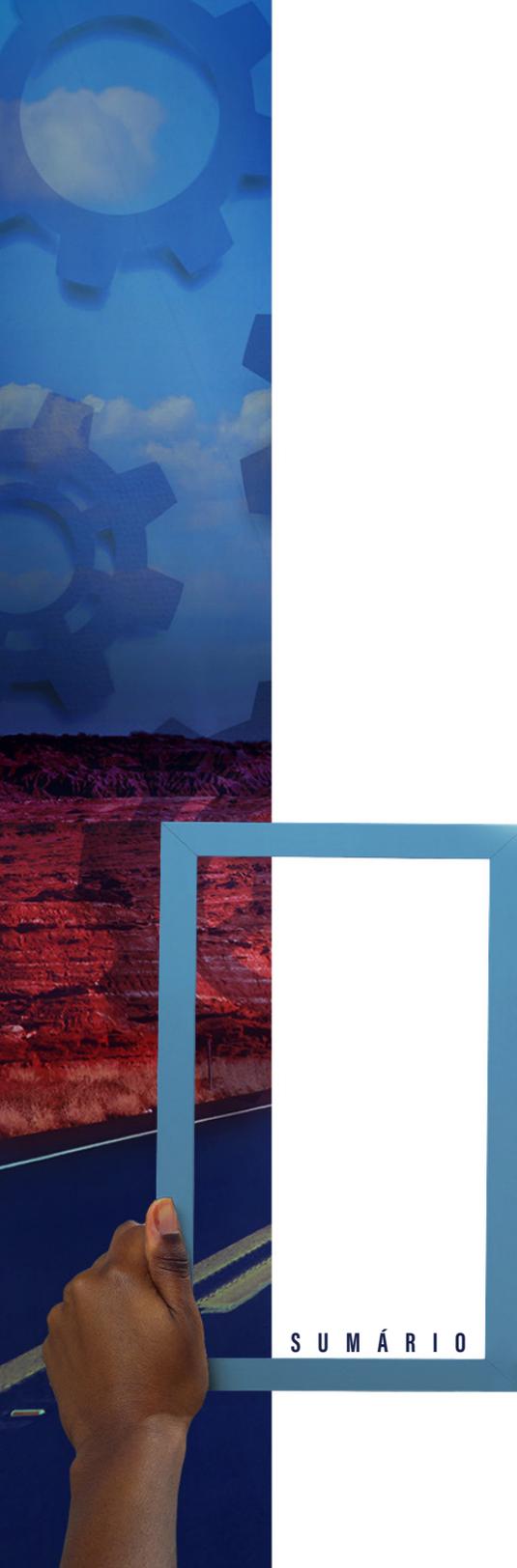
S U M Á R I O

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantos. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

PISSO CONCHA, Jennifer Paola. O que foi deixado no ciberespaço: Confissões de uma netnógrafa. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, v. 4, n. 2, p. 152-162, 2019. Disponível em: <https://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/218>. Acesso em: 27 set. 2021.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972>. Acesso em: 27 set. 2021.



S U M Á R I O

5

Marcia Cristina Verdego Gonçalves

ADOLESCENTES SOB FOGO CRUZADO:

**UM ESTUDO SOBRE SUICÍDIO,
EDUCAÇÃO E REDES SOCIAIS**

O presente capítulo tem como objetivo responder como e em que medida os grupos de discussão on-line têm contribuído para potencializar comportamentos suicidas em adolescentes, em especial as mensagens que referenciam o ambiente escolar. Tal direcionamento se dá mediante ao fato de que o suicídio motivado pela exposição nas redes sociais tem sido marcado pelas inúmeras formas de violências, enquanto elemento que constrói e transforma as estruturas, as conjunturas e os cotidianos sociais em várias temporalidades, pode criar e recriar os espaços sociais, culturais, tradições, gêneros, classes, Estados, regimes políticos, o que ocorre até mesmo em espaços como a escola.

Sabemos que as fronteiras dos espaços digitais não ficam delimitadas às telas dos computadores, estas influenciam os comportamentos, as atitudes, os valores e as práticas. Nesse sentido, esses dois universos, on-line e off-line, estão muito misturados e essa é uma questão que merece atenção. Sobretudo, num contexto em que as redes sociais se transformam num tribunal da inquisição, muitas têm sido as notícias e os comentários on-line em que parece parte de um processo de ampliação, até mesmo de discursos de ódio e geradores de violências. Sem deixar de mencionar que a junção entre popularização da internet e a proliferação dos discursos de ódio ocasionam ceticismos, homofobia, racismo, xenofobia e até suicídio.

Seja como for, a taxa de suicídio tem crescido mundialmente, principalmente entre os jovens, o que impõe a pergunta sobre o momento histórico e social que vivemos: que sociedade é essa em que os indivíduos recorrem cada vez mais ao suicídio? As transformações no capital e as crises econômicas têm papel relevante no aumento das taxas de suicídio? O que mudou na sociedade para que os jovens, até então ideal de potencialidade e esperança, procurem cada vez mais o suicídio? E, por outro lado, qual a reação social ao suicídio? Quais as ideologias que sustentam discursos sobre o suicídio?



S U M Á R I O

Isto posto, a presente pesquisa buscará analisar comentários a notícias sobre suicídios na internet a partir do aporte teórico crítico e metodológico, objetivando entender quais os discursos medeiam as enunciações dos comentários e, portanto, as ideologias que sustentam tais discursos, suas implicações e potencialidades para a prevenção e posvenção do suicídio.

O que se pretende neste capítulo é reunir elementos que permitam identificar as particularidades sobre como o suicídio se manifesta nas redes sociais que permeiam a realidade dos adolescentes, vivenciada pelos diferentes sujeitos, correlacionando essa realidade concreta com determinações estruturais, históricas e sociais. Todo esforço que se pretende empreender é no sentido de reunir elementos, sob um viés de análise crítica, capazes de elucidar os reais motivos que intensificam e propagam a prática de suicídio entre os adolescentes, sobretudo num contexto de maior individualização e relativização das relações sociais, bem como de intensificação do acesso às redes sociais, principalmente a partir deste novo século.

Ao mesmo tempo, o estudo proposto pretende problematizar o suicídio, numa perspectiva que permita decifrar os enigmas que se apresentam na realidade concreta. É mediante tais constatações que será possível, a partir dos resultados alcançados, aprofundar discussões que reflitam sobre o modelo de educação vigente no Brasil e no mundo.

Enquanto expressão da **questão social**, as diversas manifestações de suicídio e/ou tentativa de suicídio têm exigido ações que vislumbrem não apenas a intervenção nos casos denunciados, mas, principalmente, ações que afirmem a prevenção no interior das escolas. Enfim, o suicídio se constitui um problema complexo e multifatorial que convoca estratégias de prevenção por parte do setor público.

O escopo desta pesquisa é responder como (e em que medida) os grupos de discussão on-line têm contribuído para



S U M Á R I O

potencializar comportamentos suicidas em adolescentes, em especial aqueles cujas mensagens façam referência ao ambiente escolar.

Quanto aos objetivos específicos, pretende-se: estudar a relação suicídio na adolescência e ambiente escolar; analisar a incidência de participação de adolescentes nos grupos on-line que disseminam o suicídio; levantar quais motivos têm sido relatados como motivadores do desejo suicida; analisar como (e em que medida) os grupos on-line que disseminam o suicídio têm contribuído para potencializar comportamentos suicidas em adolescentes.

METODOLOGIA

De acordo com Minayo e Deslandes (2002), a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade que inclui as concepções teóricas de abordagem, um conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade.

Nesse percurso, este estudo pretende partir da apropriação do referencial teórico sob um viés crítico que consiste “[...] em situar e analisar os fenômenos sociais em seu complexo e contraditório processo de produção e reprodução, determinado por múltiplas causas na perspectiva de totalidade como recursos heurísticos, e inseridos na totalidade concreta: a sociedade burguesa” (BEHRING; BOSCHETTI, 2011, p. 38).

De caráter exploratório, esta proposta de pesquisa busca ampliar o nível de informações sobre o tema investigado, procurando evidenciar a influência das redes sociais na propagação de suicídio entre os adolescentes. Nesse caminho, para atender ao objetivo da pesquisa, tornar-se-á prioritária a apropriação do conjunto de elementos da pesquisa bibliográfica e documental – de caráter exploratório –, buscando reunir um maior número de informações,

acumuladas a partir de textos de referência teórica, conceitual e histórica, informativos institucionais; estudos técnicos; relatórios estatísticos; textos legais e normativos.

Segundo Lakatos e Marconi (1982), a pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias permite um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. Além de “[...] estabelecer um diálogo reflexivo entre a teoria e o objeto” (DESLANDES *et al.*, 2012, p. 36) que permita uma reflexão crítica e ampla, ou seja, que permita dar conta do “estado” do conhecimento atual sobre o problema em questão.

Enquanto a investigação de documentos tem como finalidade permitir a apropriação de informações coletadas a partir de levantamento realizado junto ao do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Legislação e Documentos (INEP), aos meios de comunicação como jornais, revistas, relatórios publicados, como, por exemplo, do Conselho Federal de Psicologia que publicou uma pesquisa sobre violência e preconceitos na escola.

A pesquisa também será netnográfica, baseada em trabalho de campo on-line, usando comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação netnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. Na Netnografia a intenção é abordar as mesmas características do método etnográfico (ou seja, estudos de práticas sociais, de artefatos que instituem cultura), com a atenção para o estudo de práticas, interações, usos e apropriações de meios por grupos e comunidades situadas no universo virtual.

A pesquisa buscará analisar sites como *Alt Suicide Holliday*, *Satan Service* e *Suicide Methods*, com a enorme quantidade de informações a favor do suicídio, entre as quais métodos, velocidade, exatidão e até mesmo a quantidade de dor esperada em cada uma



S U M Á R I O

das alternativas e também as páginas nas redes sociais, como, por exemplo, "Garota Suicida", "Homem Pateta" (*Facebook*), "Pensamentos Suicidas" (*Twitter*), entre outros que reúnam informações sobre o objeto estudado.

Ainda como procedimento de coleta de dados, será aplicado um questionário com questões abertas e fechadas via formulário (*Microsoft Forms* do *Office*) com questões relacionadas ao objeto de estudo com alunos de ambos os sexos de **5 escolas** da rede estadual de ensino de Mato Grosso, com adolescente que cursam o ensino médio.

Será solicitado ainda, por meio de ofício junto a Secretaria de Educação (SEDUC), dados sobre os casos de notificação de autolesão e suicídios ocorridos nas escolas, bem como as práticas pedagógicas desenvolvidas por este órgão no combate à problemática em questão.

A pesquisa documental descrita por Lakatos e Marconi (2003) diz respeito à fonte de coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de **fontes primárias**. E de acordo com Pádua (1997, p. 62), a

[pesquisa] documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências [...].

Há que se considerar ainda a natureza da pesquisa, nesse caso qualitativa e quantitativa. A pesquisa de caráter qualitativo responde pelo

[...] universo dos significados, dos motivos, das aspirações, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por

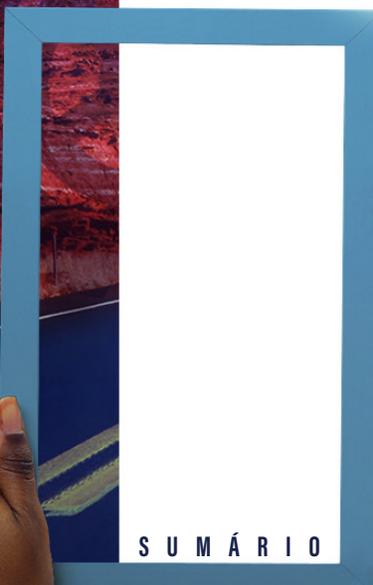
pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (DESLANDES *et al*, 2012, p. 21).

Já a de natureza quantitativa é caracterizada pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas (RICHARDSON, 1999), sendo utilizada nesta pesquisa para trabalhar os dados necessários para quantificar o número de casos de suicídios ocorridos entre os adolescentes e sua relação com as redes sociais.

Na fase inicial da coleta de dados, serão realizados contatos prévios – por meio de ofício/ e-mail/ contato telefônico às Secretarias Estaduais de Educação do Brasil – e questionários aos respectivos gestores destas Secretarias, a fim de identificar os casos de suicídio entre os estudantes nos estados brasileiros.

Será solicitado junto aos conselhos tutelares das capitais brasileiras, o número e os tipos de denúncias sobre questões relacionadas ao suicídio nas escolas por meio do sistema de notificação e de atendimento ao problema dos maus-tratos contra criança e adolescentes. A comunidade Centro de Valorização da Vida (CVV) também será contatada por ser um espaço de acolhimento e escuta de pessoas em sofrimento. Buscaremos saber se existe registro de procura pelos adolescentes.

A partir dessa fase preliminar, será organizado um banco de dados com os índices de suicídios apresentados pelas Secretarias Estaduais de Educação contatadas no país, considerando como variáveis as dimensões de gênero, raça e etnia, bem como as possíveis diferenças regionais e geográficas do Brasil. Após essa organização prévia, será possível identificar, em cada estado, os índices de suicídio praticados pelos adolescentes e sua propagação por meio das redes sociais.



S U M Á R I O

Quanto à análise, Marsiglia (2005) apresenta como um processo de descrição e **interpretação** dos dados coletados. É um processo de reflexão sobre o que foi descrito, à luz de conhecimentos mais amplos, que extrapolam os dados da pesquisa, podendo comparar os dados coletados com outras pesquisas semelhantes. Para a interpretação, será usada a abordagem de análise de conteúdo, sistematizada por Bardin (BARDIN, 2011, p. 47) como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Dessa maneira, é possível analisar os dados obtidos/coletados para além da superfície, e compreender o que está na essência das significações e representações sociais das produções dos documentos e bibliografias estudadas. Enfim, a análise de conteúdo permitirá o

[...] tratamento e análise de informações, recolhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documental (CHIZZOTTI, 1991, p. 98).

O objetivo da análise do conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, levando em consideração o conteúdo bibliográfico utilizado e de materiais documentais que, além da apresentação de dados em forma de gráficos ou tabelas, sob a luz de uma perspectiva dialética, busca compreender e apreender seu conteúdo manifesto ou latente, revelando seus significados através das interpretações do conteúdo (CHIZZOTTI, 1991, p. 98-99). Isso permitirá ultrapassar os elementos que se apresentam na aparência e identificar os fatores que desencadeia o suicídio entre os adolescentes.

Por fim, cabe esclarecer que durante todo processo de pesquisa será priorizado a adoção de procedimentos éticos previamente definidos. No âmbito da pesquisa bibliográfica e documental, todas as análises serão realizadas dentro de um rigor metodológico que permita garantir a fidedignidade aos dados e às ideias formuladas. Assim, será possível sistematizar os dados e garantir a autenticidade dos resultados, mesmo que contrários às hipóteses formuladas, com a finalidade de divulgação dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- DESLANDES, Suely Ferreira; *et al.* (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni. **Orientações Básicas para a Pesquisa**. São Paulo, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. História, Ciências, Saúde. São Paulo: Manguinhos, 1998.
- MINAYO, Maria Cecília Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (orgs.) **Caminhos do Pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1997.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

6

*Laura Ferreira da Silva
Lemarcia Ferreira da Silva*

**CARTOGRAFIAS SOCIAIS
DA COMUNIDADE
MUTUCA DO QUILOMBO
DO MATA-CAVALO (MT)**

O capítulo ora apresentado tem o caráter de demonstrar as práticas alimentares para o fortalecimento cultural da comunidade quilombola da Mutuca – Território do Mata-Cavalo, e também as memórias e vivências coletivas através de narrativas quilombolas e ressignificações religiosas da mesma comunidade.

A metodologia usada, parte do princípio de pesquisar as práticas alimentares específicas do território e sua organização tradicional no quilombo Mutuca e a vivência e memórias coletivas e narrativas quilombolas e ressignificações religiosas-comunidade mutuca, território do Mata-Cavalo/MT, levando-se em consideração o lugar de fala.

Propomos um estudo qualitativo com observações participantes, estudo de caso, etnografia, cartografia, entrevistas, visita a campo junto à população a ser pesquisada. Serão observadas as práticas alimentares específicas do território e a organização tradicional no quilombo Mutuca, assim como as memórias coletivas, narrativas quilombolas e vivências. Inclusive, faremos estudos, com base em pesquisas já desenvolvidas, que abordam o tema proposto, para enriquecer a pesquisa. Para Mattos (2011), os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formulados ou recriados para atender à realidade do trabalho de campo.

Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador (MATTOS, 2011, p. 50). A observação participante constitui o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo (MAY, 2001, p. 177).



S U M Á R I O

Nesse sentido, o estudo de caso, possibilita melhor compreensão e entendimento do tema proposto, a ser investigado e analisado, partindo da premissa de diálogos com as lideranças e contribuindo com os conhecimentos teóricos levantados.

A experiência transmitida pelos ancestrais constitui-se em formas de fornecimento da própria memória coletiva do grupo a partir do patrimônio simbólico na tradição. A metodologia possibilitará que o pesquisador se insira profundamente nas atividades em que busca compreender, tornando-se parte do seu universo, registrando as experiências e seus efeitos sobre o comportamento do respectivo grupo social a qual está sendo pesquisado. Yin (2001) destaca que

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. A investigação de um estudo de caso baseia-se em várias fontes de evidências e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados (YIN, 2001, p. 32).

A cartografia social parte da premissa de poder entender melhor o meio e os espaços em que o território se situa, bem como os moradores que ali habitam, possibilitando novos aprendizados e o protagonismo social participativo no mapeamento das suas práticas alimentares e modos de fazer no cultivo de alimentos, identificando valores sociais através das práticas culturais cotidianas. Farias e Lima (2014) vislumbram a linguagem cartográfica como

O domínio dessa linguagem é essencial para que sua formação como cidadão seja completa, pois o indivíduo que pensa o espaço deve dispor de instrumentos para atuar de forma consciente sobre o mesmo. Além disso, o mapa pode se tornar um instrumento de poder para quem sabe interpretá-lo, pois a compreensão do espaço possibilita atuar sobre o mesmo de forma intelectual (FARIAS; LIMA, 2014, p. 250).



S U M Á R I O

Portanto, a cartografia social não servirá apenas para localização, mas para auxiliar no processo de identificação e análises dos dados, entendendo a pluralidade do território. Existem outros mapas elaborados por pessoas não quilombolas e isso não reflete a nossa realidade. Portanto, utilizaremos o mapa idealizado e construído pelos que conhecem e vivenciam a realidade quilombola como forma de reconhecimento cultural do quilombo Mutuca.

A cartografia social possibilitará atuarmos enquanto membros comunitários efetivamente nesse processo de mapeamento e descobertas vinculadas às práticas alimentares do território quilombola e sua importância no fortalecimento cultural da comunidade Mutuca- Território Mata-Cavalo.

A abordagem sobre sistema de práticas alimentares está ligada às produções tradicionais dos alimentos em que estão relacionados os conhecimentos técnicos, ecológicos, simbólicos e socio-culturais quilombolas.

Sistema Agrícola Tradicional (SAT) como um conjunto estruturado, que é formado por elementos interdependentes: plantas cultivadas e criação de animais, redes sociais, artefatos, sistemas alimentares, saberes, normas, direitos e outras manifestações associadas. Esses elementos envolvem espaços e agroecossistemas manejados, formas de transformação dos produtos agrícolas e cultura material e imaterial associada, bem como sistemas alimentares locais que interagem e resultam na agricultura, na pecuária e no extrativismo (EIDT; UDRY, 2019, p. 25).

O conceito de território está relacionado ao “esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu território” (LITTLE, 2002, p. 3). O território seria, neste sentido, “um produto histórico de processos sociais e políticos”.



S U M Á R I O

Ao propor pesquisar os saberes e fazeres relacionados às práticas alimentares tradicionais do quilombo, envolvemos análises, formas de produção e vivências do território quilombola, bem como o trabalho e cultivo das roças por modos tradicionais. Dentre esses conhecimentos estão a manutenção das sementes crioulas, bem como os conhecimentos que são perpetuados de geração em geração. Demonstrar o campo de experiência pode fortalecer o conhecimento de saber e faz quilombolas. Isso será possível dentro da comunidade Mutuca – Território do Mata-Cavalo.

E poder pesquisar toda a historicidade do povo quilombola somente contribuiu para uma melhor compreensão da luta, bem como as memórias e vivências em que o sentido da vida se faz presente em todos os aspectos, mesmo diante de qualquer situação.

Entendemos que a metodologia usada terá como resultado o reavivamento das práticas alimentares, a memória, vivência da ressignificação do sincretismo em que estas práticas servirão para a educação quilombola e, principalmente, para a comunidade em que pode se basear numa pesquisa feita pela filha do quilombo em que contará a história da forma como vivemos e como nos enxergamos, e que o lugar de fala seja respeitado, por mim, por nós e pelos nossos irmãos e irmãs quilombolas que lutam arduamente para continuar o legado dos nossos ancestrais.

CONCLUSÃO

Diante de todo pertencimento étnico cultural em que a historicidade faz parte da comunidade quilombola, ressaltamos a importância da valorização e manutenção destas práticas, para que as novas gerações possam conhecer suas origens e, principalmente, manter o fortalecimento cultural. Este capítulo tem caráter de



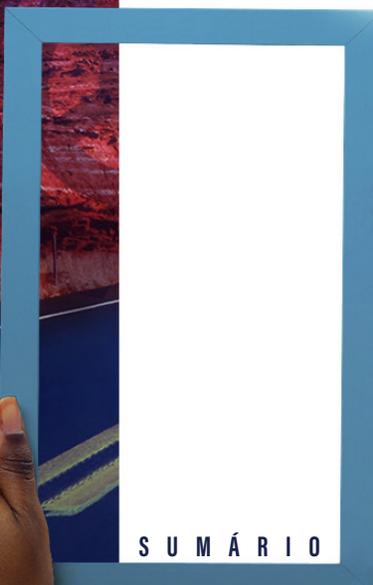
S U M Á R I O

disseminar as práticas alimentares dentro da comunidade quilombola, desde o momento de fecundar a semente no chão até a sua produção alimentar, ou seja, há uma relatividade com os modos de vida dentro da comunidade quilombola.

As informações acerca de todo um processo coletivo de trabalho, as quais tem dado grandes resultados dentro da comunidade quilombola onde os ensinamentos são geracionais, reafirma a valorização dos modos de vidas, saberes e fazeres de um povo. Conforme Giddens

Os estilos de vida são práticas rotinizadas, as rotinas incorporadas em hábitos de vestir, comer, modos de agir e lugares preferidos de encontrar os outros; mas as rotinas seguidas estão reflexivamente abertas à mudança à luz da natureza móvel da auto identidade. Cada uma das pequenas decisões que uma pessoa toma todo dia – o que vestir, o que comer, como conduzir-se no trabalho, com quem se encontrar à noite – contribui para essas rotinas. E todas essas escolhas (assim como as maiores e mais importantes) são decisões não só sobre como agir, mas também sobre quem ser. Quanto mais pós-tradicionais as situações, mais o estilo de vida diz respeito ao próprio centro de autoidentidade, se fazer e refazer (GIDDENS, 2002, p. 80).

Enfim, a modernidade de consumismo tem ganhado amplo espaço, porém, as práticas alimentares aos olhos minimalistas ainda são meios de adotar uma vida saudável sem ter que consumir além do essencial. A prática alimentar também nos educa a ter vida saudável e, principalmente, a valorizar os conhecimentos ancestrais.



S U M Á R I O

REFERÊNCIAS

EIDT, Jane Simoni; UDRY, Consolacion (editoras técnicas). **Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil**. Brasília: Embrapa, 2019.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; LIMA, Valeska Nogueira de. Práticas de iniciação cartográfica da criança na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. In: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário de. **A formação docente em Geografia: Teorias e Práticas**. Campina Grande: EDUFCG, 2014.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LITTLE, Paul. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Brasília: UNB, 2002.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. (orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MAY, Tim. **Pesquisa social**. Questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artemed, 2001.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



S U M Á R I O

7

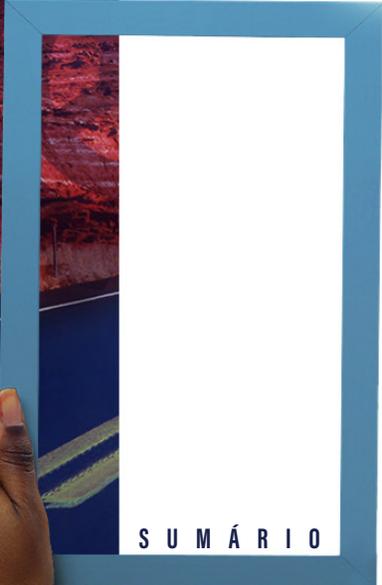
*Fernanda Lima Zanata
Evelyne Podolan
Valéria Ferreira*

REDES SOCIOTÉCNICAS E A CONEXÃO ENTRE PESQUISAS, AGENTES E AGENCIAMENTOS

Neste capítulo abordaremos e evidenciaremos as metodologias de pesquisa adotadas em três pesquisas diferentes: uma delas é referente a Pesquisa de Mestrado em Psicologia no Programa de pós-graduação em Psicologia na UFMT, na linha de pesquisa: Processos clínicos e contextos socioculturais. As outras duas pesquisas são referentes às pesquisas de Doutorado no Programa de Estudos de Cultura Contemporânea, na linha de Epistemes contemporâneas.

Para a pesquisa de mestrado em Psicologia, de Fernanda Lima Zanata, adota-se o método da **Especulação Fabulativa ciborgue** Donna Haraway, para, então, identificar as transformações nos modos de subjetivação dos discentes no contexto contemporâneo, os quais vêm se **constituindo** de forma hibridizada imbricados ao uso das tecnologias. Assim, o objetivo geral é produzir **Especulações Fabulativas** a partir das narrativas de discentes na pandemia de Covid-19 que serão coletadas por meio de entrevistas abertas semi-estruturadas.

Haraway (2009) se refere ao humano como um ciborgue que habita um mundo cibernético, no qual os humanos, juntamente a todos os outros seres, compõem modos e se **constituem** de forma heterogênea. "Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção" (HARAWAY, 2009, p. 36). Haraway (2009) constrói sua concepção de ciência com base na formulação de uma episteme feminista, multicultural e antirracista, que busca narrar histórias que vão ser figurações do modo que os seres se constituem, sendo **Especulações Fabulativas** um modo de produzir ciência. O ponto principal é tomar o humano e suas relações de forma ciborgue, como relações em rede que flui em uma multiplicidade coletiva heterogênea. Neste sentido, é uma pesquisa-intervenção que busca investigar de forma qualitativa toda essa diversidade dos modos subjetivos. O **FigurarCom** tem a ver, então, com um posicionamento epistêmico em que se articulam os conceitos e a análise das narrativas.



S U M Á R I O

A pesquisa de doutorado, de Evelyne C. Podolan, tem como referencial metodológico a praxiografia de Mol (2002, 2008), de sorte a explicitar as múltiplas versões do câncer de mama e dos cuidados nele envolvidos. Diante do tema proposto, optou-se por pesquisar com mulheres acometidas com câncer de mama, a partir de um método que leve em conta a performance inclusa em uma rede de relações sobre o próprio cuidado. Assim, se escolheu adotar a etnografia praxiográfica.

Esse método, usado por Mol (2002, 2008) em pesquisas associadas à saúde, consiste em uma visão de que práticas e método não podem ser apartados, visto que o método partirá da prática. Nessa metodologia, consideram-se todos os agentes envolvidos: pessoas, matérias, ambientes e tudo que lhes está em torno. Para Mol (2002), as descrições feitas através da vivência no campo partiriam de "lentes de aumento". Ao pesquisador etnográfico/praxiográfico, é permitido que transite nos diversos locais onde sua pesquisa é realizada, podendo participar de variados momentos não somente como observador.

Dessa forma, através do método praxiográfico, acompanhamos um grupo formado na Associação de trabalhadores voluntários contra o câncer de mama em Mato Grosso/MT (MTmamma), da cidade de Cuiabá-MT, a fim de contribuir para a produção de novas formas de cuidado e de viver com câncer de mama. Esse acompanhamento será realizado em doze encontros, no próprio espaço físico da associação. Para o método praxiográfico, os atuantes não podem ser fixados: são abertos sempre para conexões que podem ser estabelecidas, de maneira que não existiriam pré-fixações e cristalizações (MOL, 2002).

Desse modo, todas as mulheres assistidas pela associação serão convidadas a participar. De acordo com Mol (2007), existem várias formas de se performar e, para tanto, também há diversos modos de coleta de dados – é o que buscamos aqui através desta



S U M Á R I O

praxiografia. Nela, consideramos as múltiplas formas de coleta de dados e atuações dos envolvidos na pesquisa. Como instrumentos empregados para nossa praxiografia, usaremos o diário de campo e oficinas de corpo arte, nas quais serão produzidas as obras. Como nosso estudo também se vale de materialidades, agentes não-humanos, empregamos a gravação de áudio e fotografias para coletar tais agentes não-humanos envolvidos nas cenas de cuidados.

As realidades, segundo Mol (2007), são performadas e não observadas; elas estão ligadas às tecnologias e às políticas. A praxiografia é, por conseguinte, um método comumente empregado na área da saúde, em que teoria e experiência não se dão separadamente, contudo, elas ocorrem juntas, na praxiografia, tudo está envolto e tudo participa da performance.

Enquanto isso, a pesquisa de doutorado intitulada “Conflito e resistência na luta pela terra: memória e cultura material” de Valéria C. F. e Silva, a abordagem teórico-metodológica dialoga com três quadros teóricos distintos. O objetivo da pesquisa é analisar as redes de sociabilidades nas quais agentes sociais, inseridos em situações de conflito decorrentes da problemática concentração fundiária em contexto rural, resistem em seus modos de vida, se desdobrando em lógicas diversas da lógica consumista capitalista, constroem práticas, desenvolvem táticas e, ao mesmo tempo, estão imersos em novas articulações (HALL, 2011), também para apropriar-se dos benefícios da modernidade (CANCLINI, 1998).

Para tanto, propõe-se a análise do “discurso autorizado do patrimônio” de Laurajane Smith (2006), em que a autora entende o patrimônio enquanto performance cultural que, por sua vez, possui múltiplas camadas que incorporam processos de memorização, esquecimento, enquanto construção e negociação de um senso de lugar, pertencimento e compreensão do presente, sem desconsiderar a interação entre classe e patrimônio.



S U M Á R I O

A fim de refletir sobre as conexões entre os agentes sociais envolvidos (camponesas, patrimônios oficiais, objetos), propõe-se atuar na perspectiva do estudo da rede sociotécnica desenvolvida na Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2012, 2013), considerando também variações de Tim Ingold, Daniel Miller, Alfred Gell e Arjun Appadurai. Basicamente, a teoria Ator-Rede propõe que antes de trazer variáveis externas como colonialismo, poder, desigualdades de direitos humanos, forças de mercado, para explicar fenômenos sociais, seria necessário compreender a rede de sociabilidades, a qual a variável que se pretende estudar se conecta. Nesta perspectiva, humanos e não-humanos são tratados de forma simétrica, em que ambos são actantes, capazes de gerarem ação um sobre o outro.

Neste sentido, a proposta é identificar as conexões que eles estabelecem entre si e que têm agência sobre suas ações, mapeando e descrevendo as conexões entre actantes através da observação participante sistemática e direta; entrevistas informais não dirigidas com textos “transcritos” (CAMPOS 1976); análise objetos documentos que incluem relatos autobiográficos, cadernos, cartas etc. (enquanto ator social e acumulador de biografias), e, por fim, o registro, a análise e a disponibilização das informações.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Haroldo. **A operação do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, *In*: KUNZRU, Hari *et al.* **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Trad. Tomaz Tadeu (org.) 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.



S U M Á R I O

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA, 2012.

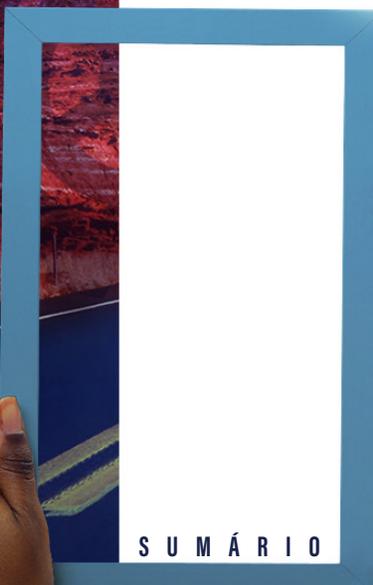
LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

MOL, Annemarie. **The body multiple**: Ontology in medical practice. London: Duke University Press, 2002.

MOL, Annemarie. Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. *In*: NUNES, João; ROQUE, Ricardo (org.). **Objetos impuros**: experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Afrontamento, 2007. p. 63-75.

MOL, Annemarie. **The logic of care**: health and the problem if patient choice. London: Routledge, 2008.

SMITH, Laurajane. **Uses of heritage**. London: Routledge, 2006.



S U M Á R I O

8

Gabriel Aparecido Anízio Caldas

O AVANÇO TECNOLÓGICO E O FUTURO DO TRABALHO EM MATO GROSSO

No contexto contemporâneo, boa parte das relações sociais, em especial as trabalhistas, têm como mediação as tecnologias utilizadas em seu sistema de produção. Nesse sentido, as inovações impactam diretamente no funcionamento da economia, visto que atualmente estão pautadas na livre iniciativa em decorrência do sistema capitalista e do neoliberalismo.

Mesmo considerando essas relações de trabalho em contexto capitalista, faz-se necessário buscar o valor social do trabalho e a dignidade humana como mecanismos de existência digna, sendo um dever global sustentar condições mínimas para sua realização, observando as novas tecnologias introduzidas nas relações sociais.

Dessa forma, acredita-se que as inovações devam buscar um equilíbrio entre desenvolvimento tecnológico e manutenção adequada das relações de trabalho, respeitando a condição do trabalhador e sua real autonomia.

Ademais, considera-se que as modificações nas relações de trabalho fazem parte dos próprios avanços sociais. Afinal, isso ocorreu com a modificação do sistema manufatureiro para a produção industrial, como o Taylorismo e Fordismo na organização da produção industrial do século XX, e atualmente com a utilização da automação, robótica e inteligência artificial, por meio das quais temos operações praticadas basicamente sem a presença humana. Por outro lado, ainda precisamos de um trabalhador, que muitas vezes é dito como seu “próprio patrão”, por utilizar plataformas digitais (aplicativos) para prestação de seus serviços (a exemplo de entregadores de plataformas de *delivery* de restaurantes, farmácias e supermercados ou dos motoristas de aplicativos de transporte).

Considerando esse contexto contemporâneo de novas relações de trabalho, acredita-se que, com base em Byung-Chul Han (2020, 2017a, 2017b), o próprio trabalhador se positiva em **coisa**, que é quantificável, mensurável e controlável. Há uma suposta autonomia



S U M Á R I O

do sujeito “empreendedor”, que ao se veicular a aplicativos estaria desenvolvendo flexibilização e independência no trabalho por escolher seus horários de trabalho, dentre outras supostas vantagens. No entanto, concorda-se com Han (2020) que

[...] o regime neoliberal de dominação se apropria completamente das tecnologias do eu, nem que a otimização permanente de si como técnica de si neoliberal não seja nada mais do que uma forma eficiente de dominação e exploração. O sujeito neoliberal de desempenho como “empresário de si mesmo” explora-se voluntária e apaixonadamente. [...] A técnica de poder do regime neoliberal assume uma forma sutil. Não se apodera do indivíduo de forma direta. Em vez disso, garante que o indivíduo, por si só, aja sobre si mesmo de forma que reproduza o contexto de dominação dentro de si e o interprete como liberdade. Aqui coincidem a otimização de si a submissão, a liberdade e a exploração (HAN, 2020, p. 44, grifos do autor).

Entende-se que em todas as grandes modificações tecnológicas do sistema produtivo se fazem necessários estudos e adaptações para a manutenção do equilíbrio entre capital e trabalho. Ou seja, a liberdade econômica advinda do sistema capitalista não deve se sobrepor à justiça social.

Nesse sentido, a pesquisa visa analisar os efeitos decorrentes da formação de uma nova ordem econômica que alarga a amplitude tecnológica e a sua relação com os trabalhadores, visto que essa classe está fortemente influenciada pelo novo paradigma da flexibilização, o que poderá impactar diretamente em seus direitos sociais. Para Lazzarato, (2006, p. 145), no atual estágio do desenvolvimento capitalista, não é o trabalho “produtivo” (aquele que produz o capital, segundo definição de Marx) que é explorado, mas o agenciamento, a articulação da diferença com a repetição. Ou seja, a criação e a efetuação de mundos possíveis passam a ser os objetos da apropriação capitalista.

Sodré (2015), ao falar sobre a sociedade contemporânea e sua relação com a globalização, esclarece que:

Velocidade e flexibilização são conceitos-chave para bem se entender o que está em jogo em todo esse processo. De um lado, a acumulação contemporânea do capital é 'flexível' no sentido de que, ao mesmo tempo, que dá continuidade à feroz exploração da força de trabalho, 'libera' ou enfraquece as relações laborais, investindo contra as garantias institucionais (jurídicas, políticas) tradicionalmente concedidas pelo capitalismo fordista. De outro lado, como a informação e o conhecimento são os insumos principais de uma ordem produtiva altamente tecnologicada, a velocidade converte-se em valor cultural por excelência, tanto no nível de informações quanto do ritmo de capacitação para o trabalho (SODRÉ, 2015, p. 24-25).

Diante de tal cenário, se faz necessário compreender qual e como será o efeito direto e indireto para os trabalhadores, visto que estamos em um contexto que influenciará diretamente nos sujeitos envolvidos, merecendo, assim, uma análise profunda e minuciosa de como a "flexibilização", em especial a suposta autonomia do trabalhador, está demonstrando seus efeitos nas relações de trabalho dos sistemas de transportes ou *delivery* por aplicativos.

Levando-se em conta o receio da substituição do trabalhador por tecnologias, também se torna pertinente verificar se existem políticas públicas efetivas e projetos legislativos eficientes para garantir a proteção ao trabalho, com o mínimo de condições legalmente previstas no plano laboral e social.



S U M Á R I O

METODOLOGIA: INTERNET E OS APLICATIVOS COMO FONTES DE PESQUISA

De acordo com Fragoso *et al.* (2011, p. 17), “a internet pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto)”. Seguindo essa linha de pensamento, para a referida pesquisa, considera-se que a internet tem papel central para os aspectos metodológicos, especialmente por ser um instrumento de pesquisa, mas também por ser um local para desenvolvimento da investigação.

Ainda segundo essas autoras, considera-se a internet como um **artefato cultural**, por meio do qual será possível analisar as relações de trabalho entre autônomos (ou “empreendedores”, na visão neoliberal) e aplicativos que usam a internet e as tecnologias como base de suas relações de exploração do trabalho. Nesse sentido,

A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos online e offline. A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso. O objeto internet não é único, mas sim multifacetado e passível de apropriações. [...]. Os estudos cujas abordagens enfatizam o aspecto de artefato cultural tendem a observar questões acerca dos discursos sobre a internet [...] e os processos de produção e consumo na construção do sentido dos seus usos sociais. A noção de internet como artefato cultural oportuniza o entendimento do objeto como um local intersticial no qual as fronteiras entre online e offline são fluidas e ambos interatuam (FRAGOSO *et al.*, 2011, p. 42).



S U M Á R I O

Ao levar-se em conta tal compreensão da *internet*, é possível relacionar-se com o objeto da pesquisa, pois considera-se que a noção de artefato cultural ajudará a compreender os “processos de produção e consumo na construção do sentido dos usos sociais”, ou mais especificamente os processos de relações trabalhistas e os sentidos dos usos sociais da internet e tecnologias dos aplicativos.

Ademais, com a análise sobre o impacto das tecnologias no mundo do trabalho e sua influência nas condições dos trabalhadores, tem-se um conflito inerente à globalização, ao sistema capitalista e ao neoliberalismo. Portanto, a pesquisa se baseia no conhecimento desse contexto, por meio de pesquisa qualitativa, com levantamento bibliográfico, coleta de dados, usando a internet como local de pesquisa (FRAGOSO *et al.*, 2011) e sua interpretação, devido à grande complexidade e características próprias do tema.

Assim, para analisar e interpretar os dados coletados, visando obter respostas para a problemática apresentada, será utilizada uma abordagem qualitativa, que supõe estudar em profundidade o objeto em questão, que é complexo e constitui-se de conflitos, contradições e, principalmente, de lutas e acomodações provisórias de espaços, tempos e saberes. Como perspectiva metodológica, a pesquisa qualitativa, “[...] atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 15).

Além disso, a pesquisa busca demonstrar a situação real e vivenciada pelos empregados em decorrência das profundas alterações tecnológicas e seus paradigmas de autonomia e flexibilização e as consequências nas demandas sociais, utilizando-se o método de estudo de caso. De acordo com Gil (2002, p. 54), “o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências [...] sociais. Consiste no estudo exaustivo e profundo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.



S U M Á R I O

Como a pesquisa aqui proposta possui como base a influência das alterações tecnológicas no sistema produtivo, será realizada com trabalhadores que se vinculam a aplicativos, verificando o acompanhamento da sua situação, em relação à autonomia de vontade, aos impactos da tecnologia no desenvolvimento de suas atividades laborais e se existe um real benefício ou apenas uma falsa sensação de segurança. Assim, considera-se que o estudo de caso seria a opção metodológica mais adequada.

Primeiramente serão realizados levantamento e revisão bibliográfica e a leitura desse material para construção de uma base teórica pautada na epistemologia do atual cenário sociocultural contemporâneo, sendo fonte subsidiária de discussão acerca do problema de pesquisa, assim como da análise e da interpretação dos dados coletados. Ademais, será realizada uma análise criteriosa das novas tecnologias e sua influência na relação laboral dos trabalhadores de aplicativos, considerando a autonomia de vontade e as medidas necessárias para a proteção da relação de emprego e que efeitos isso poderá gerar.

Tal análise se dará a partir dos dados coletados na modalidade de entrevista semiestruturada com os trabalhadores sobre como as modificações na nova sistemática de trabalho estão interferindo em seu cotidiano, para verificar de que forma isso pode refletir nas relações de trabalho. Por fim, deverá ser analisado e interpretado todo material coletado, com o escopo de elaborar uma análise aprofundada sobre uma realidade, que futuramente poderá servir de paradigma para novos estudos e aplicabilidades em outras situações.

A partir dos conteúdos vistos na disciplina “Laboratório de métodos para compreensão da Cultura e Subjetividade”, foi possível ter uma nova perspectiva acerca da internet na referida pesquisa. Dessa forma, passou-se a considerá-la também como um artefato cultural (FRAGOSO *et al.*, 2011), bem como foi possível



S U M Á R I O

rever procedimentos metodológicos que irão agregar valor à investigação em andamento.

Destaca-se ainda que algumas referências utilizadas na disciplina foram fundamentais para ampliação da interpretação dos sujeitos da pesquisa, ao considerar-se a ideia de subjetividades (PASSOS *et al.*, 2020), especialmente diante dos impasses metodológicos atribuídos à natureza da pesquisa qualitativa, que reúne grande parte das investigações no campo dos estudos da subjetividade (PASSOS *et al.*, 2020, p. 8).

Conclui-se que a pesquisa qualitativa aqui apresentada pode-se valer também a ideia de “pistas”, mesmo não se utilizando do método cartográfico apontado por Passos, Kastrup e Escóssia (2020).

REFERÊNCIAS

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FRAGOSO, Suely *et al.* **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica - o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. 7. ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2017^a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017b.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PASSOS, Eduardo *et al.* **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

SODRÉ, Muniz. O globalismo como neobarbárie *In*: MORAES, D. (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. P. 57-86.

9

Ivoneides Batista do Amaral

**O MODERNISMO
NA CULTURA POPULAR
MATO-GROSSENSE:
REFLEXOS NA DANÇA DOS MASCARADOS**

Este estudo busca refletir, compreender e interpretar as mudanças referentes à cultura popular, suas ressignificações e adaptações, compreendendo seu percurso devido às transformações urbanas vindas com a modernidade que influenciam na dinâmica, na história e na memória do povo, estabelecendo novos processos sociais. Vale ressaltar a importância das tradições na continuidade da vida social, ligando os sujeitos e suas ações, porém a cultura popular vem sendo substituída por uma cultura alheia à realidade da população, por consequência dos efeitos da modernidade e das ações que ela causa no tempo e no espaço, influenciando nas adequações necessárias para atender a realidade atual. Portanto, busca-se investigar como esse processo ocorreu com o grupo de Dança dos Mascarados que representa uma manifestação folclórica da cidade de Poconé, Mato Grosso, atuante na difusão cultural há mais de um século.

Ao pensarmos sobre a metodologia, no primeiro momento, será necessário conceituar, observando os desdobramentos relevantes para a pesquisa em cultura popular e modernidade. Faremos o levantamento bibliográfico, pois as definições e estudos pautados no contexto cultural brasileiro serão necessários para contextualizar e organizar o conhecimento, considerando que a pesquisa bibliográfica nos propicia um universo com diferentes vertentes, e ao nos debruçarmos sobre essas diferenças, perceberemos a força dos fatos vivenciados em diferentes contextos. Exploraremos esse conhecimento através de levantamentos de dados publicados através de fontes diversas: livros; periódicos; documentos eletrônicos, bem como dissertações e teses que tratem sobre cultura popular, modernidade, transformações na cidade, atuação do poder público no fomento cultural e o papel das novas gerações no fomento da cultura popular.

A constatação empírica é transmutada em questão teórica, a relação entre tradição e modernidade e suas implicações em termos de perspectiva analítica nos levam a análise qualitativa. Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 14), "as estratégias mais representativas da



S U M Á R I O

investigação qualitativa, são aquelas que ilustram as características anteriormente referidas, são a observação participante e a entrevista em profundidade”, estabelecendo a relação entre as partes, pois suas técnicas permitem a interpretação e a descrição dos objetos em análise, componentes necessários para delinear o problema de pesquisa e ressaltar os detalhes das transformações feitas através da documentação direta com observações e entrevistas. Nesse processo investigativo, procura-se a relação imediata com o problema. Abordando a temática da cultura popular representada por meio da Dança dos Mascarados de Poconé, ação coletiva e folclórica, de valor histórico e cultural arraigado no cotidiano da população mato-grossense, neste contexto, as experiências serão observadas por diferentes ângulos.

A pesquisa etnográfica é usada tradicionalmente para a descrição dos elementos que compõem uma cultura específica. A inserção *in loco* se faz necessária para levantamento de dados e informações por meio de questionários, entrevistas e observações. De maneira qualitativa, busca-se as particularidades do grupo, tendo como intuito o significado do contexto, crenças, valores e costumes dos sujeitos que compõem o processo da pesquisa ao longo do tempo e do espaço.

Para Freitas (2000, p. 6), “o pesquisador durante o processo de pesquisa é alguém que está em processo de aprendizagens, de transformações. Ele se ressignifica no campo”. A efetivação do trabalho de campo deverá ocorrer na cidade de Poconé, no contato com os moradores, registros documentais e imagéticos, buscando o detalhamento das ações relacionadas à cultura popular por meio da Dança dos Mascarados, em seu contexto atual. Acrescido a isso, observamos fatores de ordens políticas, portanto os estudos se estendem junto aos órgãos estaduais que trabalham com as ações culturais. A complexidade na busca por compreender esse fenômeno exige o diálogo com outros grupos pertencentes à cultura local, que passam pelo processo de esquecimento e desvalorização.



S U M Á R I O

A pesquisa se insere pela intensificação dos problemas devido às configurações da modernidade, que nos leva a repensar a cultura popular e sua identidade. Conforme Giddens (1991), as mudanças estão ocorrendo na contemporaneidade sob o impacto da globalização, afinal, na era atual, as ações têm repercussões globais. Isso implica no desprendimento tanto das instituições públicas quanto da vida cotidiana da tradição, corroborando para a ideia da sociedade cosmopolita global.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Estudos qualitativos numa abordagem sócio-histórica. **Conferência proferida no II Fórum de Investigação Qualitativa**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.



S U M Á R I O

10

Luiz Guilherme Santos Vieira

**ESTUDO DE CASO
DO FESTIVAL
'GRITO ROCK':
CAMINHOS PARA SE ENTRAR NO EIXO**

*[...] Meu amor, disciplina é liberdade
Compaixão é fortaleza
Ter bondade é ter coragem
(Renato Russo, 1989).*

Este texto, que trata da metodologia da pesquisa desenvolvida no percurso do mestrado, recebe esse título como uma alusão à equipe organizadora do festival 'Grito do Rock', nomeada de 'Fora do Eixo'. Considerando que, no âmbito acadêmico, a metodologia é o fator que conduz o estudante até o seu objetivo final, penso que entrar no eixo, ou seja, seguir uma metodologia é algo positivo, pois, como ilustrado na epígrafe acima e tal como diz o poeta Renato Russo (1989), "disciplina é liberdade".

Dessa forma, é importante salientar que esta pesquisa dialoga com a abordagem qualitativa, porque pretendeu se aproximar da subjetividade existente no meio analisado.

A pesquisa qualitativa é adequada para a apreensão de variações, padrões e tendências, mas é frágil na apreensão de detalhes e singularidades. Ela visa a uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico. O número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente. A escolha depende do problema da pesquisa. Questões complexas e universos heterogêneos e dinâmicos, como a internet, frequentemente requerem observações em diferentes escalas de análise, bem como desenhos metodológicos que combinem diferentes estratégias de amostragem. Os critérios e estratégias de amostragem qualitativa podem se alterar conforme o desenvolvimento do trabalho – não são camisas de força (FRAGOSO *et al.*, 2011, p. 113).

Utilizou-se de fontes primárias de pesquisa, como divulgações, reportagens, redes sociais, materiais publicitários e registros

S U M Á R I O

audiovisuais. Os estudos partiram da reunião de análises conceituais, por meio da pesquisa bibliográfica, como forma de garantir a construção da investigação proposta.

Para fazer o levantamento de dados, lançou-se mão da Netnografia, pois ela, segundo seu criador, Robert Kozinets (2010), está adaptada às complexidades do nosso mundo social contemporâneo, mediado pela tecnologia.

Desde o estabelecimento da internet como meio de comunicação e da constituição de grupos sociais possibilitados pelas facilidades da comunicação em rede, alguns pesquisadores perceberam que as técnicas de pesquisa etnográfica também poderiam ser utilizadas para o estudo das culturas e das comunidades agregadas via internet (FRAGOSO *et al.*, 2011, p. 170).

No entanto, nem sempre é fácil separar, averiguar ou, até mesmo, identificar quais informações obtidas são ou não pertinentes, como elucida Pisso Concha (2019, p. 156):

[...] na mineração de dados não se encontra um passo a passo de como arrumar a informação, porque sua função é localizar e apresentar as informações estatisticamente, mas se pode desenhar uma tabela de dados, que registre o conteúdo achado, insira hipóteses, percepções, apontamentos, anotações, até seus estranhamentos e suas emoções, sobre o que está pesquisando.

Portanto, o procedimento metodológico utilizou objetivos exploratórios e descritivos, que coadunam com sua abordagem qualitativa, pautados em métodos de consulta bibliográfica e documental e na observação participante, uma vez que este pesquisador também é músico e já vivenciou experiências no festival estudado.

Foi possível, a partir da pesquisa documental de registros disponibilizados nos meios eletrônicos, examinar alguns movimentos *underground* em Cuiabá e como se deu a evolução, a extinção e as suas hibridações.



S U M Á R I O

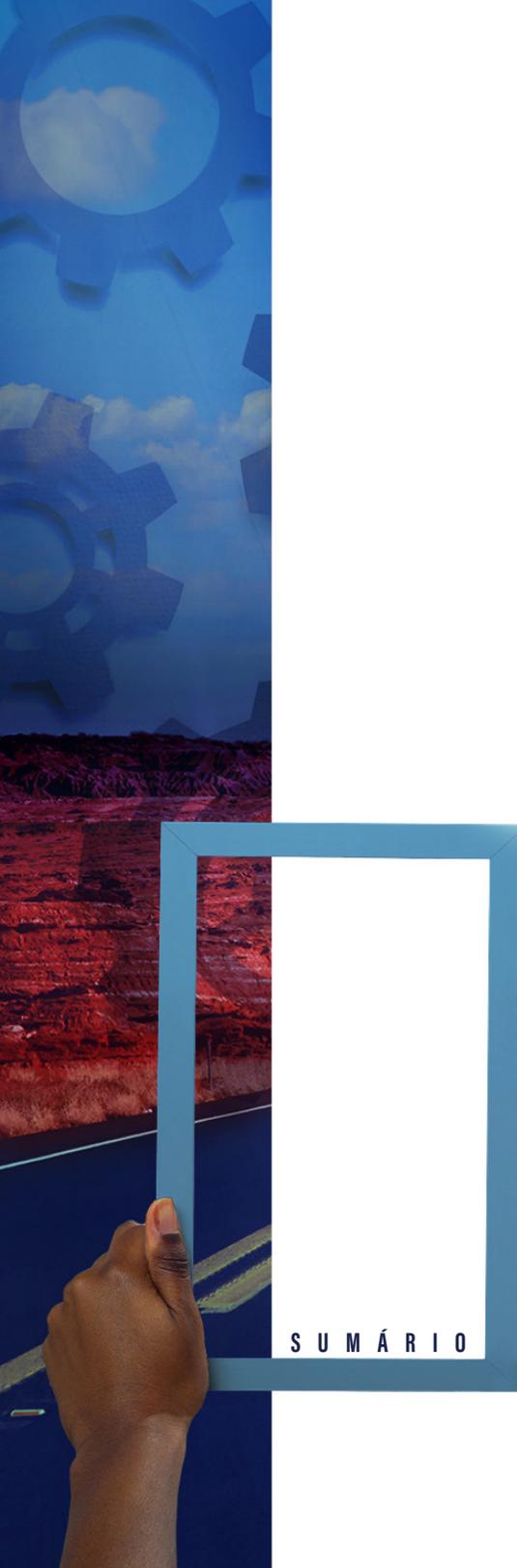
Para tanto, foram feitas a leitura atenta e a pesquisa bibliográfica junto à tese '*Heavy metal em Cuiabá: cena musical e lugares do underground na cidade*', realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO) (GOMES, 2018), principalmente no que concerne ao campo da cartografia do *Rock* em Cuiabá. A partir disso, foi possível abordar a cidade de Cuiabá pelo viés de centro de articulação da rede *underground* urbana mato-grossense.

[...] é uma cidade que orienta os fluxos de bens, pessoas e serviços. Esta característica faz de Cuiabá um polo caleidoscópico de expressões artísticas, em especial a música. Por isso julga-se interessante uma apresentação, mesmo que breve, de como a cidade chegou a este estágio socio-cultural (GOMES, 2018, p. 21).

Com o recorte do espaço geográfico onde a pesquisa foi realizada, foi possível interseccionar as relações sociais e a interface com o lugar para entender o percurso do *Rock* na cidade, a realização de festivais, o cenário musical, as relações sociais e a paisagem sonora estabelecida para a construção de sentido, inclusive a esta pesquisa.

A pesquisa bibliográfica foi amparada nas teorias de hibridação trabalhadas por Canclini (2007), a fim de compreender, entre outras questões, como se movimentou o *Rock* e suas conexões com o *underground*, dentro do que se propõe, com seus esforços nessa definição de resistência às culturas massivas, cujas percepções foram interligadas com a teoria do capital simbólico de Bourdieu (2002).

Para conceituar as mudanças na historicidade do homem em uma perspectiva cultural, Geertz (1973) nos auxilia nessa produção de sentido com a possibilidade de interpretação dos significados musicais, uma vez que dá aporte para a abordagem interdisciplinar a partir do entrelaçamento e da interconexão da cultura, da comunicação e da música.



S U M Á R I O

Com base na metodologia de estudo de caso, utilizando o modelo de investigador participante, o cenário musical do festival 'Grito do Rock' será esteio da análise dos estudos que se utilizam do conceito da comunicação enquanto sociabilidade, indo além da mera transmissão, mas, principalmente, enquanto recurso de compartilhamento, tendo em vista que é interseccionada com a cultura e com as práticas culturais da cena musical da contracultura contemporânea de Cuiabá.

Destaca-se que esta pesquisa é vista como um estudo de caso descritivo, pois o trabalho está voltado a estudar o festival 'Grito do Rock' durante um período limitado de tempo, com informações provenientes de uma análise documental e de evidências, possibilitando, assim, produzir um conhecimento mais aprofundado sobre a temática, conforme sinalizam Max Weber (1999), Robert Yin (2001) e Clemente Júnior (2012).

Para tanto, perceber que a evolução tecnológica trouxe a possibilidade de encontro de grupos minoritários foi primordial à pesquisa. Ao invés dos limitados e pequenos círculos que se formavam antes da internet, a partir desse advento, houve a ruptura de barreiras, paralela à construção de ambientes virtuais de sociabilidade.

Lembrando Pierre Lévy (1999, p. 32), a respeito das diferentes formas de construção coletiva, verifica-se como "O ciberespaço fornece possibilidades de construção coletiva e colaborativa para grupos geograficamente dispersos." A partir de então, a comunicação não mais trata apenas do transporte e da emissão de mensagens, mas da interação construída pelos sujeitos envolvidos.

A cultura foi o ponto de partida para os procedimentos conceituais, tratando-se de um ponto convergente entre as pessoas, pois a cultura é o que congrega e une as pessoas (SIQUEIRA, 2020). Em consonância a essa afirmação, Philippe Quéau (2001) interroga e explica o que ele entende por cultura:



S U M Á R I O

O que é a cultura? É aquilo que pode dar a toda a pessoa razões para viver e ter esperanças. É o que pode dar meios de agir a fim de aumentar a beleza e a sabedoria do mundo. Uma cultura autista, fechada, seria um contrassenso evidente, porque a cultura é como a natureza: ela vive pela respiração, pelos fluxos, pelos sopros, pelas fecundações e mestiçagens (QUÉAU, 2001, p. 460).

Essa definição pretende ser a base norteadora desta pesquisa, que opta pelo caminho da esperança e entende a subjetividade cultural, especialmente o universo musical e suas hibridações, como campo da contracultura e de resistência às subjetividades capitalistas impostas pelo mercado musical em sua abordagem de massa ou industrial.

Os estudos desta pesquisa estão abrigados na linha de pesquisa Comunicação e Mediações Culturais, do PPGECO, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), entendendo, portanto, que as práticas sociais funcionam como mediadoras da produção de sentido e da vinculação social na contemporaneidade, sendo possível avaliar as culturas marginalizadas, aquelas que se inserem na sociedade em brechas, com o objetivo ou não de se tornarem populares, ou seja, de avançarem para o âmbito do *mainstream*.

Além do conceito de hibridação, dinamizado pelo pensamento de Canclini (2007), busca-se sustentação em Bourdieu (1990, 2002, 2007) para compreender o significado de capital simbólico. Já o teórico Philippe Quéau (2001), traz para este trabalho sua contribuição sobre a cultura, como já mencionado acima. Schafer (2001) traz à cena a conceituação de paisagens sonoras.

Na tradução simples para o português, *underground* significa “subterrâneo”. Nesse sentido, um ambiente cultural *underground* é aquele que foge dos padrões comerciais e do que está na superfície dos modismos da mídia, podendo se inserir em diversas vertentes de expressão artística da cultura urbana contemporânea, como a produção musical, o cinema, a literatura, entre outras.



S U M Á R I O

Entre os maiores festivais de rock realizados em Mato Grosso, está o festival '*Grito do Rock*', objeto de estudo desta pesquisa. O evento surgiu como uma proposta de opção alheia ao Carnaval. Em sua primeira edição, no ano de 2003, apenas cinco bandas formaram a lista de atrações desse '*Carnaval mais Rock*', cujo termo foi usado pelo '*Espaço Cubo*' para atrair pessoas que gostavam de *Rock* e que não queriam curtir as festas carnavalescas tradicionais regadas a Samba, Axé e outros estilos musicais.

Diante do contexto até então apresentado, antes de nos aprofundarmos sobre o '*Grito do Rock*', serão apresentados a origem do evento e o Calango, outro grande festival que nasceu da mesma fonte. Nesse sentido, criou-se também o '*Espaço Cubo*', que, segundo a sua própria definição, é uma organização cultural coletiva informal que iniciou suas atividades em 2002, em Cuiabá.

A princípio, a organização se chamava '*Cubo Mágico*', criada em 2001 por um grupo de universitários de Comunicação Social como uma agência de publicidade, de produção de vídeos e de eventos. Meses depois ela teve seu nome alterado para '*Espaço Cubo*', cuja ação foi motivada também por conta da proposta de desenvolvimento do mercado cultural em Mato Grosso, com foco nas produções alternativas, autorais e autossustentáveis.

Ao recrutar bandas de *Rock* para esse circuito, foi realizado o primeiro festival Calango, em 2001. Sob olhares de produtores e de gravadoras do Sudeste do país, as bandas se apresentaram com a expectativa de que suas apresentações atraíssem a atenção dos "olheiros" para que houvesse a possibilidade de serem lançadas nacionalmente.

Contudo, a estrela não brilhou para nenhuma banda. Nos anos seguintes, o '*Espaço Cubo*' se estruturou de forma mais abrangente como circuito cultural e buscou se fortalecer politicamente. Em 2001, as bandas se apresentaram para um público de 2 mil pessoas.



S U M Á R I O

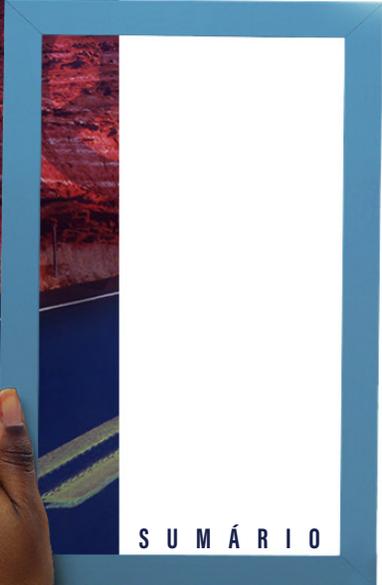
Anos depois, em 2005, o público espectador já era de 12 mil pessoas. Nos festivais, estavam presentes convidados da imprensa nacional e realizadores de outros grandes festivais como: 'Bananada' e 'Goiânia Noise', de Goiânia (GO); 'Porão do Rock' de Brasília (DF), e 'Mada' de Natal (RN).

Dennis Rodrigues, vocalista da banda Imitáveis, disse no documentário '*Ser Underground*': "[...] anos e anos se passaram e não existiu mais nenhum festival dessa proporção, integrando tantos artistas, de outras cidades" e "[...] ninguém acreditaria se dissesse que o festival Calango iria acabar e 10 anos depois não teria nada parecido".

Hélio Flanders, vocalista da banda Vanguard, em sua participação no documentário já citado, afirmou que o "Festival Calango permitiu que muito jovem daquela época sonhasse em ter uma banda". E, Dark Jordão, vocalista da Banda Fuzzly lembrou que "muita banda surgiu, tocava no Calango e acabava".

Outras sub-organizações foram criadas, integradas ao 'Espaço Cubo', para dividir os artistas em grupos de trabalho, a exemplo da Volume (Voluntários da Música). Nos anos seguintes, mais pessoas foram se integrando ao movimento e a cada edição do 'Festival Calango' mais bandas se apresentavam, em mais dias de eventos e para mais pessoas. Em 2003, o evento integrou outros segmentos artísticos como o audiovisual, a literatura, a arte do grafite e as apresentações de *skate*, além da realização de oficinas e debates sobre estratégias culturais e de mercado.

O documentário '*Ser Underground*' aborda o circuito como "uma importante força criativa em prol da movimentação e manutenção da cena roqueira cuiabana". Um detalhe que chama atenção no *slogan* do 'Espaço Cubo' é que ele se insere dentro de uma concepção semelhante à de outros movimentos *underground*, pois, abaixo da logo, está a seguinte frase: "A cultura que você não vê na TV".



S U M Á R I O

Contudo, ao mesmo tempo que a organização se apresentava como alheia ao que cabia na mídia, buscava espaço para divulgação dos eventos nos veículos de imprensa tradicionais: na TV, no rádio, em jornais impressos, além da internet.

Em meio ao aumento da organização e da crescente conquista de espectadores, demonstrada pelo público presente nos eventos, foi criado, em 2006, o circuito 'Fora do Eixo', que se apresentou como

[...] uma organização que reúne produtores de festivais emergentes e movimentos independentes de 12 estados brasileiros e 20 cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia, Londrina, Florianópolis, Belém, Cuiabá, enfim, resultado desse movimento que surgiu em Goiânia, paralelo à criação da Associação Brasileira de Festivais Independentes (FORA DO EIXO, s.d).

Em seu surgimento, o 'Espaço Cubo' navegava em uma crescente onda de contestação política e econômica, em um período no qual as pessoas já questionavam e não mais se limitavam ao contexto conservador de negócios, ao passo que as novas tecnologias digitais começaram a abrir caminhos para o compartilhamento de novas produções artísticas e culturais. Aliás, a internet possibilitou a interação direta entre produtor e consumidor, sem intermediários e sem que o produto artístico precisasse passar pela televisão, por exemplo, para chegar ao público.

A história do festival '*Grito do Rock*' começou pelo carnaval, afinal, a maior festa popular brasileira foi quem estimulou a criação de uma alternativa a quem não era adepto das tradicionais marchinhas. A partir desse conceito, começou uma movimentação para a criação de uma espécie de acolhimento aos entediados do carnaval. Não é um movimento anticarnaval, mas uma forma de dizer às pessoas que é possível curtir o período festivo de uma outra maneira, diferente da tradicional.



S U M Á R I O

Essas ações flertam com o conceito de *underground*, pois é um “carnaval” para um público reduzido, em um local menor em relação aos espaços escolhidos para as festas carnavalescas, com um público que não frequentam os desfiles nem as rodas de samba, ou seja, é uma festa para os que resistem ao carnaval, soando como uma fuga cultural para dentro de um ambiente de contracultura.

A primeira edição do festival ‘*Grito do Rock*’ foi realizada em Cuiabá, durante o carnaval de 2003, na galeria do Pádua, (Figura 1), com a apresentação de apenas cinco bandas locais, todas autorais, sendo este um requisito permanente para se apresentar no festival, em contraponto à monopolização imposta pelo cenário “cover”, ou seja, pelos artistas e bandas que não tinham composições próprias e interpretavam músicas de outros artistas conhecidos nacional ou internacionalmente.

No ato um olhou pro outro e pintou aquele clima de ‘ninguém mais faria a não ser nós’. E em menos de 15 minutos estava decidido que organizaríamos o primeiro ‘*Grito do Rock*’ em Cuiabá, no sábado de carnaval, com bandas locais que foram escolhidas na hora: Zorato, Dona Lua, Lynhas de Montagem, Deefor e Papo Amarelo. O local perfeito seria a galeria do Pádua, ligamos na hora para o Pierre, dono do espaço e ele topou. Pronto, todos já sabiam onde passariam o carnaval de 2003 (CUBISTA, 2003).

Nos anos seguintes, devido ao sucesso e incentivo do público roqueiro sobre a iniciativa, novas edições aconteceram, sempre durante o período de carnaval. Pouco a pouco, o número de apresentações foi crescendo e o evento passou a ser realizado em mais de um dia. A primeira edição, realizada com baixo orçamento, resultou em prejuízo, já que o evento ainda não era conhecido por um grande público e os investimentos ultrapassaram o ganho com os ingressos (CUBISTA, 2003).



S U M Á R I O

Assim, em 2003, conforme já dito, a primeira apresentação se deu apenas com bandas locais, o que, nos anos seguintes, foi sendo aprimorado. Dessa forma, entre 2004 e 2006, o festival *'Grito do Rock'* já integrava artistas regionais de outras cidades mato-grossenses e do Mato Grosso do Sul, mas com realização única em Cuiabá, em apenas um dia. Em 2005, esse intercâmbio já reunia 24 bandas, entre elas duas do interior de Mato Grosso (Sorriso e Sinop) e três do Mato Grosso do Sul.

Em 2006, surgiu a Associação Brasileira de Festivais (Abrafin) e a articulação de produtores começou a impulsionar o crescimento da iniciativa. Neste momento, o festival *'Grito do Rock'* deixou de ter um caráter apenas regional e desenvolveu a integração com dez estados de outras regiões do país. Entre as 28 bandas que se apresentaram nesse ano, estavam artistas das Regiões Norte, Nordeste, Sudeste, além do Centro-Oeste.

Com a criação do circuito *'Fora do Eixo'*, em 2006, passado o experimento de acolher bandas de outros estados, o festival *'Grito do Rock'* passou a ser realizado de forma integrada, em 2007. Já nesse primeiro ano de integração oficial, o evento aconteceu em 20 cidades, nas Regiões Centro-Oeste, Norte, Sudeste, Nordeste e Sul. A repercussão gerada a partir dessa expansão para outros estados chamou a atenção de outros que, até então, não tinham se unido à ideia.

Então, em 2008, o número de cidades realizadoras mais que dobrou: foram quarenta e cinco. A novidade foi o início da expansão mundial. Na América do Sul, depois do Brasil, a Bolívia e a Argentina foram os primeiros países a investir na ideia. O evento, por si só, estimulava as bandas a se apresentarem e mostrava a existência de um espaço de boa visibilidade para a mostra de produções autônomas e independentes.



S U M Á R I O

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.
- BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: Crítica Social do Julgamento. São Paulo: Zouk, 2007.
- CANCLINI, Nestor, Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.
- CARVALHO, Guilherme; NUNES, Máira de Souza. **Underground e ciberespaço**: Uma leitura atual para estudos da comunicação. **UNINTER**, v. 2, n. 3, 2014.
- FRAGOSO, Suely. *et al.* **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa**: Por uma teoria Interpretativa da Cultura. Rio de Janeiro: Guanabara ,1973.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- GOMES, Iuri Barbosa. **Heavy Metal em Cuiabá**: Cenas musicais e lugares underground na cidade. 2018. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. 2018.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- KOZINETS, Robert V. **Netnography**: Doing Ethnographic Research Online, London: Sage, 2010.
- PISSO CONCHA, Jennifer Paola. O QUE FOI DEIXADO NO CIBERESPAÇO: confissões de uma netnógrafa. **Falange Miúda** - Revista De Estudos Da Linguagem, v. 4, n. 2, p. 152-162, 2019.
- QUÉAU, Phillippe. Cibercultura e info-ética. *In*: MORIN, Edgar (org). **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SANTOS, Rita de Cássia Domingues dos. **Repensando a Terceira Fase Composicional de Gilberto Mendes**: o Pós-Minimalismo nos mares do Sul. Curitiba: CRV, 2019.

SCHAFFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SIQUEIRA, Aline Wendpap Nunes de. **E se o vento levou o whats pranchou?** Curitiba: Appris, 2020.

TENAN, Ilka. **Eventos**. São Paulo: Aleph, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.



S U M Á R I O

The background is a monochromatic blue-toned image. It features a hand on the left side, gripping a vertical light blue bar. Behind the bar, a road with yellow dashed lines curves through a landscape. Large, semi-transparent gear icons are scattered across the scene, suggesting a theme of industry or mechanics. The overall mood is contemplative and industrial.

11

Vinícius da Cruz

ETNOGRAFIA DAS REZAS CANTADAS DE POCONÉ/MT:

**ESTRATÉGIAS DOS LÍDERES
DE CULTURA POPULAR PRETA**

A partir do trabalho como regente e da experiência de cantar com o Grupo Reza Cantada do Pantanal na I Mostra de Cultura Popular do SESC Poconé, foi possível visualizar este campo de pesquisa no estado de Mato Grosso. A dissertação “Etnografia das rezas cantadas de Poconé/MT: estratégias dos líderes de cultura popular preta” foi desenvolvida a partir de uma parceria da Universidade Federal do Mato Grosso com o Centro de Atividades do Sesc Pantanal, em Poconé, em um Termo de Cooperação entre instituições para o desenvolvimento da pesquisa. Portanto, a dissertação será disponibilizada à UFMT, aos grupos de rezas cantadas pesquisados e ao SESC Pantanal.

Para realizar esta investigação, foram feitas visitas, de acordo com a necessidade da pesquisa, à cidade de Poconé-MT, durante o ano de 2021, com o intuito de recolher dados, como rezas cantadas, a realização do Festival e da roda de conversa com os líderes, para que possa ser feita a análise deste material. A investigação das estratégias dos líderes dos grupos para a manutenção desta prática de canto coletivo em Poconé-MT se dará através de uma etnografia com estudo de multicascos, tendo quatro frentes principais que são: a análise dos áudios das melodias e letras das rezas cantadas (CASTAGNA, 2008); a entrevista com os líderes dos grupos de rezas cantadas (FRASER; GONDIM, 2004); e, se houver o afrouxamento do protocolo de biossegurança referente a pandemia, a observação participante de três grupos que estejam ativos a pelo menos 2 anos e a roda de conversa com os integrantes destes três dos grupos (MOURA, 2014).

No ano de 2019, o Núcleo de Pesquisa em Patrimônio Imaterial da Estância Ecológica do Sesc Pantanal fez o registro em áudio de sessenta músicas de grupos populares de Poconé. Entre essas gravações, estão as rezas cantadas de três grupos de Poconé. Em vista disso, foi desenvolvida uma análise deste material, contendo as letras e melodias, registrados pelo Núcleo de Pesquisa, com o



S U M Á R I O

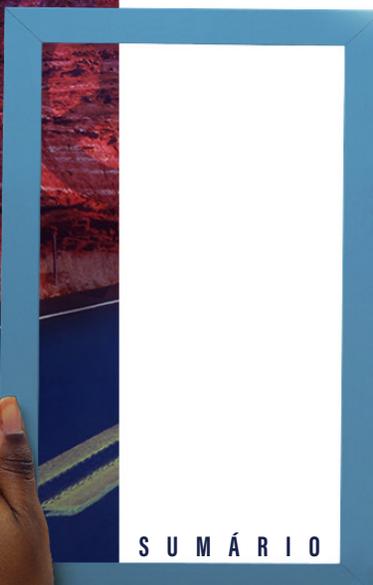
intuito de contextualizar o ambiente musical em que o grupo pesquisado está inserido.

Para seguir o cumprimento das próximas etapas metodológicas, destaca-se que o mapeamento, as entrevistas com os líderes, a observação participante e a roda de conversa serão feitos respeitando as regras vigentes de biossegurança, em relação à pandemia de Covid-19; obedecendo ao distanciamento social, uso de máscara e álcool gel, com o intuito de manter a proteção da saúde dos pesquisados e pesquisador.

Isto posto, após a compreensão da estrutura musical entoadada pelos grupos, foi efetivado um mapeamento dos grupos de rezas cantadas existentes em Poconé, a partir das informações já registradas pelo Sesc Pantanal, verificação com a comunidade católica e, principalmente, os praticantes que participam deste movimento de fé. Esta apuração tem o interesse de averiguar quantos grupos ainda são atuantes, quem são seus líderes, em quais festas de quintais cantam e quantas pessoas integram cada um deles.

Com o mapeamento feito, destaca-se que a pandemia de Covid-19 pode interferir no andamento desta pesquisa e merece destaque, visto que a depender do cenário poderá influenciar na proposição da metodologia de pesquisa. À vista disso, há dois caminhos possíveis a serem trilhados a depender do cenário posto.

A pesquisa se estrutura a partir da realização de entrevistas semiestruturadas em vídeo chamadas que serão gravadas, com líderes de quatro grupos de rezas cantadas, sendo os critérios para escolha: rezadeiras e rezadores que tenha o grupo ativo a mais de dois anos, com o intuito de registrar suas percepções sobre a reza cantada, compreendendo as razões pessoais destes para fomentar e participar desta prática de canto coletivo e, além disso, como seus respectivos grupos se movimentaram religiosamente, socialmente e culturalmente no contexto pandêmico.



S U M Á R I O

Fraser e Gondim (2004) destacam que a entrevista possibilita compreender como os indivíduos percebem sua realidade. Portanto, com o intuito de captar as mais diferentes perspectivas dos idealizadores e executores da reza cantada, estes parâmetros foram definidos tendo como princípio a pluralidade de pontos de vista, buscando compreender os processos de ensaios e avaliação da apresentação, a partir do olhar dos líderes.

A partir daí, será feita uma observação participante, buscando verificar se há semelhanças e/ou diferenças de timbres vocais entre grupos, como se estruturam as rezas, quais são as figuras mais evocam suas religiosidades, comparando com a análise das gravações estudadas e as entrevistas feitas, buscando encontrar a multiplicidade das formas poconeanas de se entoar suas manifestações culturais.

Sendo assim, as apresentações são o processo resultante de acordos firmados pelos cantadores para as apresentações em festas religiosas ou cívicas. Portanto, a observação auxiliará na compreensão deste “produto” consequente dos acordos e como se externaliza na performance do grupo de canto coletivo no processo de teatralização da cultura popular descrito por Canclini (2019), a partir das comemorações nas Festas de Santo.

Para além das apresentações, será feita uma roda de conversa com as/os integrantes dos grupos de reza cantada para compreender percepções coletivas sobre a prática, em seu contexto cultural, até o presente momento e quais suas perspectivas para o futuro desta prática. Moura (2014) destaca que a roda de conversa é uma possibilidade de produção de dados a partir da discussão em que o pesquisador “se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão” (MOURA, 2014, p. 99).

O autor afirma que, em uma roda de conversa, o sujeito “reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se



S U M Á R I O

associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva” (MOURA, 2014, p. 100). Portanto, esta proposta metodológica é feita por se tratar de uma prática de canto coletivo, sendo minha escolha, como pesquisador, perceber como se sustentam as arguições sobre as percepções coletivas dos integrantes, também durante esta propositura comunitária.

A partir dos dados coletados, foram condensadas as informações para a disponibilização em uma dissertação, de forma acessível à toda comunidade poconeana e visitante, disponibilizada a Biblioteca Manoel de Barros do Centro de Atividades do SESC Poconé, buscando auxiliar na estruturação da prática como patrimônio imaterial, e, possível integrante do turismo sustentável cultural religioso da região.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: USP, 2019.

CASTAGNA, Paulo. A musicologia enquanto método científico. **Revista do Conservatório de Música da UFPel**. Pelotas, n. 1, p. 7-31, 2008.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios**: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/pocone.html> Acesso em: 30 set. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **MIL Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo, Ed. 34, 1995.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes Gondim. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139 -152, 2004.



S U M Á R I O

GOMES, Lindomar. **Festival Internacional de Corais**. Belo Horizonte. 18. ed. Disponível em: <https://festivaldecorais.com.br/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da Roda: Roda de conversa: um instrumento Metodológico Possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, Vinícius Afrásio. **Cantá pras alma**: a reza cantada do ritual de Encomendação das Almas. 2017. 241 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

QUEIROZ, Poliana Jacqueline Oliveira. **"Bora agitar?!"**: As crianças na Dança dos Mascarados de Poconé-MT. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

UNESCO. **Convenção para salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Trad. Ministério das Relações Exteriores. Brasília: Unesco, 2006.



S U M Á R I O

12

*Alex Paulo Teixeira de Souza
Aline Celestina dos Santos Silva
Renan Costa de Negri*

**EMOÇÕES, IDENTIDADES,
IDEOLOGIAS E PROJETOS
DE VIDA:**

A MÚSICA COMO CONEXÃO

Algumas frases marcam nossas vidas. No 16º Congresso de Leitura da Unicamp, ainda no ano de 2007, Ferreira Gullar era homenageado e, durante a Conferência de Abertura, o poeta menciona que “a arte existe porque a vida não basta”. Uma frase curta com beleza imensa. A arte pode ser base para conexões e divisões sociais. Em nosso caso, uma ramificação do mundo artístico foi fundamental para a união entre três seres humanos, antes separados pela distância geográfica e o desconhecimento um do outro.

Estamos falando da música. Embora com olhares distintos, a música é parte essencial da narrativa de cada pesquisa aqui apresentada e entrelaça emoções, identidades, ideologias e projetos de vida. Os escritos abaixo, são uma mostra do quão rico pode ser o universo musical para o meio acadêmico, seus estudiosos e seus amantes, através do encontro de pessoas e culturas, como aconteceu na disciplina Tópicos Especiais em Comunicação e Mediações Culturais: Laboratório de métodos para compreensão da cultura e subjetividade, ministrada pela Dra. Aline Wendpap Nunes no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea.

Nesse sentido, se tem por objetivo discorrer sobre diferentes linhas metodológicas em pesquisa musical, cuja **Pesquisa Performativa** de Brad Haseman (2015) tratará de questões acerca da Diferença e Repetição na Performance Bateriaística do Lambadão do pesquisador Alex Teixeira. Em ‘Uma geografia emocional do Nordeste na sala de aula: o Sertão de Luiz Gonzaga’ da pesquisadora Aline Celestina Dos Santos Silva, a ferramenta metodológica da **Entrevista Reflexiva** (DIAS *et al.*, 2019) elencará a importância da relação entre o **pesquisador/entrevistador e o sujeito/entrevistado**. No viés dos Métodos e técnicas de pesquisa social (GIL, 2008), a investigação do movimento *Punk Rock* ‘Não é permitido: *Punk Rock* sob censura e vigilância’ de Renan Costa de Negri, estabelece na condição de pressupostos teóricos de análises musicais, sociais e culturais o conceito de **Pesquisa explicativa**, com a finalidade de descrever aspectos gerais da cultura da música urbana brasileira.



S U M Á R I O

DIFERENÇA E REPETIÇÃO NA PERFORMANCE BATERÍSTICA DO LAMBADÃO

Dado o campo teórico científico, iniciamos a leitura reflexiva e crítica – houve recorte para inclusão de textos dos autores centrais da tese (Deleuze, Bergson, Guattari e Canclini), como também de outros autores para o diálogo direto com as ideias do vigente trabalho. Entende-se por pesquisa bibliográfica os textos citados neste trabalho de forma direta ou indireta, como também, imagens extraídas de livros, revistas especializadas e métodos de bateria, artigos, dissertações e teses.

A pesquisa performativa, importante e inovador instrumento metodológico do século XXI, contribuirá de modo significativo para esta investigação, uma vez que vem suprir a carência do suporte científico para abrigar exemplos de registros fonográficos em plataformas digitais: *Youtube, Deezer, Spotify*, entre outros, registros sonoros em LP, CDs e DVDs, fotografias, imagens, e tudo aquilo que não pode ser transcrito em números, gráficos, dados quantitativos e qualitativos ou pela escrita formal. De acordo com Haseman (2015, p. 47), a pesquisa performativa: “expressa em dados não numéricos, em forma de dados simbólicos diferentes de palavras de um texto discursivo. Esses incluem formas materiais de prática, de imagens fixas e em movimento, de música e do som, de ação ao vivo e código digital - Multi-Método guiado-pela prática”.

A pesquisa de campo foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), Humanidades da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) no dia 19 de fevereiro de 2021, sob número do parecer substanciado: 4.547.595, e CAAE: 40264820.9.0000.5690, e está pautada na coleta de dados com 03 (três) bateristas (Grupo A) de lambadão, sendo 1 (um) da cidade de Cuiabá-MT, 1 (um) de



S U M Á R I O

Poconé-MT e 1 (um) de Várzea Grande-MT, onde foram realizadas entrevistas de questionário estruturado no primeiro semestre de 2021. Em 2022 serão selecionados 03 (três) alunos (as) da Escola Estadual Elmaz Gattas Monteiro (Grupo B) para realização de 12 aulas de bateria com duração de 30 minutos cada, para verificação e efetivação da tese *in loco*.

A análise musical se concentrará em performances musicais dos três bateristas de lambadão selecionados para a tese, e nos três alunos (as) da Escola Estadual Elmaz Gattas Monteiro, mediante os critérios e conceitos teóricos elaborados na pesquisa bibliográfica, com o objetivo de analisar os pressupostos teóricos elencados em tese, com a diferença e repetição na performance batérrica do lambadão.

GEOGRAFIA EMOCIONAL DO NORDESTE NA SALA DE AULA: O SERTÃO DE LUIZ GONZAGA

A pesquisa, em nível de mestrado na UFMT, está em andamento e tem como foco pensar uma Geografia Emocional do Nordeste a partir das letras de Luiz Gonzaga. Além disso, temos o interesse de refletir sobre a sala de aula como uma atmosfera afetiva para a construção do conhecimento, analisar a influência da música nas diferentes culturas e os sentimentos produzidos por ela e problematizar a vivência e a experiência espacial a partir das músicas de Luiz Gonzaga.

A Geografia das Emoções tem uma importante contribuição do ponto de vista metodológico, pois além de observar, o pesquisador irá conversar e interagir, propiciando uma troca de experiências

S U M Á R I O

com os sujeitos da pesquisa. O envolvimento do pesquisador é diferente, não somente com um olhar objetivo sobre a questão, mas aberto à ampla gama de emoções que a pesquisa envolve a partir da relação que tece com os sujeitos dessas pesquisas (conversas, interações). Essa perspectiva insiste na importância de “dar voz” aos indivíduos marginalizados, daí o uso frequente de citações textuais de transcrições de entrevistas em profundidade (BONDI, 2005).

Nessa perspectiva, o pesquisador precisa estabelecer uma relação com o sujeito investigado, é essa relação que vai possibilitar uma experiência emocional. Na busca de uma Geografia Emocional na sala de aula, é imprescindível levar em consideração as intersubjetividades presentes nesse ambiente, pois são elas que produzem uma Geografia das emoções. Podemos compreender e demonstrar as formas pelas quais as intensidades afetivas fluem através dos locais e encontros educacionais, pensando a intersubjetividade no processo educativo e o espaço escolar como uma geografia emocional, rompendo a visão na educação do espaço escolar como um espaço passivo (SILVA, 2020, p. 264). A sala de aula é um lugar de encontro e de trocas.

A metodologia previamente escolhida para esse estudo é a qualitativa, que busca dar ênfase ao caráter específico do objeto e da temática analisada, bem como evidenciar o contexto social, deste modo, farei o uso da entrevista reflexiva proposta por Heloisa Szymanski, que leva em consideração as subjetividades do entrevistado e o considera protagonista de todo o processo. Esse tipo de pesquisa é marcado pelo diálogo compreensivo em que o entrevistador trata com respeito o que o sujeito diz, fazendo com que diminua a hierarquia e as relações de poder. Através do uso da entrevista reflexiva, enquanto procedimento metodológico, é possível fazer com que o entrevistado saia de sua zona de conforto e o ajude a pensar e a refletir. Um momento importante da pesquisa reflexiva é a devolução, onde o entrevistado tem contato com a transcrição, sendo um momento de o entrevistado confirmar suas respostas e até mesmo realizar alguma correção.



S U M Á R I O

Uma questão a ser considerada é a de que o entrevistador está ligado ao que está sendo investigado, por isso não deve existir neutralidade. A entrevista reflexiva integra uma interação humana que não está distante das emoções, ela considera a participação dos sujeitos envolvidos no processo, levando em consideração as suas subjetividades.

NÃO É PERMITIDO: *PUNK ROCK* SOB CENSURA E VIGILÂNCIA

Faça-você-mesmo. Síntese do movimento *Punk* que surgiu em fins da década de 1970 e sacudiu as bases de um país que se estruturava sob padrões autoritários e castradores da criatividade e liberdade humana. O *Punk Rock* surge fora do Brasil, mas, nosso país carregava grandes condições para ganhar adeptos e construtores desse movimento que tem por essência desafiar o *establishment*. Aquela juventude *Punk* era antes de tudo *outsider* e, como tal, suas produções receberam o carimbo da censura repetidas vezes.

Pesquisando pela palavra anarquia nos documentos do Arquivo Nacional, encontrei uma folha que indicava nove das quinze músicas enviadas por Jarbas Alves, da banda Ratos de Porão, marcadas com o carimbo: vetado. Desde então, esta mente inquieta decidiu, em primeiro momento por curiosidade, que deveria buscar mais letras e bandas *Punks* nos arquivos da Censura Federal. Em pouco tempo, havia encontrado um tesouro histórico. Era preciso apenas apertar o botão pesquisar. Para isso, procurei por Fernando Calderan e Emerson Abreu para dialogar sobre o achado e a proposta: escrever um livro. A partir daí o objetivo passou ao *status* de construção.

S U M Á R I O

O primeiro passo foi selecionar palavras-chave e discos gravados até o ano de 1988 para encontrar com maior precisão os documentos no site do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN).

Com a pesquisa, foram encontradas mais de 80 músicas *Punks* que tiveram problemas com a Censura Federal. Os motivos eram diversos: desde mensagens políticas que estavam em desacordo com a linha autoritária do governo, até trechos e palavras consideradas imorais. Além das canções, outros arquivos indicam que o movimento estava sob a mira das polícias políticas. Em pesquisa dentro dos arquivos digitais da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo, encontramos algumas fichas que fazem referências ao movimento *Punk*, as quais pretendemos investigar a fundo em visita presencial ao Arquivo Público do Estado de São Paulo.

A pesquisa documental (GIL, 2008) se fazia e dúvidas surgiam. Com o material em mãos e as primeiras análises realizadas, decidimos traçar os próximos passos. Era momento de investigar: qual a história da censura no Brasil? Quais suas marcas nas artes? Além dessas questões, destacamos outras dúvidas essenciais: o que delimita ser *Punk*? Por que o gênero recebeu quantidade considerável de vetos? Quais marcações simbólicas e atitudes daqueles jovens causavam espanto na sociedade?

Para responder, foram levantados livros, artigos, dissertações e teses. Em primeiro momento, foi realizada leitura exploratória (GIL, 2008), visando identificar quais materiais seriam interessantes para a pesquisa. Como é caminhando que se constrói o caminho, algumas inquietações foram aparecendo e, no processo, encontramos o material organizado pelo historiador Carlos Fico, um compêndio de cartas endereçadas pela sociedade civil às instâncias de poder, suplicando proibições e cortes nos mais diversos meios e produções artísticas. Buscando decifrar ainda mais a sociedade em questão, procuramos por matérias das décadas de 1970 e 1980, em jornais como O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, que



S U M Á R I O

expressassem valores consolidados, assim como, textos que mencionasse os jovens *Punks* e sua arte.

No processo, decidimos seguir os passos da pesquisa explicativa (*Ibidem*). Não basta apenas apresentar os materiais encontrados. É preciso compreendê-los, explorar suas entrelinhas. Para isso, faz-se importante analisar documento por documento, anotações e riscos nas composições, justificativas indicadas para a censura, ou seja, detalhes que possam fortalecer a compreensão do objeto de pesquisa.

Com a análise de pareceres da censura, recortes de jornais e outros documentos encontrados, apareceu-nos a necessidade de abrir diálogo e entrevistar artistas censurados, assim como *Punks* do período acerca das compreensões e lembranças que carregam sobre a vida e produção em fins dos anos 1970 até a extinção da Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP), em 1988.

Sintetizando os métodos e caminhos da pesquisa, aponto: pesquisa documental em arquivos públicos; busca por livros e textos acadêmicos sobre censura e *Punk Rock*; pesquisa por recortes de jornais e materiais que apontem o *ethos* autoritário da sociedade e sua negação ou proximidade ao *Punk*; análise dos documentos encontrados e suas conexões; e entrevista com *Punks* e músicos do gênero. Todos esses pontos se constroem em diálogo permanente com a produção escrita da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES

Através das ferramentas metodológicas apresentadas neste texto, podemos considerar que, quando se trata de pesquisa em música, diferentes caminhos de investigações são traçados e trilhados pelos pesquisadores, pois, é exatamente nesse sentido que os



S U M Á R I O

diversos métodos para pesquisa científica contribuem para as especificidades de cada pesquisador.

Seja na pesquisa em Performance Bateria do Lambadão, na de Geografia das Emoções do Nordeste em sala de aula, ou pela censura do movimento Punk Rock, é impossível pensarmos que apenas uma linha de ação metodológica seria suficiente para contemplar diferentes vieses de pesquisa em música, sociedade e cultura.

REFERÊNCIAS

BONDI, Liz. Making connections and thinking through emotions: between geography and psychotherapy. **Transactions of the Institute of British Geographers**, Reino Unido, v. 30, n. 4, p. 433-448, 2005.

DIAS, Tatiana *et al.* Pesquisas em educação: a entrevista reflexiva. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 57, n. 53, p. 1-4, jul./set. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. *In*: CERASOLI JÚNIOR, Umberto. **Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP**. São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015. p. 41-53.

SILVA, Márcia. Pensar e sentir para (re)existir: Geografias emocionais e fotobiografias de estudantes de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 20, p. 258-283, jul./dez. 2020.



S U M Á R I O

13

*Maria de Lourdes Fanaia Castrillon
Solange Fátima de Oliveira Cruz
Maria Teresinha Dias Curvo
Vânia Auxiliadora Siqueira Ojeda*

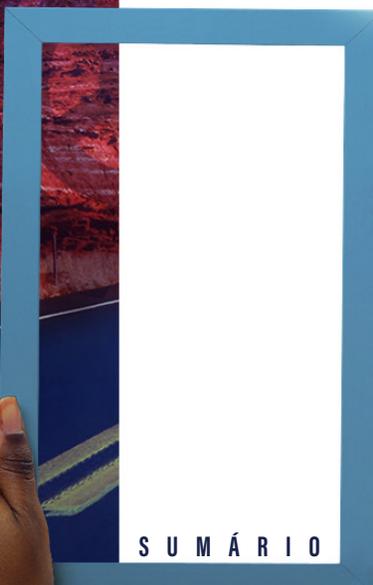
**ASPECTOS CULTURAIS
DAS AÇÕES HUMANAS
EM GRUPOS SOCIAIS**

Este capítulo aponta às pesquisas em estudo: "As práticas culturais afro-brasileiras na festa de São Benedito em Cuiabá e Nossa Senhora do Livramento na contemporaneidade", "Novos Espaços Contemporâneos habitados pelas culturas juvenis: estudo de caso em colégio de Cuiabá a partir das mediações culturais e implicações interdisciplinares", "Experiência de aulas *on-line* sem formação adequada para executar esse trabalho", "Catadores de lixo de Cuiabá e de Várzea Grande", "Professores do ensino médio das escolas públicas de Cuiabá". As abordagens dos diferentes objetos em estudos apresentam alguns aspectos semelhantes, tais como as ações humanas dos grupos sociais e os aspectos culturais. Por outro lado, os espaços e abordagens teóricas, são diferenciadas.

É importante destacar que, os homens e mulheres que constituem os diversos grupos sociais não são destituídos de cultura, valores, símbolos, hábitos, costumes, entre outros. Vale lembrar que a linguagem constrói realidades e nos tornamos membros da nossa cultura por meio da linguagem, adquirimos nosso senso de identidade pessoal com a linguagem, e é graças a ela que internalizamos os sistemas de valores que estruturam nossa vida (TURNER, 1997). Nesse sentido, podemos dizer que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva em diferentes épocas e espaços e, conseqüentemente, envolvida pela cultura do grupo em que ela se insere.

As pesquisas encontram-se em andamento e, no percurso dos estudos, serão utilizados como suporte métodos e técnicas, como pesquisa bibliográfica e pesquisa documental a partir de escritos e fotos, elaboração de iconografias, entrevistas, etnografia e a netnografia.

Destacamos que, nos estudos das pesquisas mencionadas, as vivências são reveladas pelas entrevistas, pois, segundo Minayo (2012), são depoimentos pessoais, visões subjetivas dos interlocutores e falas de uns se acrescentam aos dos outros e se compõem ou se contrapõem às observações.



S U M Á R I O

Abaixo os tópicos evidenciados apresentam com mais detalhamento as pesquisas referenciadas. O primeiro trata das práticas culturais afro-brasileiras na festa de São Benedito, que acontece em Cuiabá e a de Nossa Senhora do Livramento, que acontece na cidade de mesmo nome da santa, município de Mato Grosso.

PRÁTICAS CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS NAS FESTAS DE SÃO BENEDITO E DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, NA CONTEMPORANEIDADE

A presente proposta de pesquisa de doutorado se insere na linha de pesquisa Poética contemporânea. Compreende os estudos das práticas culturais afro-brasileiras na festa de São Benedito de Cuiabá e de Nossa Senhora do Livramento na contemporaneidade. As práticas culturais afro-brasileiras constituem-se rituais e símbolos que vão muito além da religião ou devoção ao santo negro, pois envolvem várias expressões artísticas, cultura e arte: música, dança, cânticos, coreografias, adereços, entre outros. É impossível pensar uma sociedade sem cultura, já que a existência do homem precisa de aprendizados: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de sistemas específicos de significado simbólico (GEERTZ, 1978).

Para tanto, um dos objetivos da proposta é destacar a dança do Congo de Cuiabá, realizada na celebração do santo que surgiu no final do século XIX e foi extinta em 1920, bem como a do município de Nossa Senhora do Livramento, que surgiu no período da escravidão e permanece nos dias atuais. Outro objetivo importante deste estudo é dar visibilidade à lavagem da escadaria que há dois anos vem ocorrendo na festança do santo em Cuiabá desde 2017.



S U M Á R I O

Objetiva-se também mostrar a organização dos rituais e os símbolos afro-brasileiros emitidos durante a festividade do santo, pois esses ainda são desconsiderados. Ressalta-se que são diversos os grupos sociais que participam da celebração do santo, e, portanto, diferentes experiências humanas coexistem no mesmo espaço, sendo preciso especificá-las para não se correr o risco de homogeneizá-las. Para tanto, em meio à diversidade de práticas culturais, emerge uma série de questionamentos: como os rituais afro-brasileiros são apropriados no imaginário social das localidades em estudo? De que forma são estabelecidas as relações sociais? Para fundamentar a proposta, algumas referências são relevantes, como as de Roger Chartier (1986), que enfatiza as práticas culturais e as apropriações no imaginário social. Sobre a festa de São Benedito particularmente são importantes as pesquisas de Patrícia Osório (2019), Silbene (2014), Marcos Amaral (2017) e outros.

Com relação à cultura afro-brasileira, são importantes as pesquisas de Herman Oliveira (2011), Francisco Nunes Neto (2014), Roger Bastide (1985) e Ronaldo Santana (2018). Para abarcar a memória e a etnografia, as obras de Halbwachs (2013) e Clifford Geertz (1989) são relevantes. Além do suporte das referências, incluem-se também documentos escritos, fotos, iconografias, etnografia, reportagens midiáticas e Netnografia. Para tanto, a elaboração da escrita será feita mediante as leituras citadas e outras a serem incorporadas que subsidiarão o conjunto de métodos e técnicas, assim como os procedimentos metodológicos serão articulados com os dados coletados.



S U M Á R I O

NOVOS ESPAÇOS CONTEMPORÂNEOS HABITADOS PELAS CULTURAS JUVENIS: ESTUDO DE CASO EM COLÉGIO DE CUIABÁ A PARTIR DAS MEDIAÇÕES CULTURAIS E IMPLICAÇÕES INTERDISCIPLINARES

O presente projeto em construção se insere na linha de pesquisa em Comunicação e Mediações Culturais. Trata-se de uma investigação das culturas juvenis, por meio de um estudo de caso em duas escolas de Cuiabá.

[...] a verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 55).

O tema diz respeito aos “Novos Espaços Contemporâneos habitados pelas culturas juvenis: estudo de caso em colégio de Cuiabá a partir das mediações culturais e implicações interdisciplinares”

Se a ideia de interdisciplinaridade não é nova, novas são as características de que ela se reveste na proposta que emerge na atualidade, pelos desafios que se lhe apresentam como atividade. Ou seja, a de se propor à tarefa precípua de operar nas fronteiras disciplinares e na (re) ligação de saberes, tendo como finalidade última dar conta de fenômenos complexos, de diferentes naturezas (PHILIPPI JR; SILVA NETO, 2011, p. 21).

Mais precisamente, interessa analisar a comunicação como meio e tema pertinentes aos estudos de cultura. Relaciono a pesquisa sobre as mediações ao conceito de midiaticização aos novos espaços contemporâneos, tendência seguida por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Por meio da pesquisa bibliográfica, a teoria está em



S U M Á R I O

permanente construção e, potencialmente, consegue responder a alguns questionamentos comunicacionais. Para realizar a pesquisa, pelo menos quatro modelos teóricos compreendem esta relação: a cibercultura (LÉVY, 1999), a Folkcomunicação (BELTRÃO, 2004), a visão ritual da comunicação (CAREY, 2014) e a teoria da Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999).

NARRATIVAS DOCENTES SOBRE A PANDEMIA E A CULTURA DIGITAL NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA O ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS DE MATO GROSSO

A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) teve início em 2019, na China, desdobrando-se a nível global em um curto período de tempo, chegando ao Brasil nos primeiros meses de 2020. Nessa conjuntura de crise mundial em saúde pública, as unidades educacionais, a princípio, tiveram que se adaptar a uma forma de trabalho condicionante ao distanciamento social, isto é, um trabalho moldado pelo formato remoto. No Brasil, uma das primeiras medidas governamentais apresentadas para o enfrentamento da pandemia no âmbito da educação formal foi a interrupção das aulas presenciais, em espaços públicos e privados, para todos os níveis de ensino (educação básica e ensino superior), sem previsão de retorno, pois, diante do alto grau de transmissão e de mortalidade, sem vacina e sem medicação comprovadamente eficaz para o combate do novo coronavírus, não seria prudente se manter a normalidade.

Muitos professores, não habituados com o momento atípico da realidade, passaram a habituar-se com às extremas mudanças,



S U M Á R I O

ou seja, o desconforto de ter que ensinar de modo remoto, se empenhando para continuar exercendo sua profissionalidade.

O isolamento social passou a ser sinônimo de articulações digitais que também moldam as existências professorais entre os terminais eletrônicos. A vida privada passou a ser invadida pela sala de aula virtual e muitos estão trabalhando mais em casa do que quando iam à escola presencialmente. Diante dessa situação, objetiva-se discutir as práticas culturais de professores do ensino médio que lecionam as disciplinas de Física, Química e Matemática de escolas públicas de Mato Grosso, utilizando tecnologias de ensino/aprendizagem na educação a distância, ocasionadas pela pandemia por meio da experiência docente. Aqui, essas experiências serão esclarecidas como eventos que mobilizam a existência e formam sentido.

Essa ressonância da experiência docente e da historieta como forma de pensar a expressão da vida nos faz escolher a narrativa como ferramenta metodológica adequada nesta pesquisa, para compreender o mundo e a experiência dos momentos pandêmicos que os professores estão vivenciando. A partir de entrevistas, gravações e transcrições, essas explicações se tornarão oportunidades de perceber/sentir o ensino e as experiências (dificuldades) que ele enfrenta, bem como estratégias para atender às necessidades do ensino. Como abordagem metodológica, a análise dos dados é considerada por meio da conversação, isto é, inspiração biográfica, pois entendemos que quando os professores têm o direito de falar e o sentido de seu próprio trabalho, eles podem compreender melhor o fenômeno pandêmico e seu impacto na educação. Além disso, a conversação se trata de uma metodologia de pesquisa em grupo que considera as particularidades dos sujeitos, um dispositivo de investigação. Portanto, salienta-se que o viés metodológico desta investigação é de cunho qualitativo e descritivo, embora utilize meios de participação coletiva, mediada por uma situação problema.



S U M Á R I O

CATADORES DOS LIXÕES DE CUIABÁ E VÁRZEA GRANDE/MT: HISTÓRIAS DE VIDA, EXPERIÊNCIAS CULTURAIS E DE TRABALHO

Essa pesquisa será realizada com catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis dos dois maiores lixões de Mato Grosso, um localizado no município de Várzea Grande e outro em Cuiabá. Serão produzidas imagens georreferenciadas com suas delimitações.

Este trabalho se configura por meio de uma abordagem qualitativa, pois segundo Venâncio *et al.* (2019), procura interpretar e explicar uma determinada realidade social que se constrói por meio das interações e das relações sociais, onde cada sujeito que dela faz parte compreende pela realidade e pelos fenômenos sociais que vivenciam.

Com relação à coleta e análise de dados, utilizamos a história oral como o caminho metodológico para acompanharmos as trajetórias de vida dos catadores na medida em que o sujeito catador se constrói e reconstrói no cotidiano de sua vida no ambiente de trabalho do lixão e fora dele, nas relações com outros catadores e com a sociedade, que o acompanham nas suas memórias. Neste momento, escolhemos trabalhar com a trajetória de vida buscando na roda de conversa a riqueza nas informações relatadas por catadores dos referidos lixões.

Serão realizadas entrevistas semiestruturadas, análise documental e diário de campo com a preocupação de entendermos o contexto que envolve o indivíduo, com registros de impressões, expressões, gestos e diversos elementos que estiveram presentes no universo existencial dos catadores. Pretende-se aplicar a análise do discurso por ser um recurso linguístico que, segundo Brandão



S U M Á R I O

(2002), é dotado de sentidos e significados, e é preciso analisá-lo levando em consideração as suas condições histórico-culturais de produção social. Concomitantemente, será realizada análise documental de documentos produzidos pelas cooperativas e associações e nas notícias veiculadas na mídia sobre os catadores.

As entrevistas serão agendadas no lixão com antecedência, nos horários indicados pelo entrevistado. Previamente serão dadas explicações, orientando que eles falem sobre a história de suas vidas até o presente. Os entrevistados serão identificados com letras com a finalidade de garantir seu anonimato.

As entrevistas serão gravadas, registradas em sua íntegra e, após a escrita, serão lidas junto com os entrevistados, como forma de contato com o texto e verificação da autenticidade do material escrito, com atenção aos registros pontuais de impressões, significações, contextos e levantamento de temas que possivelmente aparecerão. Nessa pesquisa será adotado o método história de vida (MEIHY, 1998 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2013, p. 3) por ter a capacidade de dar sentido à noção de um tipo de pesquisa que requer maior compreensão da vida de outras pessoas e na qual os temas abordados são estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, pressões e constrangimentos, preocupando-se em entender o contexto que envolve o indivíduo.

A história de vida não é uma progressão ao longo de um *continuum*, mas um vai e vem sobre a experiência anterior de um indivíduo ou de um grupo, e se revela estranha a um modelo de sucessão cronológica linear. Em relação ao entrevistado, a história de vida constitui um conjunto significativo para sua seleção, seus procedimentos, sua ordem narrativa (SANTOS, 2008, p. 719). Durante a fase de análise serão construídos mapas biográficos, pois segundo Carvalho (2006, p. 6 *apud* COSTA; PATO, 2016, p. 102), "os mapas biográficos são experiências produzidas nas histórias pessoais, que evidenciam o modo como foram produzidas, interpretadas e como

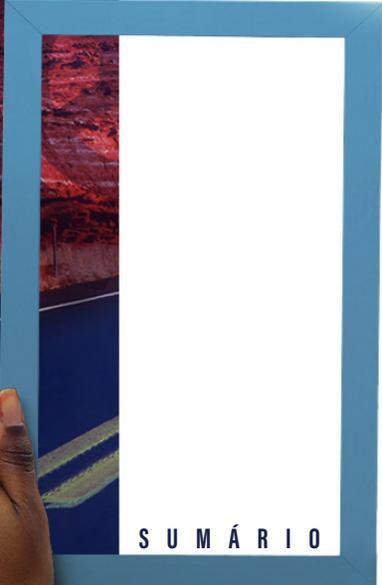
foram se constituindo e interagindo no decurso da vida". Carvalho (2006, p. 6 *apud* COSTA; PATO, 2016, p. 102) destaca "o processo de categorização que pode evidenciar determinados indicadores que são comuns em outras histórias de vida".

A análise será baseada no conceito de hermenêutica que, nesse contexto específico que pretendemos pesquisar (COSTA; PATO, 2016, p. 100) consiste "numa construção com o sentido de interpretar trajetória de vida (pessoais e coletivas) dos catadores em um processo complexo ocorrente [...]" na sociedade contemporânea. Essas autoras citam Carvalho (2000) relatando que "a análise hermenêutica de um fenômeno, compreende a abertura de um espaço de interpretação na comunicação, em que os elementos da narrativa, da biografia e da identidade são considerados elementos fundamentais." Interpretação, esta, que segundo Ricoeur (1990, p. 55 *apud* COSTA; PATO, 2016, p. 100) "se dará na busca do compreender, numa concepção de mundo-texto, [...] como consciência histórica".

Após essa fase será realizada uma comparação dos registros de campo (diário), com as entrevistas e os documentos. Desse modo, pretende-se realizar uma triangulação metodológica (LUDKE; ANDRÉ, 1986; MOROZ; GIAFALDONI, 2002 *apud* COSTA; PATO, 2016, p. 102) e descrever as comunidades de catadores dos dois lixões, identificando respostas dos questionamentos e dos elementos que emergirem da triangulação, num processo de concepção dialógica, de acordo com Freire (2002), compreendido dentro de uma ação comunicativa.

CONSIDERAÇÕES

Mediante as apresentações das pesquisas supracitadas, consideramos que, pelas diferentes abordagens metodológicas, é



S U M Á R I O

possível realizá-las. Isso não significa que os assuntos serão esgotados, pois podem surgir novas problematizações, possibilitando novas abordagens para outros cientistas sociais. Destacamos que é um desafio enveredar por caminhos metodológicos ainda desconhecidos como a Netnografia. Para Suely Fragoso *et al* (2011), a etnografia via internet, ou seja, a Netnografia, é a prática da pesquisa na *internet*, que é o ambiente de pesquisa e, ainda, instrumento de pesquisa, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto. Para fazer Netnografia “se pode utilizar instrumentos como a busca avançada pelo *Google* que permite limitar os resultados e escolher os filtros a serem usados, tais como textos em *Word*, *PDF*, *Excel*, vídeos, notícias etc.” (PISSO CONCHA, 2019, p. 4). Portanto, as abordagens metodológicas são caminhos possíveis para realização das pesquisas, que levam sempre em conta a ética do pesquisador e o compromisso com os sujeitos pesquisados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, H.; BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1985.
- BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2002.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção do sujeito ecológico**: sentidos e trajetórias em educação ambiental. 2000. 411 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.
- COSTA, Claudia Morales e PATO, Claudia. A constituição de catadores de material reciclável: exclusão e construção da emancipação como forma de transcendência. *In*: PEREIRA, C. J.; GOES, F. L. **Catadores de materiais recicláveis**: um encontro nacional. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. p. 99-121.
- FRAGOSO, Suely *et al*. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXIII, n. 1, jan./jun. 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. *In*: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Brasileiros Ilustres no tribunal da posteridade**: biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista. Belo Horizonte, **Varia hist.**, v. 26, n. 43, jun, 2010.

PHILIPPI JR. Arlindo; SILVA NETO, Antonio J. (orgs.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Barueri: Manole, 2011.

PISSO CONCHA. Jennifer Paola. O que foi deixado no ciberespaço: confissões de uma netnógrafa. **Revista Falange Miúda** (Refami), v. 4. n. 2, 2019.

MINAYO, Maria Cecília. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

OLIVEIRA, Herman Hudson de. **Dança do Congo**: educação, expressão, identidade e territorialidade. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

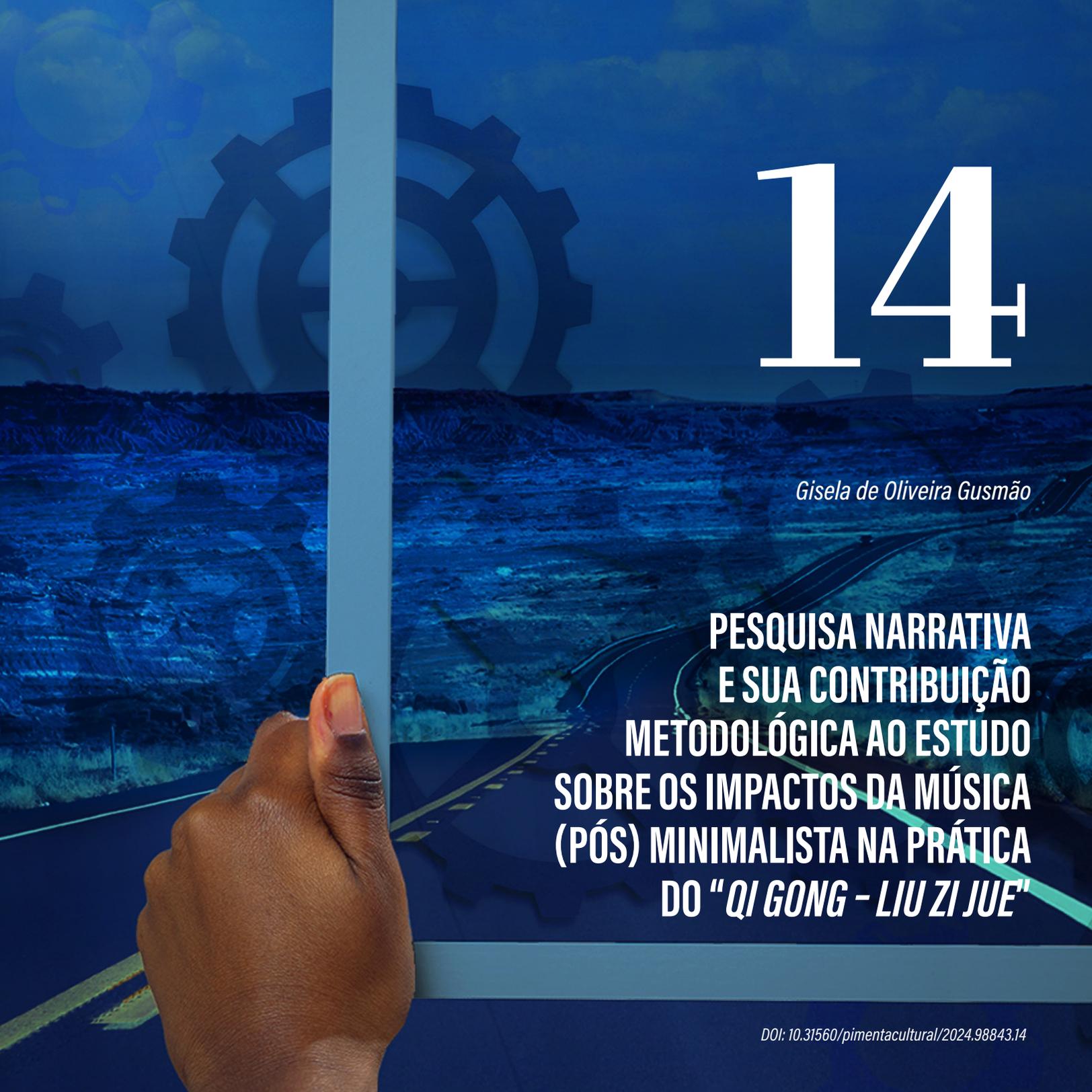
OSÓRIO, Patrícia da Silva. Festivais de cultura popular e patrimônios: campos de batalhas nas políticas de identidades. **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**. v. 21, n. 3, 2017.

RABELO, Desirée Cipriano. Da linguagem às mediações. *In*: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (org.). **Comunicação, cultura e mediações**: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização** – do pensamento à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VENÂNCIO, Cristina *et al.* Metodologia das práticas. *In*: SOUSA, R. R. *et al.* **Memórias do Lixo**: luta e resistência nas trajetórias de catadores de materiais recicláveis da ASMARE. Porto Alegre, v. 25, n. 3, set./dez., 2019.

S U M Á R I O

The background features a hand holding a vertical bar on the left side. The background is a blue-toned landscape with a winding road and large gears. The number 14 is prominently displayed in the upper right.

14

Gisela de Oliveira Gusmão

**PESQUISA NARRATIVA
E SUA CONTRIBUIÇÃO
METODOLÓGICA AO ESTUDO
SOBRE OS IMPACTOS DA MÚSICA
(PÓS) MINIMALISTA NA PRÁTICA
DO "QI GONG - LIU ZI JUE"**

O escopo dessa pesquisa é a discussão sobre os impactos da música minimalista como facilitadora, na Prática do “*Qi Gong – Liu Zi Jue*”, seis sons para a restauração, com foco na reorganização psicossocial de indivíduo afetado por experiências de lutos no contexto da pandemia da Covid-19.

O Luto, uma das experiências de maior representatividade simbólica na cultura brasileira, afeta duramente grande parcela da população. Constitui-se como fenômeno individual e social de sofrimento incomparável que tem se intensificado durante a pandemia. Nessas vivências dos lutos causados pelo distanciamento social, pela perda de entes queridos e todo o contexto de morte, observa-se a dinâmica minimalista da repetição e da expressão contida, reduzida ao essencial.

Mudanças na rotina, marcadas por exigências intensas de distanciamento, assim como nas relações que se estabelecem entre os sujeitos, apontam para a necessidade de estudos, no âmbito das relações humanas e socioculturais, que procurem conhecer suas experiências e narrativas, além do impacto de terapêuticas alinhadas com o conceito minimalista. A música minimalista, segundo Santos (2019), caracteriza-se pela redução ao essencial, pela repetição de motivos simples, batidas rítmicas constantes e mudanças lentas, gerando texturas que induzem ao relaxamento e à meditação. Desta forma, almeja-se conhecer seus impactos em ateliês artísticos-terapêuticos. A pesquisa consiste em um estudo exploratório, descritivo e de natureza qualitativa, usando a metodologia da Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2006) que permite maior aproximação entre o pesquisador e o tema pesquisado.

Esta metodologia de pesquisa baseia-se nas narrativas dos participantes, aplicando o conceito de metáfora tridimensional de Dewey: temporalidade; individual e social; e lugar. Para Oliveira (2019), no contar da história se cria uma nova história que, atravessada pela subjetividade do pesquisado e do pesquisador, narra a



S U M Á R I O

experiência vivida por ambos. Quanto aos procedimentos, o estudo se propõe a uma pesquisa bibliográfica, documental e vivências em ateliês artísticos-terapêuticos, com música minimalista embalando a prática do “*Qi Gong Liu Zi Jue*”, a fim de conduzir os sujeitos a mergulharem no universo interno, facilitando a construção das narrativas. O levantamento dar-se-á junto a 5 voluntários entre 60 e 70 anos, em 20 encontros individuais *online*, de 50 minutos cada. Não oferece risco aos participantes, pois se propõe a estudar significados e percepções do ponto de vista dos sujeitos, sendo as declarações mantidas em sigilo. No momento, a pesquisa encontra-se na etapa de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Pretende-se, por meio da música minimalista, facilitar o processo de enfrentamento dos lutos, favorecendo a construção de sentidos através da pesquisa narrativa. Justifica-se a relevância desta pesquisa pela escassez de estudos no Brasil a respeito do Minimalismo Musical na recuperação dos lutos, e também pela contribuição social para o enfrentamento da pandemia Covid-19.

PESQUISA NARRATIVA

No ano de 2020, em plena pandemia da Covid-19, estava participando do grupo de pesquisa *ContemporArte*, da UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso, quando realizei juntamente com a Profa. Dra. Rita de Cássia Domingues dos Santos, um estudo de caso a respeito do luto na pandemia, no qual utilizamos parcialmente a metodologia da Pesquisa Narrativa, decidindo utilizar essa metodologia na pesquisa de mestrado.

Essa técnica foi aplicada, frente a um diagnóstico sombrio, observou-se como a participante experienciou lutos por óbito e simbólicos, intensificados durante a pandemia, bem como sua percepção a respeito do fenômeno “morte”. A participante, apresentada



S U M Á R I O

pelo codinome *Mariana*, como descrevem Gusmão e Santos (2020), era uma jovem de 23 anos, recém-formada, que já havia iniciado um trabalho na sua área, e estava cursando uma graduação. Vivia com seus familiares, separada do companheiro, que também estava vivendo com parentes.

A Pesquisa Narrativa surgiu como uma possibilidade metodológica importante, já que toma a vida como educação e os educadores como pessoas apaixonadas por vidas humanas. A vertente desenvolvida por Clandinin e Connelly (2015) foi baseada em mais de vinte anos de experiência, se fundamenta na “intencionalidade”, rechaçando os métodos quantificáveis, sendo que os pontos principais da teoria são: o conceito de experiência, entendida como histórias vividas e narradas e o espaço tridimensional, sendo a tridimensionalidade vista como a condição base para se compreender as narrativas, que são dimensões temporais, espaciais e sociais. A interação, que observa o âmbito pessoal e social; a continuidade, que analisa os atravessamentos entre presente, passado e futuro; e a situação, que diz respeito ao “lugar”. Além disso, as narrativas ocorrem em quatro direções ou dimensões: retrospectivo, prospectivo, introspectivo e extrospectivo.

O conceito de experiência da Pesquisa Narrativa, de acordo com Clandinin e Connelly (2015) foi influenciado pelas teorias de John Dewey (1859 – 1952), um pensador importante da área da educação. “Dewey conduziu questões que vemos como centrais para o nosso trabalho e para as quais continuamente retornamos” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 30).

Na construção da metodologia da Pesquisa Narrativa, a fim de enriquecer a sua visão, Clandinin e Connelly (2015) se aproximaram das áreas da Antropologia, da Psicologia e da Administração. Além disso, os autores relatam o quanto Dewey influenciou as suas concepções a respeito da Pesquisa Narrativa, enfatizando o conceito de experiência – a partir das noções de situação, continuidade e



S U M Á R I O

interação. Clandinin e Connelly (2015) apontam para seus estudos em educação afirmando que a própria educação se dá por meio de diversas formas de experiência que acontecem narrativamente. Portanto, essa metodologia observa as questões de como os indivíduos ensinam e como aprendem, sendo que essas experiências, devem ser estudadas também de forma narrativa.

Experiência é um termo chave nessas diversas pesquisas. Para nós, Dewey transforma o termo comum, experiência, de nossa linguagem de educadores, em um termo de pesquisa e, assim, nos dá um termo que permite um melhor entendimento da vida no campo da Educação. Para Dewey, a experiência é pessoal e social. Tanto o pessoal quanto o social estão sempre presentes. As pessoas são indivíduos e precisam ser entendidos como tal, mas eles não podem ser entendidos somente como indivíduos. Eles estão sempre em interação, sempre em um contexto social. O termo experiência nos ajuda a pensar por meio de questões tais como a aprendizagem individual de crianças quanto também entendemos que aprendizagem ocorre em meio a outras crianças, com um professor, em uma sala de aula, em uma comunidade e assim por diante (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 30).

A partir da experiência acima citada, os autores enunciam as tensões entre o pensamento narrativo e o paradigma tradicional, ao qual denominaram de 'narrativa dominante', observado na pesquisa reducionista. Para discutirem amplamente esse tema, baseiam-se em dois critérios do conceito de experiência de Dewey (1859 – 1952), que são a continuidade e a interação, e, observaram cinco tensões: temporalidade, pessoas, ação, exatidão e contexto.

Essas tensões entre esses dois paradigmas (pensamento narrativo e o paradigma tradicional) ainda perduram e têm sido objeto de discussão da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) desde o I CIPA – Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica, em 2004, tendo, a partir daí, mobilizado outras universidades, bem como agências de fomento de pesquisa, dando



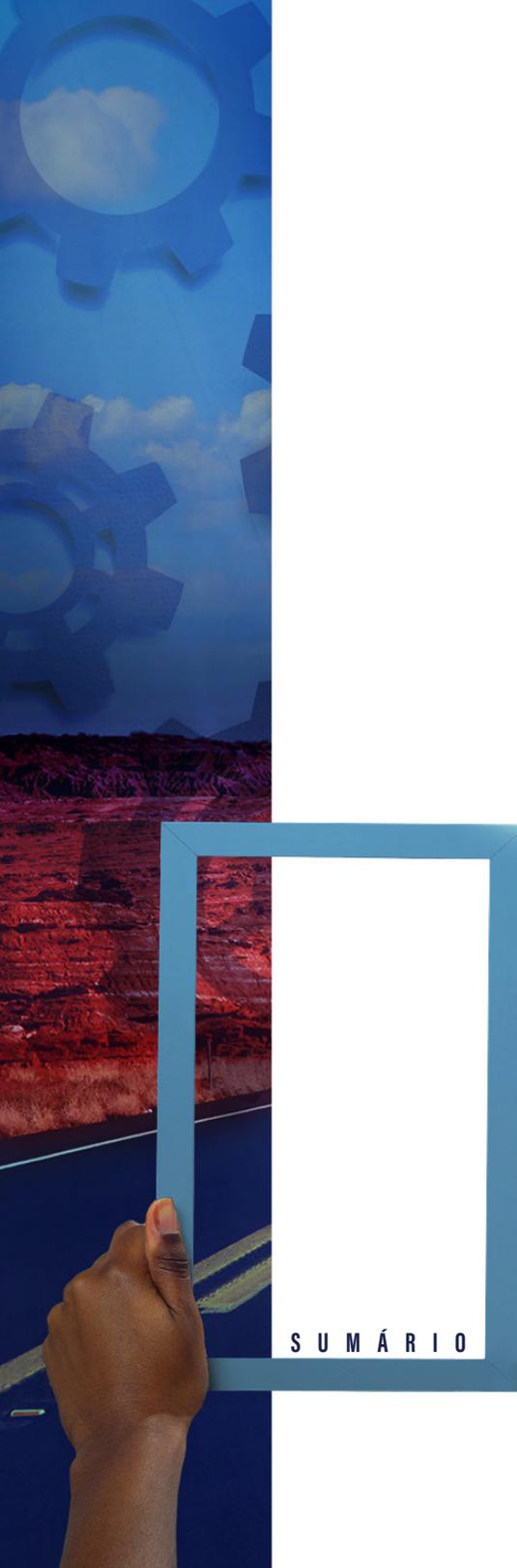
S U M Á R I O

uma contribuição inestimável ao desenvolvimento da pesquisa autobiográfica no Brasil, aplicada em diversas áreas e focada na construção dos sujeitos em suas dimensões sócio-histórico-psicológicas.

Para apresentar o método de pesquisadores narrativos, Clandinin e Connelly (2015) discutem o que fazem os pesquisadores narrativos e como desenvolvem suas pesquisas, fornecendo exemplos práticos, indicando que realizar Pesquisa Narrativa está para além de discorrer sobre o vasto material teórico disponível, deixando evidente que não pretendem definir a referida modalidade de pesquisa. Os autores enunciam forte embasamento nas experiências e conceitos de Dewey (1859 – 1952): interação, que observa o âmbito pessoal e social; continuidade, que analisa os atravessamentos entre o presente, o passado e o futuro; e, situação, que diz respeito ao “lugar”, compondo, portanto, um espaço tridimensional.

O espaço tridimensional, como apontam Clandinin e Connelly (2015), ocorre em quatro dimensões: retrospectivo, que diz respeito a voltar o olhar para o passado, rememorar; prospectivo, vislumbrar adiante e construir novos significados; introspectivo, olhar para si, para o que ocorre internamente frente ao fluxo da vida, e, extrospectivo, que diz respeito a olhar ao redor. Esses conceitos se atravessam o tempo todo e caracterizam a Pesquisa Narrativa, sendo uma das seis ideias-chave no desenvolvimento desse método.

A primeira ideia-chave diz respeito ao contar histórias ou viver as histórias; a segunda ideia-chave, que apresenta a atuação como pesquisadores relacionais, parte dos elementos que compõem o contexto dos participantes; a terceira ideia-chave abarca as dimensões do espaço de pesquisa temporalidade, sociabilidade, e lugar; a quarta ideia-chave conceitua o processo da pesquisa como reflexivo, refletivo, e recursivo, partindo do viver as histórias, contá-las, recontá-las e revivê-las; a quinta ideia-chave discute como imaginar uma forma de abordar a pesquisa, como posicionar-se e como encerrar, dando o devido distanciamento e respondendo a quem, de fato,



S U M Á R I O

interessa a pesquisa, procurando justificá-la nos âmbitos: pessoal, prático e social; a sexta ideia-chave situa os aspectos éticos, tratados na Pesquisa Narrativa como ética relacional do início, quando do convite ao participante até o final, quando pesquisador e participantes decidem pelo encerramento e os participantes são representados no texto da pesquisa por suas narrativas (CLANDININ, 2010).

Clandinin e Connelly (2015) apresentam o método narrativo pelas próprias experiências e de outros pesquisadores citados por eles, tratando das complexidades observadas na atuação dos pesquisadores no campo, que implicam em manter uma relação entre o pesquisador os participantes, além do contexto no qual a pesquisa é desenvolvida. Sugerem também que a pesquisa seja aberta para uma revisão constante dos acordos que precisam ser estabelecidos, em relação ao próprio relacionamento, aos propósitos e às transições que inevitavelmente acontecem no processo.

Os autores reafirmam o “espaço tridimensional” como a referência de base da Pesquisa Narrativa, no qual o pesquisador está posicionado sempre como alguém que se movimenta e se desloca nas dimensões temporais, espaciais, pessoais e sociais. Esse espaço constitui também os participantes da pesquisa, e seus contextos. E é nesse espaço tridimensional onde a relação, com uma das principais características da Pesquisa Narrativa, ocorre, representando vidas e histórias em constante movimento, que se expressam por meio de narrativas, construindo significados.

A Pesquisa Narrativa é entendida como essencialmente relacional considerando este ponto um dos grandes desafios com o qual os pesquisadores se defrontam, pois diz respeito a equilibrar o distanciamento e a aproximação, quando se está em imersão nesse contexto, estando envolvido no campo e especialmente no momento da organização dos textos ali produzidos. Na composição dos textos de campo, ao mesmo tempo em que surgem esses desafios, essa tarefa auxilia o pesquisador a se posicionar frente à sua pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Há uma grande preocupação expressada por Clandinin e Connelly (2015) em dar a entender que a Pesquisa Narrativa determina modos de composição dos textos, por apresentarem algumas formas experienciadas e que podem ser utilizadas pelos pesquisadores narrativos na composição com o espaço tridimensional da Pesquisa Narrativa, tais como: histórias de professores, escrita autobiográfica, escrita de diários, notas de campo, fotografias e caixas de memória, para citar algumas. Portanto, os autores enunciam a importância da criatividade e da liberdade que o pesquisador narrativo deve lançar mão para criar, novos modelos de composição de textos, que contemplem a complexidade das pesquisas em educação e em diversas áreas das humanidades, manejando, entretanto, essa liberdade sem que se perca o foco nas questões epistemológicas.

Os textos de campo, base dos textos de pesquisa, compõem o sentido da experiência, sendo que o foco está na transição, pois diz respeito à tarefa de transformar os textos de campo em textos de pesquisa e discutem três pontos essenciais: necessidade de compor o sentido da experiência vivenciada durante o processo investigativo narrativo, revisitando questões da fase de elaboração do projeto de pesquisa, questões iniciais ou outras que podem ter surgido no início dos trabalhos; reflexões sobre pontos como justificativa, compreensão do fenômeno, método, interpretação e análise, confrontações teóricas e a escolha do tipo de texto de pesquisa que o investigador pretende compor; o terceiro aspecto, também muito complexo, que é a negociação de saída parcial do campo, pois o pesquisador precisará retornar ao campo para negociar com as participantes da pesquisa, compartilhando e discutindo com eles os seus textos provisórios (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

A metodologia da pesquisa aqui evidenciada envolveu Ateliês Artístico-Terapêuticos virtuais, indicando um ambiente de trabalho em conjunto, de criação, de transformação e de aperfeiçoamento. Foram realizados virtualmente, considerando os protocolos sanitários em função da pandemia. Os Ateliês tiveram início em 28



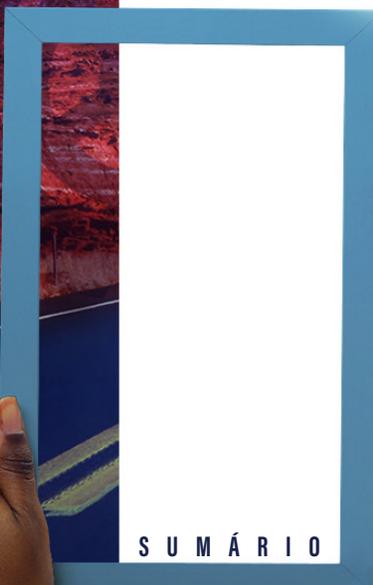
S U M Á R I O

de março de 2022 e o encerramento em 06 de junho de 2022, sendo que a duração de cada encontro foi de aproximadamente 50 minutos cada, realizados de forma individual, envolvendo a princípio quatro mulheres e dois homens, com idade acima de 60 anos, independentes, sem histórico de transtornos mentais, e apresentando sintomas compatíveis com luto. Os homens interromperam a participação logo no começo, por questões de saúde.

Um ponto comum dentre as participantes é que a prática religiosa ocupa um lugar de relevância em suas vidas e atribuem ao exercício da fé, e ao apoio recebido por pessoas das suas comunidades religiosas, a capacidade de superação e resiliência diante das perdas que sofreram. Como pontuado por Paula (2010), falar de luto não se restringe em falar de morte, mas de vida, é uma sucessão de perdas desde o nascimento, sendo que vir ao mundo configura tanto um ganho quanto uma perda. Em seu trabalho, a autora busca descrever como o luto é experienciado por pessoas que exercitam a fé e praticam uma religião, analisando também a atuação da pastoral nos casos de luto, como na citação a seguir.

A relação entre luto e cuidado pastoral é tema vital para as intervenções terapêuticas diante das perdas. Ressaltamos que a pastoral tem desenvolvido seu trabalho diante do dilema da perda, por meio do cansaço, em rituais fúnebres, visitas, pregações, porém pontuamos a necessidade de ampliar a sua práxis. A comunidade-igreja necessita de uma orientação pastoral sobre o fenômeno do luto. Como terapêutica, a presença da comunidade na vida de enlutados/as pode contribuir de forma significativa para a saúde das pessoas ao vivenciarem uma perda (PAULA, 2010, p. 121).

O levantamento foi realizado, no âmbito da Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015) e promoveu discussões profícuas sobre os significados e significações dessas experiências, por meio de entrevista semiestruturada observando os aspectos: temporalidade, espaços e contexto social. Para Oliveira (2017), de uma



S U M Á R I O

narrativa se cria outra nova e o texto da pesquisa, atravessado pelas subjetividades do participante e do pesquisador, se constrói narrando a experiência vivida por ambos.

No processo de transição dos textos de campo para textos de pesquisa, uma questão complexa se apresentou, e ela está relacionada ao lugar da memória no processo. De acordo com Clandinin e Connelly (2015), os textos de campo convocam memórias que são fundamentais para a construção dos textos de pesquisa. Os autores discutem também quatro pontos de conflitos internos experimentados pelo pesquisador: quanto aos objetivos da pesquisa que no início do processo podem parecer claros e passam a ser questionados, primeiramente com a imersão e o envolvimento no campo, e, posteriormente, na composição dos textos de campo; quanto às incertezas relacionadas ao fato, de a Pesquisa Narrativa tomar o fator humano, lugares e coisas como centro que está também em constante transformação; quanto à necessidade de uma compreensão profunda do investigador e não apenas uma definição mecânica ou uma compreensão que se dá pela dinâmica do constante atravessamento das vidas em questão, das histórias narradas e reescritas a partir dos espaços tridimensionais compartilhados; quanto à complexidade que envolve a definição da melhor forma narrativa para a composição do seu texto de pesquisa.

Além das preocupações descritas até aqui, Clandinin e Connelly (2015) apontam questões essenciais que devem ser consideradas constantemente pelos pesquisadores em todo o processo de uma Pesquisa Narrativa: o movimento de ir e vir que caracteriza essa abordagem; a “despertabilidade”, um estado de atenção permanente que o pesquisador deve manter nas questões relacionadas à ética, autoria, anonimato; a ciência de que a linguagem e os critérios relativos à produção de uma Pesquisa Narrativa estão ainda em desenvolvimento, portanto requer aprendizado contínuo do que significa fazer Pesquisa Narrativa.



S U M Á R I O

Os autores refletem também sobre inquietações expressadas pelos pesquisadores, a respeito de como iniciar a pesquisa. Se, pela teoria ou pelo fazer. Sendo a base da Pesquisa Narrativa, o pensar narrativamente e a experiência, a teoria vem embasar as análises das experiências e retornam para elas nesse movimento cíclico, sendo indissociável pensar e pesquisar narrativamente.

Quem faz Pesquisa Narrativa é sempre confrontado com a indagação se o narrador está sendo verdadeiro. Isso nos leva, inevitavelmente, a outra pergunta: existe realidade ou ela é também uma construção? Sobre isso, alguns autores alertam que “os pesquisadores não têm acesso direto à experiência do outro. Nós lidamos com representações ambíguas dessa experiência – fala, texto, interação e interpretação. Não é possível ser neutro e objetivo...” (RIESS-MAN *apud* PAIVA, 2008).

A aplicação da metodologia descrita acima deu-se da seguinte maneira: partindo do espaço atual, contexto pandêmico, e, abordando o tema do luto, observou-se para qual direção seguiam as participantes com a suas narrativas. Ao rememorar experiências da infância, a direção é retrospectiva, mas também introspectiva, pois parte do tempo e espaço do presente aos tempos e espaços dessa experiência, que já não existem, a não ser na memória dessa pessoa. Em determinadas situações tratou-se de um luto rememorado que potencializava o atual. A preparação com o *Qi Gong – Liu Zi Jue* acompanhado da música minimalista toma a direção introspectiva que tende a ampliar as percepções das pessoas facilitando um movimento no sentido extrospectivo. Esse olhar ao redor, representou um convite para que as participantes adentrassem na estrada prospectiva, seguindo adiante, porém em espaço e tempo normalmente idealizados.

Quanto ao método de preparação, foi aplicado nos Ateliês Artístico-Terapêuticos a música minimalista com o *Qi Gong – Liu Zi Jue*, fatores que, além do impacto enquanto meditação dinâmica,



S U M Á R I O

influíram também sobre os aspectos emocionais e energéticos, cuja via de comunicação é a postura corporal, as peculiaridades dos movimentos e as condições da respiração.

Os sentidos das narrativas foram determinados pelas participantes, e as questões da sociabilidade estiveram sempre presentes, especialmente no contexto da pandemia da Covid-19, considerando que, além do apoio aos enlutados ser oferecido por curto período, as restrições de contato físico diminuíram ainda mais as costúmeiras manifestações de solidariedade. A dificuldade de enfrentamento desse tempo, espaço e lugar, pode levar a pessoa na direção prospectiva e desse lugar, de um futuro idealizado, partiu-se para as outras direções, espaços, lugares, momentos, bem como outras experiências inter-relacionais. Clandinin e Connelly (2015) pontuam que o mais importante é que o pesquisador narrativo consiga apreender o que o participante está sentindo, pois esses processos ocorrem em intersecções de tempos, lugares e relações, quase que simultâneos.

A Pesquisa Narrativa, segundo o método Clandinin e Connelly (2015), é realizada por muitos meses e até anos com os mesmos participantes ou instituições. Entretanto, no caso desta pesquisa, por ser desenvolvida para a conclusão do mestrado, com idosos e durante a pandemia, foi desenvolvida de forma mais livre. A esse respeito, os autores sugerem que o investigador narrativo, crie seu método e o seu modelo de texto de pesquisa, desde que respeitando suas bases metodológicas. Devido a sua complexidade, essa metodologia pode requerer do pesquisador uma aproximação com as áreas de Filosofia e Psicologia.



S U M Á R I O

REFERÊNCIAS

- ALVES, Aline M. *et al.* Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37 n. 9, 2021.
- AZEVEDO, Renata Mattos de. Reflexões sobre o minimalismo na música e a repetição no sujeito segundo a psicanálise. **ICTUS**, v. 8, n. 2, 2007.
- BARROS, Ana Paula F. *et al.* **Livro Dourado de Chi Kung**. São Paulo: Rocca Editora, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CERVO, Dimitri. O Minimalismo e suas técnicas composicionais. **Per Musi**, Belo Horizonte, n. 11, p. 44-59, 2005.
- CINTRA, Maria Elisa Rizzi; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Percepções de corpo identificadas entre pacientes e profissionais de Medicina Tradicional Chinesa do centro de saúde escola do Butantã. **Saúde e Sociedade**, v. 21, n. 1. mar. 2012.
- CLANDININ, Jean. Potentials and possibilities for narrative inquiry. In: CAMPBELL, M.; THOMPSON, L. (eds.). **Issues of identity in music education: Narratives and practice advances in music education**. Charlotte: Information Age Publishing, 2010. p. 1-11.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- COHEN, Jean-Luis. **O futuro da arquitetura desde 1989**. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo, Cosac Naify, 2013.
- DIAS, Maria Luiza. Profissão, carreira e processo de luto. In: LIMA, Giovanna Albuquerque Maranhão de. *et al.* (org.). **Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico**. São Paulo: Vetor Editora, 2018. p. 65-85.
- FALZONI, Wendy. BDORT: propedêutica em medicina integrativa. **Revista Medicina Integrativa**, 03 set. 2020. Disponível em: <https://revistamedicinaintegrativa.com/bdort-propedeutica-em-medicina-integrativa/>. Acesso em: 22 maio 2022.

FIGUEIREDO, Milena Machado. **A Poética e a Prática do Chi Kung Dos Símbolos**. 2000. 139f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 276-294.

GUSMÃO, Gisela O.; OLIVEIRA, Olivia R. Mudança do Paradigma Asilar e a Resignificação da Identidade do Sujeito: estudo da terapêutica multidisciplinar na atenção ao idoso no instituto de longa permanência para idosos. In: **XI Congresso Brasileiro de Terapia Familiar: resumos e artigos**. São Paulo: ABRATEF, 2014. p. 400-416. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1gEjIA5DEmPNyLenbZDW5Go8GPnpiIKVY/view?usp=sharing>. Acesso em: 29 jun. 2021.

GUSMÃO, Gisela O.; SANTOS, Rita Cássia Domingues. Análise do Uso do Minimalismo Musical na Recuperação de Lutos Potencializados em Tempos de Isolamento Social: Reflexões e Práticas. In: ENCONTRO DA REDE DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO MULTIPLATAFORMA, 1., 2020, São Carlos. **Anais [...]**. São Carlos: RedCom, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1D7sJt9NyxA5rnGJztZ95Pt_15VlJlIn/view?usp=sharing. Acesso em: 26 jun. 2021.

LIVRAMENTO, Gutemberg. et al. A ginástica terapêutica e preventiva chinesa Lian Gong/Qi Gong como um dos instrumentos na prevenção e reabilitação da LER/DORT. Dossiê Temático: Incapacidade, Reabilitação e Saúde do Trabalhador. **Rev. bras. saúde ocup**, v. 35, n. 121, jun, 2010.

OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro. Pesquisa narrativa e educação: algumas considerações. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Educere, 2017.

OLIVEIRA, Juliano de.; SANTOS, Rita de Cássia D. dos. Tópicos e (Pós-)Minimalismo no cinema: o filme Interestelar e as tensões contemporâneas. In: MATTOS, Aclyse et al. (orgs.). **Estudos interdisciplinares em comunicação e mediações culturais: tensões contemporâneas**. São Leopoldo: Oikos, 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 261-266, 2008.

PAULA, Blanches de. Corpos enlutados: apontamentos para o cuidado pastoral. **Revista Caminhando**, v. 15, n. 1, p. 119-126, jan./jun. 2010.

PEREIRA, Inês Catarina Oliveira. **Avaliação do processo de luto:** na perspectiva do cuidador enlutado. 2014. Dissertação (Mestrado em Cuidados Paliativos) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23495/1/10975.pdf> Acesso em: 8 nov. 2022.

RAMOS, Danilo. **Fatores emocionais durante uma escuta musical afetam a percepção temporal de músicos e não músicos?** 2008. 268f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROMERO, Dalia Elena, et. al. Romero. Idosos no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil: Efeitos nas Condições de Saúde, Renda e Trabalho. Espaço Temático: Convid - Pesquisa de Comportamentos. **Cad. Saúde Pública**, v. 37, n. 3, 2021.

SANTOS, Gabriela Ruiz dos. **Respiração em Psicoterapia Corporal: teorias e técnicas para uma prática integrativa.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande, Porto Alegre, 2018.



S U M Á R I O

The background is a monochromatic blue-toned image. It features a hand on the left side, gripping a vertical light blue bar. Behind the bar, a landscape is visible, showing a road that curves through a field. Overlaid on the landscape are several large, semi-transparent gear icons of varying sizes, suggesting a theme of industry or mechanics. The overall aesthetic is modern and conceptual.

15

Lairce Aleluia de Campos

**FOTOETNOGRAFIA SOBRE
CULINÁRIA POPULAR
DE NOSSA SENHORA
DO LIVRAMENTO (MT)**

A pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida sob o modelo teórico de comunicação como cultura, conforme proposto pelo epistemólogo Venício Artur de Lima, que se propõe a apontar a dimensão cultural das práticas culturais, entende-se a comunicação como sistema de significação, isto é, como compartilhamento, como cultura. Nesta compreensão, a comunicação é oposta ao polo da transmissão, ou seja, a comunicação é entendida como compartilhamento, como cultura. O modelo proposto por Lima (2001) sugere uma análise histórico-crítica para a elucidação dos significados envolvidos nas práticas culturais.

É uma abordagem dialética, que remete ao *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade de Birmingham, na Inglaterra – cujos nomes exponenciais eram Raymond Williams e Stuart Hall. Porém, a definição de comunicação como cultura identificada por Lima (2001) na história das teorias da comunicação também dialoga com o pesquisador norte-americano James W. Carey (1934-2006). Para este autor, a comunicação é um ritual no qual e através do qual a cultura é produzida, mantida, restaurada e transformada.

A pesquisa se desenvolve no âmbito do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade (Citicom-UFMT/CNPq), coordenado pelo Professor Doutor Yuji Gushiken. O Grupo abriga, no período de aprovação deste projeto em seletivo, o Projeto de Pesquisa Comunicação e Cidade: Interfaces Interdisciplinares e, posteriormente, o projeto Paisagens culturais e comunicação no Brasil e em Moçambique, que funcionam como projetos guarda-chuva para abrigar esta pesquisa de doutoramento.

A investigação ocorreu no nível da domesticidade, ou seja, o trabalho investiga a culinária a partir de uma abordagem do cotidiano familiar e das refeições feitas e servidas em casa e muitas vezes servidas em festas de santo nas diversas localidades do município. Desta forma, como procedimento metodológico, a culinária tradicional é definida como aquela em que o preparo é feito segundo



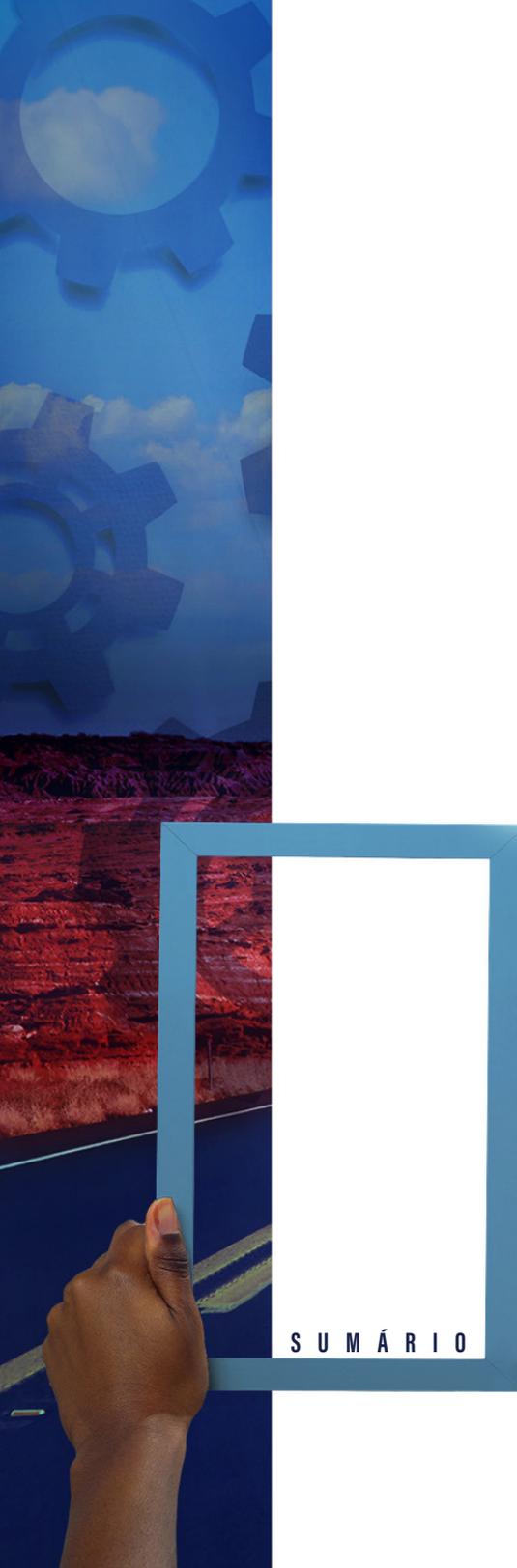
S U M Á R I O

tradição ancestral, com modo singular de fazer, que utiliza ingredientes do entorno ambiental, bem como equipamentos artesanais (GUSHIKEN *et al.*, 2004).

A culinária identificada em Nossa Senhora do Livramento envolve ingredientes oriundos de matérias-primas que se relacionam com os biomas do Cerrado e do Pantanal e, sobretudo, de um espaço que histórica e culturalmente constitui o cotidiano das populações mais antigas da Baixada Cuiabana. Conforme fomos observando, o quintal é espaço de produção de alimentos em pequena escala, e que passam a constituir os modos de estruturação das práticas culinárias no município. Nesse contexto, os quintais são lugares de cultivo e criação, em que se exhibe coleções de plantas medicinais, espécies alimentícias e florais, onde, de acordo com o dito popular: “tudo é remédio e serve pra alguma coisa”.

Nas idas a campo foi observada uma prática recorrente: a figura masculina comumente estava cuidando da roça, enquanto a mulher estava sempre na cozinha, no quintal e/ou lidando com a criação dos animais usados como ingredientes dos pratos, quais sejam: porco e frango. Esse processo inicial me fez entender que o trabalho de pesquisa ora desenvolvido é sobre culinária, e não sobre alimentos.

Daí então pude ir a campo com um olhar amadurecido, processo que começou em dezembro de 2019 e se estendeu até 2021 (com intervalo em 2020, devido ao decreto de pandemia da Covid-19). No entanto, conforme impossibilidade de deslocamento a campo e realização de entrevistas pessoalmente, algumas dúvidas e interrogações foram sanadas com uso de telefone e ou aplicativo de mensagens. Quando se fez necessário ir pessoalmente até os locais, isso ocorreu obedecendo todos os protocolos sanitários indicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), principalmente o distanciamento de 2 metros, o uso de máscaras - cheguei a usar duas máscaras - e álcool em gel.



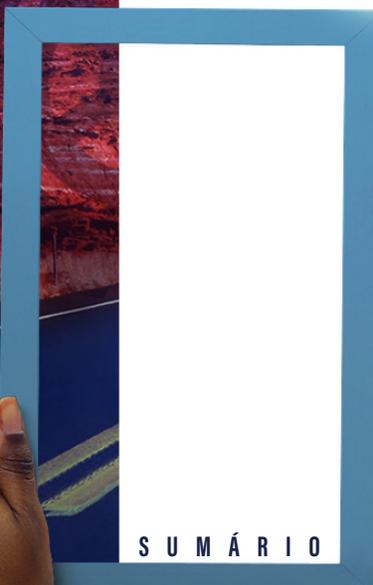
S U M Á R I O

Por compreender o município como um território urbano, conceito que, segundo Oswaldo Trigueiro (2013, p. 855), é um neologismo criado por Gilberto Freyre em sua obra "Rurbanização: o que é?" de 1982, com o intuito de definir uma comunidade que habita um perímetro conceitualmente urbano, mas que na realidade continua mantendo suas características culturais, econômicas e políticas rurais. As visitas foram realizadas na zona urbana e nas comunidades rurais do entorno, sendo elas: Mutuca, Pedro, Capim Verde e Santana.

É importante salientar que essa perspectiva parece ir ao encontro do que pontua Arthur Magon Whitacker (2010, p. 190), quando este afirma que "Cidade e campo são dimensões ao mesmo tempo distintas e complementares da existência social e, como característica comum, são formas espaciais". O autor salienta ainda que o "Rural e urbano denotam processos e sua identificação perpassa a compreensão de que são, também, fenômenos" (2010, p. 190).

Portanto, como ele aponta, esta distinção é necessária porque cidade e campo se caracterizam por representar concentração e dispersão e por serem continentes de processos socioespaciais próprios e complementares. Continua o autor enfatizando que "Urbano e rural se distinguem por serem atributos e constituintes, condições e condicionantes. Enfim, cidade e campo são formas espaciais. Urbano e rural possuem, acima de tudo, uma dimensão processual, são conteúdo e contingente" (WHITACKER, 2010, p. 191). É possível verificar e identificar a sede do município, ou seja, território urbano na cor ferrugem e em rosa, lilás e verde os distritos, os quais podem ser caracterizados como áreas prioritariamente rurais. Salienta-se ainda que mesmo o que é considerado centro tem entrecruzamentos com as características rurais, como já mencionado anteriormente.

Observamos uma relação epistêmica que vai ganhando fortes indícios nos modos como a culinária popular se constitui entre mulheres em Livramento: saberes das práticas agrícolas em pequena escala relacionam-se muito diretamente com os saberes culinários



S U M Á R I O

que tornam-se marcadores culturais da comensalidade local. Nessa relação ambiental, as cozinheiras agradam não apenas a seus filhos e entes queridos, na manutenção afetiva dos pratos tradicionais, mas fazem com que os saberes envolvidos na prática culinária se mantenham vivos na memória e na cultura livramentense.

Esta pesquisa em certa medida se identifica com a pesquisa participante, sobre a qual Brandão (1981, p. 18) diz que “surge mais ou menos ao mesmo tempo, em lugares diferentes, origina-se de diversas práticas sociais, articula diferentes fundamentos teóricos e alternativas metodológicas e destina-se a finalidades desiguais”.

Pesquisa participante tem feito sentido para mim, porque mesmo depois de tanto tempo longe de minhas raízes locais, passando à condição de estudante e depois jornalista formada e em atividade principalmente em Cuiabá, ainda carrego comigo o desejo não apenas por essas comidas da minha infância, mas principalmente pelas histórias e saberes contidos nelas e nos processos de feitura.

Por isso, geralmente antes de fazer a pesquisa focalizada nos modos de preparo dos pratos que viriam a ser degustados, eu observava toda a atmosfera do ambiente, que envolvia os artefatos, o quintal, o preparo, os ingredientes etc. A pesquisa tem a característica de pesquisa participante também porque, como alternativa solidária de criação de conhecimento social, ela se inscreve e participa de processos relevantes da ação transformadora que é a culinária popular.

Portanto, as cozinheiras observadas nesta pesquisa são vistas “como sujeitos, cuja presença ativa e crítica atribui sentido à pesquisa participante” (BRANDÃO, 1981, p. 28). Não são, de maneira alguma, apenas beneficiárias passivas dos efeitos diretos e/ou indiretos da pesquisa. Assim como pontua Brandão (1981, p. 28), a ideia aqui é realizar “desdobras através da participação ativa e crescente de tais atores”. Por se tratar de uma investigação sobre saberes de



S U M Á R I O

vocação popular, integra-se e busca participar dos processos de criação social elaborados por essas cozinheiras em sintonia com suas famílias e toda a comunidade.

Trata-se de uma pesquisa de nível descritivo, cujos processos centram-se nos sujeitos e em suas produções. Nesse contexto, os enfoques selecionados são: social, cultural, histórico e geográfico. Há uma preocupação com a abrangência do trabalho, definindo-se uma comunidade-alvo para servir de campo da pesquisa. O campo de pesquisa, aliás, é o “lugar da prática e da elaboração dos objetos do conhecimento científico, de sua construção sistemática e da fundamentação empírica dos fatos com que lida. É o lugar efetivo do trabalho dos pesquisadores, dinâmico e dialético, no qual se elabora uma prática científica” (LOPES, 2014, p. 94).

Os enfoques social, cultural, histórico e geográfico permitem visualizar em quais cenários são construídas as memórias imagéticas, particulares e/ou coletivas das cozinheiras que descrevem seu fazer culinário. Além disso, fornecem subsídios para a reconstrução dos percursos/itinerários ao longo do tempo e transformações que esse fazer possa ter sofrido. Por essa razão, sua abrangência é definida conforme emergem as informações nos corpos selecionados. De acordo com De Certeau (1994), essas práticas revelam as maneiras do fazer cotidiano.

O que se come? Come-se, é claro aquilo que se pode “oferecer”, aquilo que gostamos de comer. [...] “Gostar” também é um termo confuso, ligado ao jogo múltiplo das atrações e das repulsas, fundados nos hábitos da infância, magnificados pelas lembranças. [...]”. Em suma, nós comemos o que nossa mãe nos ensinou a comer – ou que a mãe de nossa mulher lhe ensinou a comer. Gostamos daquilo que ela gostava, do doce, ou do salgado, da geleia ou dos cereais da manhã. De tal forma que é mais lógica acreditar que comemos nossas lembranças (DE CERTEAU, 1994, p. 249).



S U M Á R I O

Marconi e Lakatos (2010, p. 65) explicam que nas Ciências Sociais distinguem-se o método de abordagem e os métodos de procedimentos. O método de abordagem refere-se ao nível da abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade, podendo ser: indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo e, por último, dialético.

Entre os métodos de procedimento mencionam-se: o histórico, o comparativo, o monográfico, o estatístico, o tipológico, o funcionalista, o estruturalista, o etnográfico e o clínico. O método etnográfico consiste na análise descritiva das sociedades humanas, primitivas ou ágrafas, rurais e urbanas, grupos étnicos etc., de pequena escala" (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 94).

Neste pressuposto, para este trabalho, foram observados os seguintes aspectos, mencionados por Marconi e Lakatos (2010): a) o estabelecimento de uma boa relação com os sujeitos da pesquisa, geradores dos dados; b) o emprego de uma variedade de técnicas audiovisuais para registro e coleta do maior número de dados e informações, a fim de conferir mais confiabilidade e validade para o estudo (em especial o registro fotográfico); c) a permanência no campo o tempo suficiente para assegurar uma interpretação correta dos fatos observados; d) a utilização de teorias e conhecimentos para guiar e informar as observações do que foi visto e ouvido, para possível redefinição de tema e depuração do processo de estudo (WILCOX, 1993 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 94).

Como os métodos de procedimentos podem ser utilizados em concomitância, pode-se afirmar que outra característica deste trabalho é seu caráter monográfico. Trata-se de um estudo em profundidade sobre as condições de produção da culinária popular de Nossa Senhora do Livramento (MT), envolvendo um grupo de cozinheiras tradicionais do município. Por vezes, parte de aspectos particulares do grupo estudado, como também abre discussões sobre o conjunto de fatores determinantes das atividades desse grupo social.



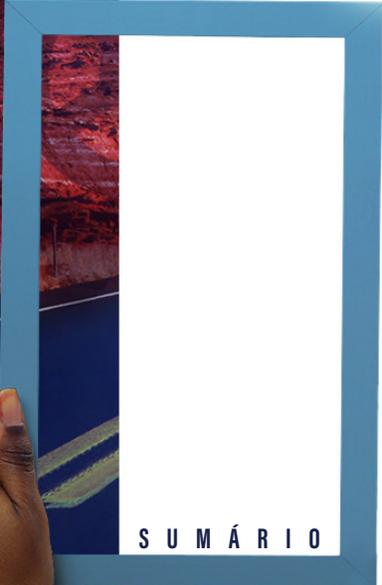
S U M Á R I O

Compreendidos o paradigma, o método de abordagem e os métodos de procedimento deste estudo, convém mencionar os procedimentos instrumentais da pesquisa, os quais operacionalizam a coleta de dados no trabalho. Para a obtenção dos dados foram utilizados dois procedimentos: a pesquisa bibliográfica e os contatos diretos (observação, registro fotográfico, documental e diálogos informais registrados em caderno de campo). Inicialmente, foram verificados quais os principais trabalhos produzidos sobre a temática da culinária em Livramento e seu entorno, a fim de se perceber o ineditismo da pesquisa e levantar estudos que pudessem contribuir para traçar o caminho proposto para a pesquisa.

O estudo da literatura antecedeu a pesquisa de campo, pois a análise minuciosa das fontes lançou luz e serviu de suporte para definir os contornos dos instrumentos utilizados. São fontes secundárias que propiciam a possibilidade de examinar o tema sob novo enfoque ou abordagem, trazendo contribuições inovadoras.

As fontes primárias selecionadas para a pesquisa partiram de dados históricos, geográficos e bibliográficos do município, registros e informações oficiais (institucionais da Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Livramento). Além disso, os contatos diretos forneceram, no momento da pesquisa de campo, fontes de informações imprescindíveis para a construção da cartografia culinária da comunidade. Na fase de coleta de dados, através de contatos diretos, a etapa de registro fotográfico teve destaque, pois a documentação por imagem favorece a reconstituição desse imaginário histórico e cultural, bem como suas simbologias, no processo de descrição.

Nesse sentido, a pesquisa não realizou apenas um trabalho de campo, mas uma incursão exploratória de caráter qualitativo e descritivo. Segundo Marconi e Lakatos, os estudos de campo exploratórios são "investigações de pesquisa empírica, cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade... com um



S U M Á R I O

ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 171).

Durante mais de 24 meses, o objeto de estudo foi observado e as informações coletadas em diversas comunidades de Nossa Senhora do Livramento, buscando-se perceber as inter-relações entre os sujeitos e suas produções culinárias, sua cultura, suas vivências ou histórias de vida. A observação é uma técnica de coleta de dados eficaz na obtenção de aspectos relevantes da realidade e adequado para os objetivos propostos.

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social. (...) A observação permite a evidência de dados não constantes do roteiro de entrevistas ou de questionários (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 174).

Finalmente, o procedimento realizado foi o da observação não estruturada (meio utilizado), participante e individual. A observação assistemática é informal ou espontânea, simples e livre, consistindo-se naquela em que os fatos da realidade são recolhidos e registrados pelo pesquisador sem um método específico ou especial. Nesse caso, não é necessário um planejamento e controle previamente elaborados (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 175).

Na observação participante, o pesquisador se insere na comunidade ou grupo, aproximando-se deste e participando de suas atividades. Trata-se de posicionar-se num mesmo lado observador e observado, a fim de que o observador vivencie o que o observado vivencia em seu mundo e seu próprio sistema de referência. Como pertença à mesma comunidade ou grupo investigado, sendo nascida



S U M Á R I O

e criada em Nossa Senhora do Livramento, diz-se que se trata de uma observação participante natural (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 177).

Desta forma, a observação é primordial, não apenas para mim na posição de pesquisadora, como também para a transmissão dos saberes culinários, pois como coloca Giard (2011): “Nas tradições culinárias, as transmissões orais estão ligadas a reprodução do saber-fazer”. Um exemplo é o uso do fogão a lenha, que nas casas visitadas mantém-se como principal utensílio de uso diário para o preparo das refeições, e, mesmo a população possuindo o fogão a gás, o fogão à lenha, como equipamento ancestral, ainda faz parte do cotidiano. As cozinheiras livramentenses conjugam equipamentos modernos com técnicas e utensílios antigos no preparo de suas receitas.

Essas receitas são aqui interpretadas a partir do léxico proposto por Giard (2011), que compreende a linguagem usada na cozinha desde quatro domínios distintos, sendo eles: os ingredientes, ou seja, a matéria-prima; os utensílios e recipientes, como o fogão de lenha, citado acima e os outros aparelhos como batedeiras, liquidificadores, etc.; as operações, os gestos e movimentos das mãos e os produtos, ou seja, a nomeação dos pratos obtidos.

Por conta da adoção deste método veio à consciência o fato de que no espectro da culinária existem hábitos e costumes, sendo o hábito um modo de agir particular, e o costume uma maneira de agir do coletivo, intrinsecamente ligado à cultura de um povo. De forma resumida, é possível dizer que o hábito é resultado de uma escolha, mas o costume é derivado de uma tradição. Sendo assim, nesta tese, o recorte analítico se dará em termos dos costumes alimentares mais tradicionais do povo de Nossa Senhora do Livramento. Para Hobsbawm e Ranger (2008, p. 10),

O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível



S U M Á R I O

ou idêntico ao precedente. Sua função é dar qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história.

Essa compreensão definiu alguns rumos da pesquisa, tanto que, no segundo semestre de 2018, junto com o orientador desta tese, elaborou-se o planejamento da pesquisa exploratória. Bem como, ocorreu a delimitação das categorias de análise, que se dividem em: matéria-prima; temperos; suplementos; equipamentos; modos de fazer. Tais categorias de análise darão suporte para a elaboração de um inventário, com os principais pratos do cotidiano de Livramento.

Como procedimento metódico, o registro fotográfico, aliado a uma perspectiva antropológica, pretende constituir uma fotoetnografia, definida por Francisco Silva de Lima (2008) como uma forma de descrição, que possui a capacidade de retratar todos os aspectos da realidade.

Utiliza-se a fotografia como narrativa imagética, no que se dialoga com Novaes (2012), para quem a fotografia é vista como recurso estratégico, que se alia ao caderno de campo, permitindo registrar o que dificilmente se consegue descrever em palavras, seja pela densidade visual daquilo que é registrado, seja por seu aspecto mais sensível e emocional.

Segundo Luiz Eduardo Achutti (2004), a fotoetnografia pressupõe alguns elementos para a sua constituição, como a utilização de fotografias sem textos explicativos entre as imagens ou o uso de legendas. A narrativa deve ocorrer unicamente pelas imagens que apresentam, em si e entre si, uma construção de sentido. Porém, ao especificar as orientações metodológicas para a construção de uma fotoetnografia, Achutti explicita que não existe impedimento em fornecer informações de escritas variadas antes de mergulharmos nas imagens.



S U M Á R I O

A fotoetnografia, como metodologia de pesquisa, desempenha um papel fundamental na compreensão e documentação de contextos culturais e sociais. A combinação da fotografia e da etnografia permite capturar e transmitir de forma visual e textual as complexidades e nuances de uma determinada cultura, revelando detalhes que poderiam ser perdidos em uma abordagem exclusivamente textual.

Uma das principais vantagens da fotoetnografia é sua capacidade de fornecer uma representação mais rica e imersiva do objeto de estudo. Enquanto a escrita etnográfica pode descrever e analisar eventos e situações, a fotografia complementa essa narrativa ao fornecer imagens visuais que retratam o ambiente, as pessoas, as práticas culturais e os objetos de forma mais direta. Essas imagens têm o poder de transmitir emoções, expressões faciais, gestos e cenários, proporcionando uma compreensão mais profunda e empática da cultura em questão.

Além disso, a fotoetnografia tem a capacidade de ampliar a voz e a perspectiva das comunidades estudadas. Por meio da fotografia, as próprias pessoas envolvidas no contexto têm a oportunidade de representar suas realidades, desafiando estereótipos e narrativas dominantes. Essa abordagem colaborativa e participativa permite que as comunidades sejam agentes ativos na construção do conhecimento, compartilhando suas histórias, tradições e visões de mundo por meio das imagens capturadas.

A fotoetnografia também desempenha um papel importante na preservação e documentação do patrimônio cultural. Ao registrar visualmente práticas culturais, rituais, festivais e outros aspectos da vida cotidiana, as fotografias podem servir como evidências valiosas para a preservação de tradições e memórias. Esses registros visuais podem ser utilizados como documentos históricos e antropológicos, contribuindo para a compreensão e valorização da diversidade cultural em um mundo em constante mudança.



S U M Á R I O

Outra vantagem da fotoetnografia é sua capacidade de alcançar públicos mais amplos e diversos. As imagens têm um apelo visual universal e podem transcender barreiras linguísticas e culturais, tornando-se uma ferramenta poderosa para a comunicação e disseminação do conhecimento. Por meio de exposições, publicações, apresentações e mídias digitais, as fotografias etnográficas podem ser compartilhadas e apreciadas por diferentes públicos, promovendo a sensibilização e o diálogo intercultural.

No entanto, é importante destacar que a fotoetnografia também apresenta desafios e questões éticas a serem consideradas. Assim, a captura e o uso de imagens foram pautados no respeito à privacidade, ao consentimento informado e à sensibilidade cultural, uma vez que é essencial estabelecer relações de confiança e colaboração com as comunidades estudadas, envolvendo-as no processo de coleta, seleção e interpretação das fotografias.

A fotoetnografia também permite uma reflexão crítica sobre a relação entre imagem e poder. As fotografias têm o potencial de tanto reforçar quanto desafiar narrativas dominantes e estereótipos culturais. Através da seleção cuidadosa das imagens e da contextualização adequada, é possível trazer à tona questões de representação, poder e identidade. A fotoetnografia pode, portanto, questionar visões estereotipadas, desigualdades sociais e estruturas de dominação, abrindo espaço para uma análise mais aprofundada e uma compreensão mais crítica das dinâmicas culturais e sociais.

Uma das contribuições importantes da fotoetnografia é sua capacidade de documentar e compreender mudanças culturais e transformações sociais ao longo do tempo. Por meio do registro visual, é possível capturar processos de adaptação, assimilação e resistência que ocorrem em diferentes comunidades e contextos. As fotografias podem mostrar as modificações nas práticas, nas vestimentas, nas moradias e nas interações sociais, fornecendo um registro valioso para a compreensão das dinâmicas culturais em constante evolução.



S U M Á R I O

A fotoetnografia também pode desempenhar um papel importante na construção de pontes interculturais e na promoção do diálogo entre diferentes grupos sociais. Ao compartilhar imagens e narrativas visuais, é possível criar uma plataforma de troca e aprendizado mútuo. As fotografias podem despertar a curiosidade, incentivar a empatia e promover um maior entendimento e respeito pelas diferenças culturais. Essa abordagem colaborativa pode facilitar o desenvolvimento de relações mais igualitárias e interculturais, promovendo a valorização da diversidade cultural e a construção de pontes de compreensão entre as comunidades.

No entanto, é fundamental reconhecer que a fotoetnografia também enfrenta desafios éticos e metodológicos. A representação visual de culturas e pessoas requer uma sensibilidade cultural e uma abordagem reflexiva. É importante considerar as hierarquias de poder, evitar a objetificação e o exotismo, e garantir que as imagens sejam apresentadas de forma ética e respeitosa. Além disso, o compartilhamento e o uso das fotografias devem ser feitos com cuidado, levando em conta questões de propriedade intelectual e consentimento informado.

Em última análise, a fotoetnografia é uma ferramenta poderosa para a pesquisa que permite uma abordagem multidimensional e enriquecedora das culturas e sociedades. Ao combinar a fotografia e a etnografia, ela nos convida a explorar as complexidades das vidas humanas e das interações sociais de uma forma que transcende as limitações das palavras. Através da fotoetnografia, podemos capturar histórias visuais, expressões culturais e modos de vida, contribuindo para uma compreensão mais profunda e inclusiva da diversidade humana.

A análise descritiva, como metodologia de pesquisa, desempenha um papel fundamental na fotoetnografia ao fornecer um contexto detalhado e uma compreensão aprofundada das imagens capturadas. Enquanto a fotoetnografia utiliza a fotografia como uma



S U M Á R I O

forma de documentar e transmitir visualmente as nuances culturais e sociais, a análise descritiva complementa essa abordagem ao fornecer uma estrutura analítica para interpretar e discutir essas imagens.

Por meio da análise descritiva, os pesquisadores podem examinar cuidadosamente as fotografias, identificando elementos visuais, padrões, gestos, expressões e detalhes contextuais que possam ser significativos dentro do contexto cultural estudado. Essa análise minuciosa das imagens permite a identificação de temas, narrativas visuais e elementos culturais que podem não ser imediatamente evidentes. Através de categorias e códigos, os pesquisadores podem organizar e sintetizar as informações visuais, fornecendo uma base sólida para a interpretação e análise dos dados fotográficos.

A análise descritiva também pode incluir a consulta a outros materiais, como entrevistas, observações participantes e registros escritos, a fim de obter uma compreensão mais holística do contexto cultural representado nas fotografias. Essa triangulação de diferentes fontes de dados permite uma abordagem mais abrangente e uma validação dos resultados obtidos a partir da análise visual. Além disso, a análise descritiva pode revelar lacunas ou contradições nas imagens, destacando a importância de considerar o contexto mais amplo e as nuances da cultura em estudo.

A combinação da fotoetnografia com a análise descritiva permite uma abordagem rica e aprofundada da pesquisa, explorando não apenas os aspectos visuais, mas também os significados culturais subjacentes e as dinâmicas sociais representadas nas fotografias. Essa metodologia oferece uma oportunidade de explorar e interpretar as imagens de uma forma sistemática e reflexiva, contribuindo para uma análise mais rigorosa e embasada.

É importante ressaltar que a análise descritiva na fotoetnografia não se limita apenas à descrição literal das imagens, mas também envolve a interpretação e a contextualização dos elementos



S U M Á R I O

visuais dentro de um quadro teórico e cultural mais amplo. A análise descritiva é uma ferramenta essencial para desvendar os significados simbólicos, as práticas culturais e as relações sociais que emergem das fotografias, permitindo uma compreensão mais profunda e complexa da cultura em estudo.

Neste sentido, parece apropriada a utilização da análise descritiva, uma vez que, a mesma tem como objetivo descrever e compreender eventos em tempo real. Como o próprio nome diz, é uma análise que se limita a descrever um evento ou objeto, que neste caso é a culinária tradicional de Nossa Senhora do Livramento (MT). Este tipo de análise não emite julgamento de valor e limita-se a entender o impacto dos dados obtidos no presente. Portanto, as análises de dados da pesquisa, se darão a partir da descrição dos rituais (James Carey) adotados pelas cozinheiras elencadas como sujeitas da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W., GASKELL, George, ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. *In*: Bauer, Martin. (ed.); Gaskell, George. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi, p. 17-36. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUER, Martin.; GASKELL, George. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. *In*: Bauer, M. (ed.); Gaskell, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, p. 17-36. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. Rio de Janeiro: Cortez, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues *et al.* **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Trad: Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

DE LIMA, Francisco Silva. **Projeto Fotoetnográfico Ilha dos Marinheiros**: a utilização da fotografia como método de pesquisa. 2008.

DORIA, Carlos Alberto. **Formação da Culinária Brasileira**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus municípios**. Editora Buriti, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUSHIKEN, Yuji. Folkcomunicação: interpretação de Luiz Beltrão sobre a modernização brasileira. **Revista Razón y Palabra**: nº 77, Agosto-October, 2011.

GUSHIKEN, Yuji; SILVA, Lawrenberg Advíncula da; MAGALHÃES, Adoniram Judson Almeida de. **Rumores e sabores de uma feira**: Culinária popular e cosmopolitismo banal em Cuiabá. RUA, v. 19, n. 1, p. 57-72, 2013.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1997. Coleção Pensamento Crítico. v. 55. IBGE.

Panorama Nossa Senhora do Livramento. Disponível em: IBGE | Cidades@ | Mato Grosso | Nossa Senhora do Livramento | Panorama. Acesso em: 9 abr. 022.

ICMBio. **Plano de Manejo Serra das Araras**. 2016. Brasília. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/dcom_plano_de_manejo_Esec_Serra_das_Araras.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022

NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO. **Parceria proporciona Treinamento em Cultivo de Mandioca na Comunidade Ninho das Águias**. Publicado em: 10 de Junho, 2019 às 21:24:00. Disponível em: <https://www.nossasenhoradolivramento.mt.gov.br/Noticias/Parceria-proporciona-treinamento-em-cultivo-de-mandioca-na-comunidade-ninho-das-aguias--1651> Acesso em: 14 mar. 2022.

S U M Á R I O

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1984.

MULLER, Silvana Graudenz. **Patrimônio cultural gastronômico**: identificação, sistematização e disseminação dos saberes e fazeres tradicionais. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. 2012.

MOURA, Antônio Eustáquio. **Quilombo Mata-Cavalo, a fênix negra mato-grossense**: etnicidade e luta pela terra no estado de Mato Grosso. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. 2009.

MOURA, Marília da Conceição Reis de. **Construções culturais nas práticas alimentares da Festa em Vila Bela da Santíssima Trindade-Mato Grosso**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Mato Grosso, Cuiabá, 2005.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 1, n. 5, p. 1-9, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A Folkcomunicação e os Ativistas Midiáticos. *In*: MARQUES DE MELO, José; MOREIRA FERNANDES, Guilherme (org.). **Metamorfose da folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

TRIGO, TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Apresentação. *In*: BARRETO, Ronaldo Lopes Pontes. **Passaporte para o sabor**: Tecnologias para a elaboração de cardápios. São Paulo. Editora SENAC. 2001.

WHITACKER, Arthur Magon. Campo e cidade. Cidades médias e pequenas. Algumas proposições para a pesquisa e o debate. *In*: Lopes, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (org.). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 187-194.

ÍNDICE REMISSIVO

A

ações culturais 93
ações humanas 124
adaptações 85, 92
adolescentes 62, 63, 64, 67, 68
agenciamentos 9
agentes 9, 11, 24, 25, 39, 48, 50, 79, 80, 81, 161
aldeia global 34
alteridade 34
ambiente escolar 62, 64
ambiente social on-line 56
América do Sul 105
amor-próprio 57
Argentina 105
artefato cultural 87, 88, 89
ateliers artísticos-terapêuticos 136, 137
áudios 109
autoetnografia 57, 58, 59, 60
autonomia 84, 86, 88, 89
avanço tecnológico 9, 28

B

bateristas 116, 117
biossegurança 109, 110
Bolívia 105
Brasil 30, 32, 39, 63, 67, 76, 105, 106, 119, 120, 128, 133, 134,
137, 140, 149, 151

C

Calango 101, 102
câncer de mama 79

capital simbólico 98, 100
Carnaval 46, 101
cartografia 71, 72, 73, 90, 98, 157
censura 39, 115, 119, 120, 121, 122
Cerrado 152
ciberespaço 28, 32, 33, 34, 35, 36, 60, 99, 106, 134
comportamentos suicidas 62, 64
comunicação 17, 20, 23, 24, 25, 28, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46,
47, 48, 49, 50, 65, 68, 90, 97, 98, 99, 106, 127, 128,
132, 134, 146, 148, 151, 162, 165
comunidade católica 110
comunidade mutuca 9, 71
comunidade poconeana 112
comunidade virtual 56
conhecimentos ancestrais 75
contexto cultural 21, 92, 111, 164
contextualização 162, 164
contracultura 99, 100, 104
cooperativismo 23, 24
costumes 93, 124, 159
culinária popular 10, 153, 154, 156
culinária tradicional 151, 165
cultura de massa 44, 45
cultura digital 128
cultura erudita 45
cultura folk 45
cultura material 73, 80
cultura popular 10, 41, 45, 47, 49, 92, 93, 94, 108, 109, 111, 134
culturas juvenis 124, 127

S U M Á R I O

S U M Á R I O

D

Dança dos Mascarados 92, 93, 113
diário de campo 80, 130
diversidade 24, 25, 78, 126, 161, 163
domesticidade 151

E

educação quilombola 74
empatia 24, 59, 163
ensino médio 66, 124, 128, 129
Espaço Cubo 101, 102, 103
espaços contemporâneos 127
espaço tridimensional 138, 140, 141, 142
Especulação Fabulativa ciborgue 78
estratégias 10, 34, 45, 63, 92, 96, 102, 106, 108, 109,
112, 129, 147, 166
estudos de cultura 127
etnografia 28, 53, 54, 55, 56, 58, 71, 79, 109, 124, 126, 133, 161, 163
etnografia praxiográfica 79

F

feira de São Benedito 124, 125, 126
festas de quintais 110
festas religiosas 111
flexibilização 85, 86, 88
folclore 40, 41, 47, 49
Folkcomunicação 15, 38, 39, 40, 41, 44, 47, 48, 49, 50,
128, 165, 166, 167
fortalecimento cultural 71, 73, 74
fotoetnografia 160, 161, 162, 163, 164

G

geografia 115, 118
geografia emocional 115, 118
globalização 33, 38, 46, 50, 86, 88, 94, 165
Grito Rock 96, 99, 101, 103, 104, 105
grupos de discussão on-line 62, 63
grupos sociais 10, 97, 124, 126, 163

H

hermenêutica 132
hibridação 45, 98, 100

histórias de vida 130, 132, 158

I

identidades 10, 23, 24, 33, 34, 115, 134
ideologias 10, 62, 63, 115
Instagram 57
internet 28, 33, 35, 57, 62, 63, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 99, 103, 133

J

jornalismo 30, 39, 40, 41, 48
justiça social 85

L

lambadão 116, 117
letras 109, 117, 119, 131
lutos 136, 137

M

mapeamento 44, 72, 73, 110
Mato Grosso 9, 13, 14, 15, 58, 66, 79, 92, 100, 101, 105, 106, 109,
113, 116, 125, 129, 130, 134, 137, 166, 167
mediações culturais 124, 127, 134, 148
meditação 136, 145
melodias 109
memória 8, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 72, 74, 80, 92, 126, 134,
142, 144, 145, 154
memórias coletivas 33, 71
método cartográfico 21, 26, 90
método etnográfico 28, 53, 54, 55, 56, 156
metodologia de pesquisa 110, 129, 136, 161, 163
método netnográfico 56, 57
Minimalismo Musical 137, 148
modernidade 75, 80, 81, 92, 94, 106, 112, 166
mulheres 30, 32, 33, 57, 79, 124, 143, 153
música 10, 12, 16, 98, 115, 116, 117, 121, 122, 125, 136, 137, 145, 147
música minimalista 136, 137, 145
Mutuca 71, 73, 74, 153

N

narrativas 33, 34, 71, 78, 136, 137, 138, 141, 145, 146,
161, 162, 163, 164
narrativas quilombolas 71
neoliberalismo 84, 88, 90

Netnografia 28, 30, 56, 60, 65, 97, 126, 133
Nossa Senhora do Livramento 125, 152, 156, 157,
158, 159, 165, 166

P

pandemia 78, 109, 110, 128, 129, 136, 137, 142, 146, 147, 152
Pantanal 109, 110, 152
patrimônio 72, 80, 112, 161
percepções coletivas 111, 112
performance baterística 116, 117
pertencimento 58, 74, 80
pesquisa documental 44, 66, 97, 120, 121, 124
Pesquisa Narrativa 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143,
144, 145, 146, 147
pesquisa participante 154
pesquisa performativa 116, 122
pesquisa qualitativa 47, 88, 90, 96, 112, 147
poemas 57
polifonia de vozes 34
praticantes 110
práticas alimentares 71, 72, 73, 74, 75, 167
práticas culturais 22, 72, 99, 124, 125, 126, 129, 151, 161, 165
práticas culturais afro-brasileiras 124, 125
praxiografia 79, 80
processos sociais 73, 92
Punk Rock 115, 119, 121, 122

Q

Qi Gong – Liu Zi Jue 136, 145

R

recortes de jornais 121
redes sociais 9, 12, 57, 62, 63, 64, 66, 67, 73, 96
relacionamento afetivo 57
relações de trabalho 84, 86, 87, 89
relações humanas 17, 34, 136
relações sociais 63, 84, 98, 126, 130, 165
relaxamento 136
remediação 28, 29, 34
resistência 33, 46, 49, 80, 98, 100, 134, 160, 162
ressignificações 71, 92
ressignificações religiosas 71

rezas cantadas 10, 109, 110
roda de conversa 109, 110, 111, 112, 130

S

saberes e fazeres 74, 75, 167
sala de aula 23, 24, 115, 117, 118, 122, 129, 139
senso de lugar 80
sincretismo 74
sociabilidade 99, 140, 146
sociedade capitalista 46
subjetividade 8, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 38, 54, 90,
96, 100, 115, 136
suicídio 9, 62, 63, 64, 65, 67, 68

T

teatralização 111
tecnologias 45, 57, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 103, 129
temporalidade 32, 136, 139, 140, 143
teoria da comunicação 38, 39
território quilombola 73, 74
território urbano 153
timbres vocais 111
trabalhadores de aplicativos 89
trabalho 9, 11, 21, 22, 28, 33, 38, 40, 43, 44, 53, 55, 58, 59, 65,
71, 74, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93, 96, 99, 100,
102, 109, 116, 124, 128, 129, 130, 138, 142, 143, 151,
152, 155, 156, 157
trabalho de campo 21, 55, 59, 65, 71, 93, 157
tradições 12, 46, 62, 92, 159, 161, 166
transformação 25, 73, 142, 144
turismo sustentável 112

U

underground 97, 98, 100, 102, 104, 106

V

vida saudável 75
vida social 53, 56, 92
violências 62
vivências 17, 21, 24, 71, 74, 124, 136, 137, 158

W

web-história[s] 29, 30, 31, 32, 34
websites 28, 29, 30, 31, 32, 33

S U M Á R I O

www.pimentacultural.com

Metodologias e Subjetividades

Relatos
de pesquisas
em Cultura
Contemporânea

